


Aluiza Alves de Araújo
Rakel Beserra de Macêdo Viana
Maria Lidiane de Sousa Pereira

PORCUFORT

uma história em dois tempos



Aluiza Alves de Araújo
Rakel Beserra de Macêdo Viana
Maria Lidiane de Sousa Pereira

PORCUFORT

uma história em dois tempos



2022

São Paulo

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2022 as autoras.

Copyright da edição © 2022 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski

Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimário Pimentel Silva

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand

Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah

Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos

Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni

Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginiski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taiza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton

Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite

Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Eliisene Borges Leal

Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior

Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes

Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo

Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva

Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento

Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Marketing digital	Lucas Andrius de Oliveira
Editoração eletrônica	Peter Valmorbida Potira Manoela de Moraes
Imagens da capa	Wirestock, Freyabbate - Freepik.com
Tipografias	Swiss 721, MADE Sunflower, Sofia Pro
Revisão	Brenda Kathellen Melo de Almeida
Autoras	Aluiza Alves de Araújo Rakel Beserra de Macêdo Viana Maria Lidiane de Sousa Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A659p

Araújo, Aluiza Alves de

PORCUFORT: uma história em dois tempos / Aluiza Alves de Araújo, Rakel Beserra de Macêdo Viana, Maria Lidiane de Sousa Pereira. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-557-6

DOI 10.31560/pimentacultural/2022.95576

1. Linguagem. 2. Metodologia. 3. Pesquisa. I. Araújo, Aluiza Alves de. II. Viana, Rakel Beserra de Macêdo. III. Pereira, Maria Lidiane de Sousa. IV. Título.

CDD 418.007

Índice para catálogo sistemático:

I. Linguagem

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

PIMENTA CULTURAL

São Paulo · SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 2



Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, F. **Mensagem**. Poema X - Mar
Português. Edições Ática: Lisboa, 1959.



Aos valorosos e incansáveis
documentadores do
Projeto PORCUFORT que,
persistentemente, vasculharam
as ruas de Fortaleza em
busca de informantes;

ao espírito altruísta dos
informantes que doaram horas
preciosas de suas vidas ao Projeto
PORCUFORT, dedicamos.

Agradecimentos

A todos os documentadores do Projeto PORCUFORT, sem os quais não teria sido possível a constituição de nenhuma das suas duas amostras.

A todos os informantes que, em nome da ciência, aceitaram, gentilmente, ser entrevistados por nossos documentadores.

Ao CNPQ, pelo auxílio financeiro.

Aos membros do SOCIOFOR e do LAPESCE que participaram, ativamente, das buscas por informantes.

À Universidade Federal do Ceará - UFC, à Universidade Estadual do Ceará - UECE e à Universidade de Fortaleza – UNIFOR, universidades mais presentes em nosso *corpus*, por formarem, há décadas, o povo cearense, objeto de estudo deste livro.

À Leila Nobre que nos cedeu as fotos de Fortaleza e possui um belo trabalho divulgando a história de nossa cidade.

À Diretora do CH, Pof.^a Dr.^a Adriana Maria Duarte Barros.

Aos coordenadores do Curso de Letras da UECE.

E aos funcionários do Curso de Letras e do CH.

Sumário

Prefácio	14
Apresentação.....	16
Capítulo 1	
A relevância dos bancos de dados sociolinguísticos	19
Capítulo 2	
PORCUFORT Fase I	25
Fortaleza: de meados do século XVII ao fim da década de 1990.....	26
A primeira comunidade de fala: Fortaleza da década de 1990	37
A metodologia usada no PORCUFORT Fase I	42
Os procedimentos éticos adotados no PORCUFORT Fase I	43
Amostra e perfil dos informantes do Projeto PORCUFORT Fase I	44
Procedimentos adotados para coleta de dados	51
Entrevistas do Projeto PORCUFORT Fase I	54
Transcrições do Projeto PORCUFORT Fase I	55
Estágio atual do Projeto PORCUFORT Fase I	57

Capítulo 3

PORCUFORT Fase II 86

O PORCUFORT Fase II:
uma pesquisa em tempo real do tipo tendência..... 87

A segunda comunidade de fala:
Fortaleza do final de década de 2010 89

A metodologia usada
no PORCUFORT Fase II 100

 Os procedimentos éticos
 adotados no PORCUFORT Fase II 100

 Amostra e perfil dos informantes
 do PORCUFORT Fase II 102

 Procedimentos adotados
 para coleta de dados 105

 Entrevistas do Projeto PORCUFORT Fase II 107

 Transcrições do Projeto PORCUFORT Fase II..... 111

Estágio atual do Projeto PORCUFORT Fase II 114

Capítulo 4

**Sugestões de amostras do PORCUFORT
Fase I e Fase II para pesquisas em tempo
aparente e em tempo real 163**

Considerações Finais..... 174

Referências 175

**Apêndice I – Termo de Consentimento
Livre e Esclarecido – TCLE 181**



Apêndice II – Ficha do Informante	184
Anexo I – Fotografias Dos Coordenadores do Projeto Porcufort em suas Duas Fases	187
Anexo II – Fotografia das Documentadoras Voluntárias, Alunas Do Curso de Letras da UECE na Fase I	189
ANEXO III – Fotografias dos Documentadores Voluntários, Alunos do Curso de Letras da UECE na Fase II	192
Anexo IV – Fotos com Informantes do PORCUFORT Fase II	197
Anexo V – Fotografias dos Coordenadores do Curso de Letras da Uece Durante o Período do Projeto na Fase II	198
Anexo VI – Fotografias dos Coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – Posla – UECE Durante o Período do Projeto na Fase II	201

**Anexo VII – Fotografias
de Funcionários do Centro
de Humanidades da Universidade
Estadual do Ceará - Uece Durante a Fase I 204**

**Anexo VIII – Fotografias
de Funcionários do Centro
de Humanidades da UECE Durante a Fase II 206**

Sobre as Autoras 210

Índice Remissivo 211



Prefácio

A publicação do livro *PORCUFORT: uma história em dois tempos*, de Aluiza Alves de Araújo, Rakel Beserra de Macêdo Viana e Maria Lidiane de Sousa Pereira, é um marco na história dos estudos sociolinguísticos cearenses, uma vez que tem por foco documentar a trajetória do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza. Nesse livro, o leitor encontrará registros linguísticos, históricos e afetivos que dão uma ampla visão sobre o que é fazer ciência no Brasil.

O livro é um retrato do trabalho gigantesco feito pelas autoras e pelos demais membros do Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará - LAPESCE, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Inclusive, é imperioso destacar a importância do projeto PORCUFORT e do Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas de Fortaleza - SOCIOFOR para o fornecimento de fotografias sociolinguísticas sobre a fala culta de Fortaleza, uma vez que, ao longo de décadas, diversas foram as publicações – incluindo teses, dissertações, artigos, entre outros – as quais tiveram seus objetos de estudo fornecidos pela análise do banco de dados em questão.

Chama-nos a atenção o rigor metodológico na execução de todo o processo de constituição do banco de dados: planejamento, treinamento da equipe, entrevistas, transcrições e revisões, mesmo na década de 90 do século XX, período em que os estudos sociolinguísticos no Brasil ainda estavam engatinhando. Através dessas páginas, vê-se o comprometimento com a ampliação do conhecimento sobre a realidade do português falado no Brasil, mais especificamente, o fortalezense. Tal empreitada chega ao seu ápice com a realização da Fase II do Projeto, cujo objetivo visou à viabilização a realização de pesquisas

em tempo real, através de estudos de tendência, na comunidade de fala examinada.

Diante desse panorama, o livro destaca-se como um documento que resgata a memória desse banco de dados, a qual se confunde com a própria memória da pesquisa (socio)linguística brasileira. Acreditamos que, ao lê-lo, pesquisadores, professores e estudantes de Letras encontrarão um terreno fértil para a suas vidas na academia. Desse modo, convidamos os leitores a aprofundar-se nessa *história em dois tempos* que tanto tem contribuído na descrição e análise de diversos fenômenos linguísticos, no plano fonético-fonológico, morfo-sintático e semântico-discursivo, na variedade culta do português falado na capital cearense.

*Prof.^a Dr.^a Lorena da Silva Rodrigues,
Abril de 2022.*

Apresentação

A constituição de bancos de dados sociolinguísticos é significativa para a análise e descrição das variedades de qualquer língua, visto que disponibiliza dados reais de fala e/ou escrita para o exame de diferentes fenômenos linguísticos, a partir dos níveis fonético-fonológico, morfossintático e semântico-discursivo e de distintas abordagens teórico-metodológicas.

Considerando-se essa questão, as autoras, nesta obra, brindam o seu leitor com um percurso histórico e bibliográfico sobre o Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) tanto em sua Fase I como na Fase II. Este banco de dados foi constituído, tendo o apoio da Universidade Estadual do Ceará (UECE), sob a coordenação do Prof. Dr. José Lemos Monteiro, na Fase I, com o objetivo de documentar e de descrever a variedade culta falada pelos fortalezenses. Por volta de 2010, o Prof. Lemos Monteiro, já aposentado, deixa a amostra da Fase I sob os cuidados da Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo que, atualmente, na Fase II, ficou responsável por coordenar a coleta de dados da segunda amostra deste projeto.

Assim, o objetivo deste livro é trazer a público, tanto a história da constituição do PORCUFORT Fase I, e seu estágio atual, quanto todas as pesquisas realizadas até o momento, a partir dos dados oriundos desse banco de dados. Além de discorrer sobre a constituição e organização da Fase II.

Segundo as autoras, o banco de dados do PORCUFORT Fase I foi organizado no início da década de 1990 e encontra-se totalmente transcrito e digitalizado sob os cuidados da Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo, docente da UECE. O PORCUFORT Fase I é composto por 73 informantes estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino),

a faixa etária (faixa I – 22 a 35 anos; faixa II – 36 a 55 anos e faixa III – a partir dos 56 anos) e o tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador: DID; Diálogo entre dois Documentadores: D2 e Elocução Formal: EF), conforme explicam Araújo (2000) e Araújo, Viana e Pereira (2018).

Por outra parte, a Fase II do PORCUFORT foi elaborada no final da década de 2010, com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994, 2006, 2008, 2010; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Como na Fase I, o *corpus* da Fase II também é estratificado por: sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa I – 22 a 35 anos, faixa II – 36 a 55 anos e faixa III – a partir dos 56 anos) e tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador: DID, Diálogo entre Dois Documentadores: D2 e Elocução Formal: EF).

Para além das pesquisas realizadas com os dados da Fase I, de acordo com as autoras, a elaboração dessa segunda fase do projeto PORCUFORT possibilitará, aos pesquisadores sociolinguistas, a descrição e análise em tempo real e, também, em tempo aparente, de inúmeros fenômenos de variação e mudança linguística dispostos nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e semântico-discursivo da variedade culta de Fortaleza-CE, a partir de dados reais de linguagem em uso. Esses pontos justificam o embasamento deste projeto, na Fase II, nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994, 2006, 2008, 2010; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), tida, hoje, como uma das áreas de estudos linguísticos com amplo desenvolvimento no Brasil.

A Fase II do PORCUFORT, atualmente, é composta de 87 gravações, totalizando 105 informantes. A Fase II apresenta três tipos de inquéritos, sendo as gravações distribuídas da seguinte forma: 37 gravações do tipo DID, 18 do tipo D2 e 32 do tipo EF. A quantidade de informantes difere da de inquéritos, porque as entrevistas D2 são compostas por 2 informantes, já os DID e EF apresentam apenas 1 informante, sendo 37 (35,2%) informantes no DID, 36 (34,3%) informantes no D2 e 30 (30,5%) nos EF.

A partir do que foi exposto, parablenizo as autoras desta obra de relevância para a área de descrição e análise linguística, especialmente no âmbito das variedades do Português Brasileiro, e, também, aos idealizadores e colaboradores do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), tanto em sua Fase I como Fase II.

Ler essas páginas é fazer um passeio pela história da constituição do PORCUFORT Fases I e II, e, ainda, conhecer o relato de todas as pesquisas realizadas até o momento, a partir dos dados oriundos desse banco de dados.

Boa leitura!

Fortaleza, 05 de dezembro de 2021.

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes

Universidade Federal do Ceará

An aerial photograph of a desert landscape, likely the Sahara, showing rolling sand dunes in shades of orange and red. Several palm trees are scattered across the dunes. The overall tone is warm and monochromatic.

1

**A relevância
dos bancos
de dados
sociolinguísticos**

Todas as línguas apresentaram e apresentam variações em suas formas de uso real, ou seja, a variação linguística é um fenômeno que está presente em todas as línguas naturais e, no Português do Brasil (doravante PB), não é diferente. A variedade e a heterogeneidade linguística são, portanto, propriedades inerentes aos sistemas linguísticos e o papel da Sociolinguística é estudar, examinar e tratar essas variedades como objeto de estudo em suas categorizações linguísticas e não linguísticas.

A partir disso, William Labov — considerado o pai da Sociolinguística — defende que “a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos [...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais” (LABOV, 2008, p. 238). De igual modo, Weinreich, Labov e Herzog (2006) afirmam que a língua dispõe de estratos para cada grupo real de falantes, isto é, ela é multiestratificada.

A elaboração de bancos de dados sociolinguísticos, em nosso caso, o Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) tanto em sua Fase I como Fase II, inserida no contexto da pesquisa sociolinguística no Brasil, abriu espaço para a realização de novos estudos que buscam descrever, do modo mais fiel possível, a atual realidade sociolinguística dos falantes fortalezenses tidos como cultos. A esse respeito, é importante destacar que, aqui, o termo *culto* é usado sem nenhuma intenção de sinalizar a suposta superioridade que, historicamente, tem sido atribuída à norma culta sobre as demais normas linguísticas, como por exemplo, a norma popular.

Logo, o termo *culto* é usado para se referir à “variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas” (FARACO, 2008, p. 47). Importante colocar que essa tentativa de conceituação da norma culta ganhou espaço a partir do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) que, desde a década de 1970,

documenta e analisa de modo objetivo a linguagem efetivamente usada pelos falantes cultos de cinco grandes cidades brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). O conceito de norma culta, trata-se, portanto, “de um termo técnico estabelecido com critérios relativamente objetivos e de base empírica” (BAGNO, 2001, p. 75).

Por mais clara e objetiva que essa conceituação possa parecer, o exame e delimitação do que se tem entendido por norma culta são de extrema complexidade, principalmente quando lembramos que, em um país com enormes desigualdades sociais como o Brasil, o termo culto, não raro, é usado para revestir os falantes que gozam de prestígio socioeconômico de uma ilusória superioridade linguística em relação aos falantes situados em escalas sociais desfavorecidas. Nesse sentido, vale lembrar que não há nenhuma classificação de variedades linguísticas em termos de inferior ou superior:

[a classificação de variedades linguísticas] é feita por razões propriamente linguísticas, quer dizer, por razões internas à própria língua. São feitas por razões históricas, por convenções sociais, que determinam o que representa ou não o falar social mais aceito. Daí por que não existem *usos linguisticamente melhores ou mais aceitos do que outros*; existem *usos que ganharam mais aceitação, mais prestígio que outros*, por razões puramente sociais, advindas, inclusive, do poder econômico e político da comunidade que adota esses usos. Dessa forma, não é por acaso que *a fala errada seja exatamente a fala da classe social que não tem prestígio nem poder político e econômico* (ANTUNES, 2007, p. 30 grifos no original).

Com isso, nos pareceu evidente a urgência de se produzir um novo banco de dados de fala representativa da variedade culta de Fortaleza (estamos nos referindo ao Projeto PORCUFORT Fase II) que, de fato, retrate os usos linguísticos feitos por estes falantes. Desse modo, estamos contribuindo não só com o combate ao preconceito linguístico, mas, também, com a elaboração de retratos sociolinguísticos acerca da variedade linguística culta falada pelos fortalezenses. Afinal, por

meio da retratação e comparação entre diferentes variedades linguísticas – a exemplo da culta e popular – podemos identificar as possíveis divergências e/ou convergências entre as diversas realidades linguísticas, a fim de desfazer crenças mal formuladas acerca da suposta superioridade ou inferioridade entre as diferentes normas linguísticas.

Conforme pontuamos de início, a heterogeneidade linguística é uma das propriedades mais marcantes de todas as línguas naturais. No caso do PB, lidamos com uma língua que se constitui a partir da atuação de forças de diversas origens – algumas oriundas da Europa, outras da América, outras da África (NARO; SCHERRE, 2007). Consequentemente, as variações linguísticas regionais são marcas de todo o continente brasileiro. Diante disso, acreditamos que os estudos sociolinguísticos dedicados à descrição das chamadas variedades cultas num país de dimensões continentais, como o Brasil, mais especificamente no Nordeste brasileiro, são de extrema relevância por possibilitarem a descrição e, quiçá, o mapeamento dessas derivas linguísticas naturais do PB. Sobre esse ponto, Mollica (2007) destaca:

[...] não é qualquer país que tem o privilégio de reunir tamanha multiplicidade linguística em níveis tão diferentes. Guardamos uma riqueza enorme com uma biodiversidade invejável. Seja do ponto de vista geográfico, cultural, climático, seja em muitos outros aspectos, a nação brasileira possui tal complexidade, que ainda não a descreveu nem a conheceu em profundidade (MOLLICA, 2007, p. 25).

Não obstante, é preciso lembrar que as variedades linguísticas são avaliadas socialmente (LABOV, 2008) e que o conhecimento da avaliação social das variantes linguísticas é de suma importância para a Sociolinguística, pelo menos, por dois motivos básicos. Em primeiro lugar, porque a avaliação social das variantes linguísticas possibilita identificar e diferenciar, geográfica e socialmente, os sujeitos através do modo como falam. Em segundo porque, nem sempre, as diferenças linguísticas são recebidas de modo positivo (CAMACHO, 2013;

COELHO *et al.*, 2015; LABOV, 2008). Isso implica dizer que, quanto mais próximas do modelo de língua imposto como *aceitável* e *correto*, mais bem avaliadas, socialmente, determinadas variantes linguísticas o são. Por outro lado, quanto mais distantes de tal modelo, maior a tendência de as variantes serem estigmatizadas socialmente.

Cabe reforçar que não há nada de intrínseco às variantes que se distanciam do padrão linguístico imposto como *ideal* capaz de qualificá-las como inferiores às demais. Na verdade, o que há é uma teia extremamente complexa de relações sociais nas quais se evidenciam tensões de poder refletidas nas línguas, pois, como bem nos diz Gnerre (1985, p. 4, aspas no original), “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Diante disso, no Brasil, a construção de novos bancos de dados reais de linguagem falada nos parece essencial, para a documentação das mais diversas realidades sociolinguísticas ao lado das forças linguísticas e extralinguísticas/sociais que as condicionam. Afinal, somente por meio do conhecimento empírico da diversidade linguística brasileira é que podemos buscar combater os muitos preconceitos gerados – sem base científica, evidentemente – frente às diferenças linguísticas.

Somando-se a essas questões, destacamos que, em Fortaleza, a comunidade acadêmica já pode realizar estudos em *tempo real* acerca da variedade culta, pois dispomos de dois bancos de dados: o PORCUFORT Fase I e o PORCUFORT Fase II. O primeiro foi organizado no início da última década do século passado. Já o segundo foi elaborado no final da década de 2020. Esses *corpora* possibilitam, portanto, a realização de estudos linguísticos em *tempo real* na variedade culta de Fortaleza. Importante destacar que isso só se fez possível agora, porque temos uma geração (mais de 20 anos) como intervalo de tempo, isto é, espaço temporal exigido pela perspectiva

sociolinguística para análises em *tempo real* de curta duração (LABOV, 2008; PAIVA; DUARTE, 2004).

Sobre esse último ponto, é importante ressaltar que inúmeras têm sido as pesquisas desenvolvidas no Brasil com base na sociolinguística e a partir da noção de *tempo aparente*. O mesmo, contudo, não pode ser dito para as pesquisas sociolinguísticas realizadas em solo brasileiro, sobre a noção de *tempo real*, principalmente quando envolve grandes bancos de dados. Parece-nos que inúmeros, também, têm sido os motivos que dificultam a realização de pesquisas em *tempo real* a partir de grandes bancos de dados sociolinguísticos¹. Tais dificuldades podem estar relacionadas tanto a questões que envolvem desde os próprios postulados da vertente em foco – caso da necessidade de recontactar os mesmos sujeitos, ou construir uma segunda amostra de fala que siga os mesmos parâmetros da primeira, como é o caso do Projeto PORCUFORT Fase II – bem como de natureza prática, como a pouca ou a total falta de investimentos em atividades de pesquisa, número insuficiente de pesquisadores, dentre outros.

1 Até o presente momento, só temos conhecimento de amostras de recontacto promovidas no âmbito do Projeto NURC, com amostras das décadas de 1970 e 1990, e do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), com amostras das décadas de 1980 e 2000.

An aerial photograph of a desert landscape, likely the Rub' al Khali in Saudi Arabia. The image shows rolling sand dunes in shades of orange and red. Several palm trees are scattered across the dunes. The overall tone is warm and monochromatic, with a strong orange-red hue. A large white number '2' is overlaid on the right side of the image.

2

PORCUFORT
Fase I

Neste capítulo, apresentamos alguns traços sócio-históricos que compreendem a comunidade de fala de Fortaleza-CE, na década de 1990, período em que o Projeto PORCUFORT Fase I foi realizado. Ressaltamos que não pretendemos explorar a história sobre Fortaleza-CE e seus habitantes, tampouco temos expertise nesses domínios do conhecimento. Logo, intentamos abordar, ainda que brevemente, o ambiente em que surgiu a cidade onde se encontra a comunidade de fala de Fortaleza.

Para tanto, usamos dados da história para contextualizar o(a) leitor(a) de questões socioeconômicas que envolviam os indivíduos e seus descendentes, pessoas que constituem o banco de dados PORCUFORT Fase I e a situação social na qual estavam inseridos quando da elaboração do PORCUFORT Fase I. Nesse percurso, nos valem os artigos acadêmicos acerca da história, da linguística, da economia, dentre outros aspectos sobre Fortaleza-CE. Ressaltamos, ainda, que a contextualização da comunidade de fala pesquisada é de grande relevância para os estudos sociolinguísticos. Nesse sentido, é necessário, portanto, contextualizar nossos dados no tempo e no espaço.

FORTALEZA: DE MEADOS DO SÉCULO XVII AO FIM DA DÉCADA DE 1990²

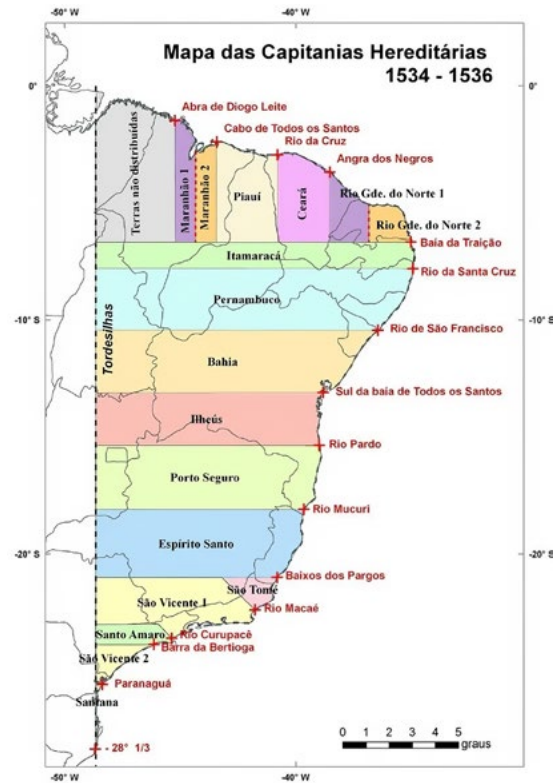
A história de Fortaleza tem início, ainda, nas capitanias hereditárias que consistiam em um sistema de administração territorial criado em 1534, pela coroa, no caso, o rei de Portugal D. João III (1502-1557). As capitanias compreendiam-se na divisão do território brasileiro em grandes faixas de terra que eram entregues a donatários – pessoas nobres e que estabeleciam relações com a Coroa Portuguesa, para administração em nome do rei.

2 Todas as imagens e fotografias deste livro foram devidamente autorizadas pelos respectivos proprietários e referenciadas quando retiradas de outras fontes.

Os donatários tinham como missão administrar o território, colonizar e protegê-lo, além de possuírem o direito de explorar os recursos naturais, como a madeira, animais, minérios etc. De acordo com Studart (1919, p. 294), Antônio Cardoso de Barros, o donatário da capitania do Ceará, “a menor de todas as doações”, não aproveitou sua porção de terra.

Podemos relembrar as capitanias hereditárias, inclusive, a capitania do *Siará* no Mapa 1.

Mapa 1 – Divisão das Capitanias Hereditárias do Brasil Colônia (1534-1759)



Fonte: Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/capitanias-hereditarias/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

Devido às grandes extensões territoriais das capitânias para administrar, a falta de recursos econômicos e os constantes ataques indígenas, o projeto das capitânias não deu muito certo, pois apenas duas tiveram êxito: as capitânias de São Vicente e a de Pernambuco. Esse sistema de Capitânias Hereditárias foi extinto pelo Marquês de Pombal, no ano de 1759.

Após o fracasso da capitânia, outros portugueses tentaram colonizar as terras do Ceará, mas sem êxito, a saber, Pero Coelho, em 1603, e os padres Francisco Pinto e Luís Figueira, em 1607. Não há notícias de novas expedições ao Ceará, antes da chegada de Martins Soares Moreno, em 1612, que ergueu, na barra do rio Ceará, um fortim a que chamou São Sebastião.

Em 1613, após a visita de Jerônimo de Albuquerque que, destinando-se ao Maranhão, passou para convidar Soares Moreno a participar da expedição no Maranhão, retornando somente em 1621, fato que proporcionou a tomada do forte por índios e depois por holandeses, sendo palco de sangrentos combates entre índios e europeus até 1654, quando Álvaro Barreto restaurou o forte e lhe mudou o nome para Forte de Nossa Senhora da Assunção. Mas a paz ainda não havia chegado. Foi em 1725 que Fortaleza passou de vila para município, com Resolução Régia, seguida de idas e vindas quanto ao núcleo da cidade e ao seu lugar da sede.

Vejamos, no Mapa 2, a *planta* da Vila de Fortaleza, desenhada em 1726, pelo capitão-mor Manuel Francês.

Mapa 2 – Planta da Vila de Fortaleza desenhada pelo capitão-mor Manuel Francês em 1726



Fonte: Blog Fortaleza Nobre. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2019/02/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

Em 28 de fevereiro de 1821-1822, o *Siará* passou a província, permanecendo assim durante todo o período do Império português e, com a Proclamação da República Brasileira, no ano de 1889, tornou-se estado do *Ceará*, passando a cidade de Fortaleza a ser capital do estado, com um território muito semelhante ao da antiga capitania.

O desenvolvimento do *Ceará* foi sempre marcado por questões climáticas, com inúmeras secas que ocorreram nos séculos XVIII e XIX, como explica Vieira Junior (2002, p. 1-2):

Destacava-se o caráter cíclico da escassez de chuvas. Entre os anos de 1780-1850 o território cearense fora assolado por secas

nos anos de 1754, 1777-8, 1790-3, 1804, 1809, 1816-7, 1824-5, 1830 e 1844 –5. Esses anos foram períodos de extrema miséria, com destaque para a seca de 1790-3 que causou uma séria baixa no rebanho cearense.

Além das secas, o estado e sua capital também foram palcos de muitas conquistas heroicas do Brasil. Podemos destacar, dentre muitos outros, a atitude de bravos jangadeiros liderados por Francisco José do Nascimento (1839-1914), o *Dragão do Mar*, os quais impediram a entrada de navios negreiros no porto da capital, passando o estado Ceará, a partir de 1884, a ser o pioneiro da abolição da escravidão no Brasil.

A Imagem 1 ilustra o dia-a-dia dos jangadeiros fortalezenses, na década de 1960.

Imagem 1 – Chegada das jangadas na Praia do Mucuripe, em Fortaleza-CE – maio de 1952



Fonte: IBGE Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/historico>. Acesso em: 10 fev. 2020.

Mais conhecido em sua terra como Chico da Matilde, em virtude do nome de sua mãe, foi homenageado com uma estátua e um grande centro cultural em Fortaleza que leva seu nome: Centro Cultural Dragão do Mar, como podemos ver na Imagem 2.

Imagem 2 – Estátua de Chico da Matilde, o *Dragão do Mar* no Centro Cultural Dragão do Mar em Fortaleza-CE



Fonte: Blog Mar do Ceará. Disponível em: <http://mardoceara.blogspot.com/2015/08/dragao-do-mar-quem-foi-o-chico-da.html>. Acesso em: 26 nov. 2021.

A história da cidade de Fortaleza, assim como a de seu estado, o Ceará, abrange séculos de luta, massacre, pobreza e dominação europeia. A população foi se delineando com o passar dos séculos, que vai desde a chegada dos colonizadores portugueses, passando pelo massacre indígena, pela escravidão de negros e chegando à imigração de pessoas oriundas dos estados vizinhos em busca de melhores condições de vida (COSTA, 2014).

Além disso, a capital, Fortaleza passa por um grande crescimento urbano no século XX através de investimentos e políticas públicas, o que atrai mais pessoas para a nova metrópole brasileira. A esse

respeito, vale destacar que “a escolha da população em habitar as cidades é uma característica da modernidade que transcende qualquer política de fixação do homem do campo, como bem mostrou a história brasileira dos últimos 50 anos” (CARLEIAL; GOSSON, 2004, p. 12).

A população de Fortaleza apresentou uma significativa mudança a partir de um grande movimento migratório do interior para a capital durante o século XX, o que desencadeou uma expressiva massa de pessoas que residiam em Fortaleza, mas que não eram nativos das terras fortalezenses.

[...] é interessante ressaltar [...] a qualidade dessa migração do interior para a Capital, pois incrementava a distribuição da população pobre, que se aglomerava nos espaços juntos com os naturais diante das limitadas possibilidades de sobrevivência, ocupando-se precariamente, quanto a remuneração e a proteção social, caso comum das empregadas domésticas e das professoras primárias, que representavam 55% da PEA (ARAÚJO; CARLEIAL, 2001, s/p).³

Dessa forma, não foi fácil, na década de 1990, encontrar pessoas com os critérios de seleção do banco de dados PORCUFORT Fase I, a exemplo dos indivíduos fortalezenses filhos de pais também fortalezenses, pois a cidade estava repleta de migrantes. Isso fez com que o coordenador do projeto, o Prof. Dr. José Lemos Monteiro, flexibilizasse alguns critérios de seleção para conseguir constituir o *corpus* que foi, no caso, abrir o critério de pais fortalezenses para pais cearenses que tiveram vindo para a capital na primeira infância.

Ilustrando, vejamos duas imagens da cidade de Fortaleza através dos antigos cartões postais. As Imagens 3 e 4 são datadas das décadas de 1980 e 1990 e apresentam dois dos mais icônicos lugares da cidade.

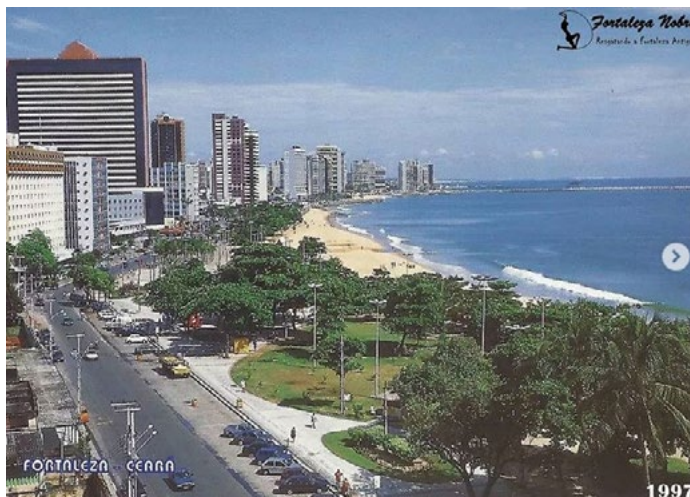
3 PEA: População Economicamente Ativa.

Imagem 3 – Cartão postal da Praça do Ferreira décadas de 1980/1990



Fonte: Blog Fortaleza Nobre. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B8M-ubPF620/>. Acesso em: 08 jul. 2022.

Imagem 4 – Cartão postal da Avenida Beira-Mar em 1997



Fonte: Blog Fortaleza Nobre. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bz6HbNwHzQw/>. Acesso em: 08 jul. 2022.

Um dos mais conhecidos fenômenos populacionais da história sempre foi muito recorrente em nosso estado: a migração. Como diz Lacerda (2005, p. 4), “Intuitivamente, o principal motivo, ou a principal força motriz que leva as pessoas a realizarem um movimento migratório parece ser a busca por melhores condições de trabalho e renda (salários)”. Todavia, essa constatação, em regiões que são fortemente marcadas por fenômenos climáticos mais severos, pode ter um motivo específico. Como apresenta Viera Júnior (2002, p. 1), há grande “relação entre a seca e a migração de grupos familiares cearenses”. Ainda segundo o autor, entre os anos de 1780-1850, desde quando era capitania, no estado do Ceará:

A escassez de água foi uma constante em toda a história [...], marcando profundamente o dia-a-dia das famílias sertanejas – sendo um fenômeno climático e social compartilhado por outras Capitânicas nordestinas, entre elas o Piauí, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. A persistência das secas foi responsável, no final do século XVIII, pelo enfraquecimento do processo de ocupação do Sertão nordestino (VIERA JÚNIOR, 2002, p. 1-2).

Infelizmente, a Região Nordeste sempre foi deixada de lado, em muitos casos, para morrer à míngua com as secas e todas as suas consequências. Pouco foi feito no decorrer dos séculos para amenizar tanto sofrimento. Muitos estudiosos resgataram pedidos de ajuda ao Ceará, feitos por pessoas influentes, pedidos realizados desde a época da coroa portuguesa aos governos mais recentes.

Sobre os dias mais atuais, Araújo e Carleial (2001, s/p) explicam que “o total de migrantes na população de Fortaleza que estava representado em 32%, em 1960, incrementou para 36%, em 1970, com o agravante de que essa população migrante foi responsável por 90% do incremento populacional de Fortaleza entre 1960/70”. Esse é, portanto, o resultado da influência do interior do estado que resulta nos indivíduos fortalezenses.

A cidade de Fortaleza é a capital brasileira mais próxima da Europa e, devido sua posição geográfica estratégica, despontou como principal ponto de recepção e transmissão (entrada e saída) de cabos de dados de alto tráfego de informação do Brasil para os demais continentes.

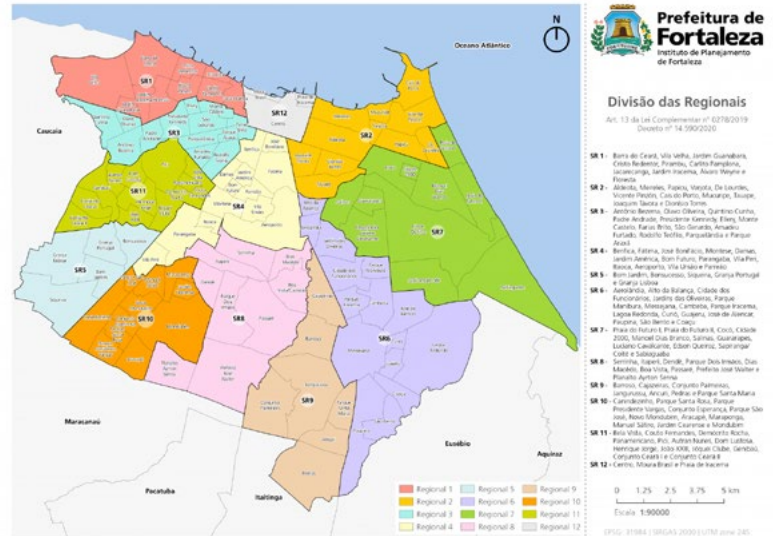
Capital do Estado do Ceará é a 5ª maior cidade em população do país, tendo uma população estimada (2019) em 2.669.342 habitantes, Fortaleza possui uma área territorial de 312,407 km², sendo, ainda, a 9ª maior cidade no país em densidade demográfica com 7.786,44 hab/km². Seu IDH, de 0,754⁴ (IDHM considerado alto: entre 0,700 e 0,799), coloca o município na 14ª colocação do *ranking* do IDH das capitais do país, no ano de 2010⁵.

Atualmente, Fortaleza é composta por 121 bairros e dividida em 12 Secretarias Executivas Regionais-SER⁶, que funcionam como subprefeituras para, segundo a prefeitura da cidade, identificar e articular o atendimento às necessidades e demandas da população dos bairros e promover o desenvolvimento urbano, ambiental e social da população local⁷.

Vejam, no Mapa 3, a divisão territorial de Fortaleza segundo os bairros e as Secretarias Executivas Regionais-SER.

- 4 Disponível em: <http://ipecedata.ipece.ce.gov.br/ipece-data-web/module/perfil-municipal.xhtml>. Acesso em: 09 fev. 2020.
- 5 Os índices que mais contribuíram para o IDH elevado de 0,754, foram os índices da Longevidade, com índice de 0,814, seguido de Renda, com índice de 0,716, e de Educação, com 0,672. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/diferenca-de-idh-entre-regioes-metropolitanas-do-pais-cai-na-ultima-decada-1254/>. Acesso em: 10 fev. 2020.
- 6 Entrou em vigor no final de 2019 uma nova divisão dos bairros de Fortaleza, acrescentando mais dois bairros aos 119 existentes, a saber: Novo Mondubim e Acarapé, totalizando 121 bairros. O Decreto Nº 14498, de 18 de setembro de 2019 está disponível em: <https://diariooficial.fortaleza.ce.gov.br/download-diario.php?objectId=workspace://SpacesStore/317a341a-8ee6-44d0-b8ad-1a9f1cb25451;1.0&numero=16590s>. Acesso em: 09 fev. 2020. Além desse acréscimo, Câmara Municipal de Fortaleza aprovou um projeto de lei, que reestrutura a divisão territorial das regionais elevando de 7 regionais para 12 e define 39 territórios para a cidade. O Projeto de Lei Complementar Nº 37, de 12 de dezembro de 2019 está disponível em: <https://sapl.fortaleza.ce.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2019/54861/lc00372019.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2020.
- 7 Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/institucional>. Acesso em: 09 fev. 2020.

Mapa 3 – Mapa de bairros e Secretarias Regionais de Fortaleza-CE



Fonte: Prefeitura de Fortaleza. Disponível em: https://www.fortaleza.ce.gov.br/images/0001/07_01_2021_MAPA-NOVAS-REGIONAIS.pdf. Acesso em: 22 mar. 2021.

Durante as buscas por informantes para a constituição do PORCUFORT Fase I e Fase II, muitas pessoas tinham pais cearenses que vieram morar em Fortaleza ainda jovens, o que os fazia ficar de fora do perfil sociolinguístico exigido no projeto PORCUFORT Fase I e Fase II.

A PRIMEIRA COMUNIDADE DE FALA: FORTALEZA DA DÉCADA DE 1990⁸

Assim como a maioria das capitais brasileiras, Fortaleza-CE apresenta significativas assimetrias estruturais e socioeconômicas. Essas disparidades sociais apresentam grandes reflexos no modo como a língua portuguesa é usada pelos fortalezenses. A fim de entender melhor como a desigualdade socioeconômica deu-se na capital cearense, cabe voltar nossa atenção para a dimensão estrutural da cidade.

A esse respeito, destacamos que os bairros de Fortaleza comportam todos os níveis sociais. Ou seja, são bairros nos quais é possível encontrar tanto sujeitos abastados economicamente como pessoas situadas nas chamadas “ilhas de pobreza” (ARAÚJO; CARLEIAL, 2003, p. 10). Essas desigualdades *vêm aumentando desde* a década de 1990, como revelam os indicadores do IBGE, considerados por Araújo e Carleial (2003, p. 7): “Nos anos noventa em diante, essas diferenças sociais acentuaram-se, de tal modo, que se estenderam a todas as partes da cidade, universalizando-se, nos bairros, a miséria”. Com isso:

Verifica-se uma associação direta entre níveis de escolaridade e renda. Nos bairros, onde os chefes de família apresentam níveis mais elevados de renda, eles situam-se melhor quanto à escolaridade, entre aqueles, que estudaram 15 anos e mais. Ao contrário, onde os chefes têm rendas mais deprimidas, eles, também, apresentam uma tendência maior de estarem sem instrução ou terem cursado apenas um ano de estudo (ARAÚJO; CARLEIAL, 2003, p. 10).

Diante desse quadro, reforçamos a necessidade de contextualizar sócio historicamente a comunidade de fala de Fortaleza, traçando-se um perfil social da amostra estudada. Afinal, dessa maneira, *é possível* “investigar em detalhes a correlação entre o comportamento linguístico

8 Esta seção foi adaptada e ampliada de texto publicado anteriormente. Cf. Araújo, Viana e Pereira (2018).

dos falantes e as suas características sociais” (OLIVEIRA E SILVA, 1996, p. 67). Ainda de acordo com Oliveira e Silva (1996), nas informações sociais “se registram os dados de interesse para as análises sociolinguísticas [...], caracterizando os informantes em termos das variáveis externas focalizadas” (p. 67). Assim, conhecer algumas das principais características socioeconômicas dos indivíduos de um banco de dados sociolinguístico é parte essencial do processo de pesquisa sociolinguística, face a necessidade de realizar uma leitura dos dados coletados a partir das peculiaridades dos informantes da comunidade de fala estudada.

Como vimos, um dos critérios usados para seleção dos informantes diz respeito a necessidade de todos os informantes possuírem *nível superior completo*. Dessa maneira, também é preciso considerar contextualizar o nível superior na década de 1990, pois, conforme Corbucci (2001) e Martins (2000), os dados de acesso ao ensino superior, nesse recorte temporal, estavam muito abaixo do esperado.

Com base em dados oriundos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP/MEC, Corbucci (2001) explica que, no ano de 1996, havia 1,87 milhões de brasileiros devidamente matriculados no ensino de nível superior. Esses jovens estavam na faixa etária de 18 a 24 anos e compreendem 5,5% da população, dessa faixa etária, na década de 1990. De modo mais preciso, Corbucci (2001, p. 106) destaca:

[...] o fato de o total de alunos em condições de ingressar no ensino superior ser bastante inferior ao universo composto por aqueles que se encontram fora desse nível do ensino deve-se à dimensão da demanda sob a forma dos exames vestibulares. Por exemplo, em 1996, o número de inscrições nesses processos seletivos correspondia a apenas 12% da população de 18 a 24 anos. Ademais, deve-se ter em mente que o total de inscritos nos vestibulares não corresponde ao universo de candidatos, na medida em que muitos destes participam, a cada ano, de mais de um exame, razão pela qual parcela das vagas ofertadas não é preenchida.

Para o estudioso, em 1996, 20% da população brasileira vivia na zona rural e essa população não tinha acesso ao ensino de nível superior enquanto uma demanda educacional. Afinal, para grande parte desses brasileiros, a conclusão do ensino fundamental era considerada o término do processo escolar. Ainda sobre essa questão, dados do IBGE mostram que, mesmo com o crescimento da oferta no número de vagas para o ensino superior, os números de graduados e graduandos, na década de 1990, ainda não podem ser considerados suficientes em relação à demanda populacional do Brasil, uma vez que:

O fato de que a escolarização de jovens nesta faixa seja maior no Nordeste (25,7%) do que no Sul (23,1%) reflete o fato de que a defasagem escolar na Região Nordeste é muito maior do que no Sul, e não significa, por isto, que a escolarização deste grupo de idade no Nordeste seja maior (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1997, p. 37).

Diante desses reconhecimentos, o ensino superior começa a ganhar destaque e a expandir-se, ainda na década de 1990. Nesse sentido, Martins (2000, p. 58) coloca: “A política educacional desenvolvida a partir de 1995, através de determinadas medidas, criou condições favoráveis para a diversificação institucional do ensino superior”. Esse apontamento mostra que o acesso à educação de nível superior, no Brasil, cresceu de modo considerável a partir do final do século XX.

Todavia, a expansão do ensino superior não atingiu os falantes fortalezenses que, em 1990, já haviam concluído a graduação. As primeiras faculdades/universidades existentes em Fortaleza eram as públicas: Universidade Federal do Ceará – UFC, criada em 1954; a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, criada em 1968⁹; a Universidade Estadual do Ceará – UECE, criada em 1975. Além disso, a capital do estado do Ceará passou a contar com a instituição de caráter

9 A Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, criada e sediada em Sobral-CE, mantinha convênios com diversas instituições privadas para levar, especialmente, licenciaturas a vários municípios cearenses.

privado Universidade de Fortaleza – UNIFOR, criada em 1973, e o Instituto de Ciências Religiosas – ICRE, criado no ano de 1968. No que tange à relação entre os informantes do projeto PORCUFORT Fase I e às referidas instituições de ensino, cabe destacar que todos eles realizaram seus bacharelados ou licenciaturas nessas instituições.

De qualquer maneira, podemos ver que não havia muitas universidades ou faculdades em Fortaleza, na década de 1990. Essa realidade nos leva a crer que o acesso ao ensino superior era, ainda, bastante restrito na capital cearense. Ao refletir sobre questões como essas no cenário brasileiro mais amplo, Bagno (2003) compreende que a variedade do PB tida como culta é associada, não raramente, às camadas sociais mais favorecidas economicamente na sociedade brasileira, haja vista essa variedade linguística tender a ser usada por sujeitos altamente escolarizados, isto é, com ensino superior completo. Apontamento bastante similar é feito por Seraine. Para essa estudiosa, a variedade culta falada por uma seleta parcela da população brasileira “reflete a norma do nível sócio-cultural (sic)” (SERAINE, 1984, p. 59) mais abastado economicamente. Em nosso caso específico, a variedade falada por determinados fortalezenses reflete o nível socioeconômico em que se encontram.

Assim, na comunidade de fala de Fortaleza, *é válido compreender* que os informantes do PORCUFORT Fase I são, de certa forma, sujeitos economicamente privilegiados. Afinal de contas, na década de 1990, possuir o ensino superior completo indicava, conforme Bagno (2003) e Serraine (1984), um nível econômico elevado por parte dos indivíduos que possuíam tal nível de escolaridade.

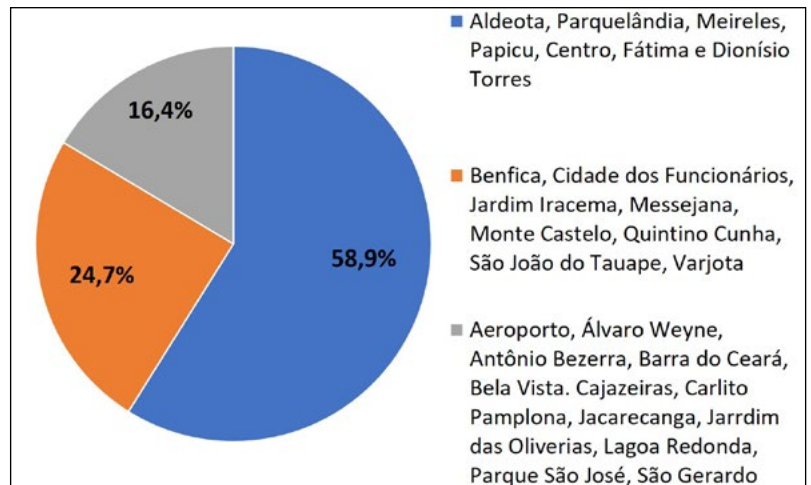
Sobre essa compreensão, o Gráfico 1 corrobora nossas constatações, pois os informantes do PORCUFORT Fase I são sujeitos graduados que, na época da coleta dos dados, exerciam profissões que, geralmente, proporcionam um bom retorno financeiro. Esse último aspecto é notável, inclusive, pelo bairro no qual tais sujeitos residiam.

Logo, 58,9% dos informantes do PORCUFORT Fase I compreende pessoas que moram em bairros nobres da capital cearense, o equivalente a, exatamente, 43 informantes.

Observando o sigilo das identidades dessas pessoas, podemos dizer que há indivíduos no *corpus* que eram pessoas da alta sociedade intelectual da época, novamente, aquelas pessoas que possuíam condições financeiras que cursar graduação e pós-graduação nas décadas anteriores: 1960 a 1980.

Com o Gráfico 1, visamos apresentar melhor a distribuição dos informantes de acordo com os bairros da capital cearense, no período correspondente à época da construção do PORCUFORT Fase I.

Gráfico 1 – Distribuição dos informantes do PORCUFORT Fase I por bairros de residência



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

No Gráfico 1, a primeira parte da pizza, em sentido horário, representa os bairros em que residem mais de três informantes;

a segunda parte compreende a residência de dois informantes do PORCUFORT Fase II, já na terceira parte, temos os bairros em que somente um informante reside.

Com isso, na primeira parte do Gráfico 1, situamos os bairros mais nobres de Fortaleza, a saber: Aldeota, Parquelândia, Meireles, Papicu, Centro, Fátima e Dionísio Torres, com 58,9% dos fortalezenses da amostra total do PORCUFORT Fase I. Na segunda parte, alocamos os bairros tidos como mais populares, isto é: o Benfica, a Cidade dos Funcionários, o Jardim Iracema, o bairro de Messejana, o Monte Castelo, o Quintino Cunha, o São João do Tauape e o bairro de Varjota, representando 24,7% dos indivíduos entrevistados. Por último, na terceira parte, encontramos os informantes residentes em bairros menos favorecidos economicamente, sobretudo, na época em que as entrevistas foram realizadas. Nesse último caso, residiam 19,2% dos informantes que constituem o banco de dados, ou seja, temos os informantes residentes nos bairros Aeroporto, Álvaro Weyne, Antônio Bezerra, Barra do Ceará, Bela Vista, Cajazeiras, Carlito Pamplona, Jacarecanga, Jardim das Oliveiras, Lagoa Redonda, Parque São José e São Gerardo.¹⁰

A METODOLOGIA USADA NO PORCUFORT FASE I

Após apresentarmos algumas das diversas questões socioeconômicas que caracterizam a cidade de Fortaleza e os informantes do PORCUFORT Fase I, mais precisamente na década de 1990 – quando o projeto foi realizado – passamos a descrever alguns dos passos metodológicos percorridos para a realização do PORCUFORT Fase I.

¹⁰ Os antigos bairros de Piedade e Pio XII fazem parte atualmente do bairro São João do Tauape. Maiores informações em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/troca-de-nome-dos-bairros-muda-o-panorama-da-cidade-1.91230>. Acesso em: 09 maio 2022.

Os procedimentos éticos adotados no PORCUFORT Fase I

O que conhecemos hoje por Comitê de Ética nas universidades e institutos de pesquisa, surgiram como sistemas de revisão ética de pesquisas e tiveram início a partir da década de 1960. No Brasil, o Conselho Nacional de Saúde (CNS), órgão de controle social vinculado ao Ministério da Saúde, aprovou as Normas de pesquisa em Saúde, a partir da Resolução nº 1 de 14 de junho de 1988, e revisado pela Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, que definiu os Comitês de Ética em Pesquisa e a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP). Foi a partir dessas resoluções, que as instituições de ensino e pesquisa brasileiras começaram a constituir seus próprios Comitês de Ética, para fiscalizarem e orientarem as pesquisas com seres humanos.

No Ceará, mais especificamente na Universidade Estadual do Ceará – UECE, onde o PORCUFORT é sediado, o Comitê de Ética foi instituído somente a partir da Resolução nº 784/2011 – do Conselho Universitário - CONSU, de 21 de fevereiro de 2011. Dessa maneira, a primeira fase do PORCUFORT não passou pelo escrutínio de um Comitê de Ética.

A concessão das gravações da Fase I para pesquisa foi feita pelo informante, de forma oral, aos documentadores no momento das gravações. Assim, cada pesquisador que procura utilizar o banco de dados submete a pesquisa ao Comitê de Ética da instituição a que é filiado e apresenta um Termo de Fiel Depositário, que consiste em uma declaração em que o pesquisador/depositário assume a guarda e sigilo dos dados, sob pena de responder por perdas e danos, não podendo o depositário, sem licença expressa do depositante, conceder o acesso a outrem ou fazer qualquer uso indevido do *corpus*.

Amostra e perfil dos informantes do Projeto PORCUFORT Fase I

Em linhas gerais, o PORCUFORT Fase I foi idealizado e coordenado pelo Prof. Dr. José Lemos Monteiro (à época, professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE)). Em sua base, o PORCUFORT Fase I foi elaborado com o objetivo de figurar como um banco de dados da variedade urbana culta falada pelos fortalezenses. Para que sua constituição fosse possível, o Projeto contou com o auxílio de 03 bolsistas¹¹ do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Além disso, de acordo com Araújo (2000), o PORCUFORT Fase I foi realizado no período de 1993 a 1995, empregando técnicas e métodos de coleta de dados moldadas e implementadas pelo Projeto Norma Linguística Urbana Culta do Brasil (NURC), tido até os dias de hoje como um dos Projetos mais relevantes para a análise de descrição do PB.

Atualmente, o banco de dados do PORCUFORT Fase I encontra-se totalmente transcrito e digitalizado sob os cuidados da Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo, docente da UECE desde 2003. De maneira mais específica, o PORCUFORT Fase I é composto por 73 informantes estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (faixa I – 22 a 35 anos; faixa II – 36 a 55 anos e faixa III – a partir dos 56 anos) e o tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador: DID; Diálogo entre dois Documentadores: D2 e Elocução Formal: EF), conforme explica Araújo (2000) e Araújo, Viana e Pereira (2018).

A partir dessa estratificação, os pesquisadores e pesquisadoras envolvidos(as) na constituição do PORCUFOR Fase I procuraram obter

11 Aluiza Aves de Araújo, Ana Cristina Martins Leite, Cristiane Ferreira de Sousa e Kátia Cilene David da Silva eram bolsistas do CNPq e foram responsáveis pelas gravações e transcrições dos inquéritos do Projeto PORCUFORT. As três eram, àquela época, graduandas do Curso de Letras da UECE. Como Ana Cristina Martins Leite permaneceu poucos meses no Projeto, foi substituída por Cristiane Ferreira de Souza que, depois, foi substituída por Kátia Cilene David da Silva.

18 perfis sociais com 5 informantes em cada *célula*. Todavia, em virtude da dificuldade de encontrar pessoas com determinados perfis sociais estabelecidos, o Projeto foi finalizado com 73 informantes que resultou em 63 inquéritos, divididos em três tipos de registro: 30 Diálogos entre Informante e Documentador, 14 Diálogos entre dois Documentadores, e 19 Elocuções Formais. Essa decisão resultou na existência, até os dias de hoje, de uma célula com 0 (nenhum) informante do sexo feminino; alocado no inquérito do tipo EF e com mais de 56 anos (faixa etária III). De igual maneira, o PORCUFORT Fase I apresenta mais de uma célula com apenas 02 informantes do sexo masculino; alocados no EF e com mais de 56 anos de idade (faixa etária III)¹².

Seus informantes apresentam, ainda, um perfil social que vai além da estratificação das variáveis sociais de sexo e idade, por exemplo. Todos os indivíduos seguem as seguintes características: antes de tudo, são indivíduos residentes na capital cearense, são fortalezenses natos; filhos de ambos os pais fortalezenses (há exceções: com pais cearenses que vieram morar em Fortaleza na infância), principalmente, com mães fortalezenses; sempre mantiveram residência fixa em Fortaleza, onde alguns realizaram viagens de curta duração, já outros nunca saíram de Fortaleza; possuem nível superior completo (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018).

Importante pontuar que esses perfis permaneceram “incompletos” porque, na época em que foi construído o PORCUFORT Fase I, era extremamente difícil localizar sujeitos com nível superior completo; em atuação profissional, possuindo mais de 56 anos de idade; nascidos em Fortaleza, sem nunca ter se ausentado da capital por mais de dois anos consecutivos. Esses aspectos faziam parte, conforme já mencionamos, dos critérios estabelecidos para a seleção dos informantes do Projeto (ARAÚJO, 2000; ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018).

¹² Por outro lado, as demais células contêm, no mínimo, 03 informantes e, no máximo, 08 informantes.

Diante dessas limitações, cabe mencionar que o objetivo do Prof. Dr. José Lemos Monteiro (coordenador do PORCUFORT Fase I) em alocar 5 informantes por célula, está em harmonia com as recomendações metodológicas de Labov (2008). Grosso modo, embora a análise e descrição de fenômenos de variação linguística não exijam um número de centenas de informantes – haja vista que amostras de “apenas 25 falantes” (2008, p. 238-239) já apresentam os padrões básicos da variação – Labov (2008) recomenda a composição de células com cinco informantes para a representação dos perfis sociais de informantes que compõem uma dada comunidade de fala.

Nessa mesma linha de raciocínio, Labov (2008, p. 238-239) explica que “esquemas regulares de estratificação social e estilística aparecem mesmo quando nossas células individuais contêm somente cinco falantes e temos mais do que cinco ou dez ocorrências de dada variável para cada falante”. Nessa compreensão, os informantes do PORCUFORT Fase I apresentam-se, em termos de relevância numérica e social, de acordo com as recomendações do precursor da Sociolinguística variacionista para a análise de diferentes fenômenos de variação linguística, na comunidade de fala de Fortaleza.

A respeito da distribuição dos informantes do PORCUFORT Fase I, conforme os perfis sociais elencados para sua elaboração, vejamos o Quadro 1.

Quadro 1 – Perfis sociolinguísticos do PORCUFORT Fase I

Tipo de Registro	Sexo	Faixa Etária	Perfil sociolinguístico
DID	Masculino	I	DIDM1
		II	DIDM2
		III	DIDM3
	Feminino	I	DIDF1
		II	DIDF2
		III	DIDF3
D2	Masculino	I	D2M1
		II	D2M2
		III	D2M3
	Feminino	I	D2F1
		II	D2F2
		III	D2F3
EF	Masculino	I	EFM1
		II	EFM2
		III	EFM3
	Feminino	I	EFF1
		II	EFF2
		III	EFF3
18 perfis x 5 = 90 informantes			

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Todavia, em virtude da dificuldade de encontrar pessoas com determinados perfis sociais estabelecidos, o Projeto foi finalizado com 73 informantes em 63 inquéritos.

Em conformidade com o que já dissemos, os dados do Quadro 1 mostram que o PORCUFORT Fase I é composto por três diferentes tipos de inquéritos ou registros: o DID, o D2 e o EF. Sobre o modo como esses inquéritos estão caracterizados, cabe-nos explicar que as distinções entre eles são feitas, basicamente, de acordo com os

diferentes graus de formalidade e informalidade apresentados no comportamento linguístico dos informantes. Assim, os inquéritos do tipo D2 são formados por gravações de conversas registradas entre dois indivíduos que estabelecem entre si um certo grau de intimidade, ou seja, são, necessariamente, amigos de longa data ou familiares. Essas proximidades fazem com que os inquéritos do tipo D2 apresentem o modelo de fala mais espontâneo do PORCUFORT Fase I.

O tipo D2 é o tipo de inquérito de contém a fala mais informal do *corpus*. Para obter tal modelo de fala, a(s) documentador(a)s do projeto, nos inquéritos do tipo D2, quase nunca interferem na entrevista, pois os dois informantes selecionados devem conversar entre si e não com o documentador. Na grande maioria destas gravações, a(s) documentadora(s) se afastavam do local de entrevista, para que os informantes se sentissem mais à vontade. A duração das conversas estabelecidas entre os informantes do D2 – sempre dois por inquérito – é de, aproximadamente, 50 minutos. Quando da elaboração dos inquéritos do tipo D2, Araújo (2000) explica que esses inquéritos figuraram como os mais difíceis de se obter. De acordo com a pesquisadora, mesmo reservando antecipadamente, um momento em suas agendas pessoais para a gravação, os informantes dos D2 se revelaram os mais suscetíveis a imprevistos ou mesmo à impossibilidade de se encontrarem para a realização das gravações.

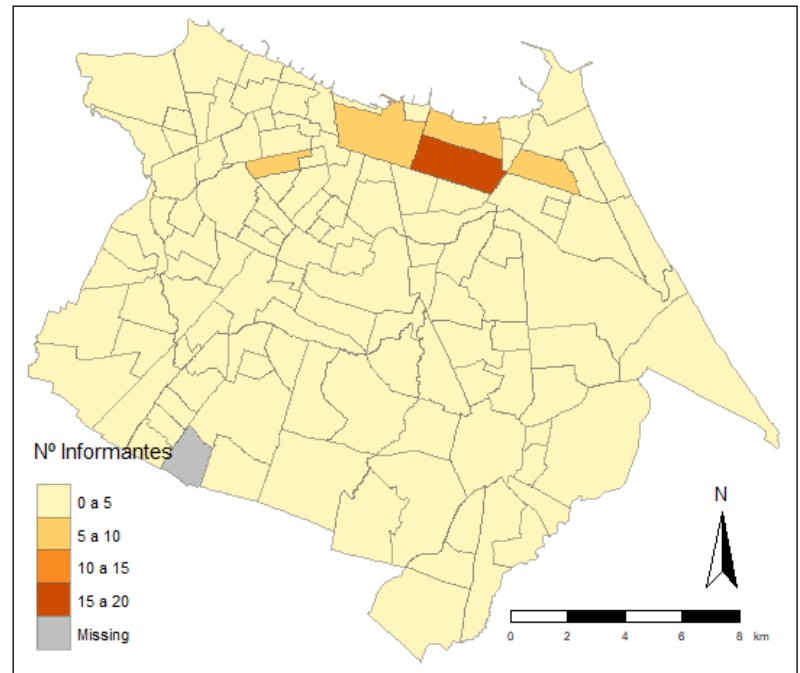
Sobre os inquéritos do tipo DID, pontuamos que, nesses casos, uma documentadora conduz a entrevista, sendo orientada a abordar temas que envolvem narrativas de experiências pessoais, com o objetivo de deixar o informante mais confortável, relaxado. Com isso, a expectativa é a de que o informante esqueça, o máximo possível, de que está em uma situação de entrevista, deixando, assim, de prestar mais atenção à própria fala (LABOV, 2008). Durante as gravações dos DID para o PORCUFORT Fase I, o documentador tomava o cuidado de estar totalmente disponível para o informante no horário e local

escolhidos pelos entrevistados. Assim, as entrevistas eram conduzidas no sentido de motivar o falante entrevistado. Importante destacar que os DID compreendem o tipo de inquérito com maior duração de tempo, cerca de 60 minutos, por inquérito. Além disso, é salutar dizer que, em função da presença e condução da entrevista por parte da(s) documentadora(s) Araújo (2000, 2011) compreende que os inquéritos do tipo DID apresentam um grau intermediário de formalidade.

Já o EF figura como o tipo de inquérito mais formal do PORCUFORT Fase I. Esses inquéritos figuram, em sua maioria, como aulas, exposições e conferências nas quais os informantes mantêm um nível muito elevado de monitoramento da própria fala. As gravações dos inquéritos do tipo EF foram realizadas, em sua grande maioria, em salas de aula ou auditórios de universidades. No que concerne à sua duração, as EF são os inquéritos que apresentem um menor tempo de gravação da fala do informante, ou seja, esses sujeitos falaram por, no mínimo, 30 minutos. Nesta modalidade de gravação, o informante podia planejar seu discurso com bastante antecedência e sempre falava diante de uma plateia.

Dito isso, considerando o atual espaço geográfico da cidade de Fortaleza, geramos um mapa (Mapa 4) dos bairros e distribuição dos informantes que nos permite uma melhor visualização da concentração de pessoas na parte leste da cidade.

Mapa 4 – Distribuição dos informantes do PORCUFORT Fase I por bairros



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

É bastante visível no Mapa 4, os 5 bairros com maior quantidade de informantes em destaque de cores, sendo a Parquelândia (7), Centro (6), Meireles (5), Aldeota (16) e Papicu (5) e, em maior destaque, o bairro Aldeota.

Após a apresentação da composição do Projeto PORCUFORT Fase I, vejamos outros aspectos que o caracterizam em termos de dados físicos, gravações e metadados, a partir de algumas tabelas, quadros e gráficos que expõem ao leitor a atual situação desta *database*.

Procedimentos adotados para coleta de dados

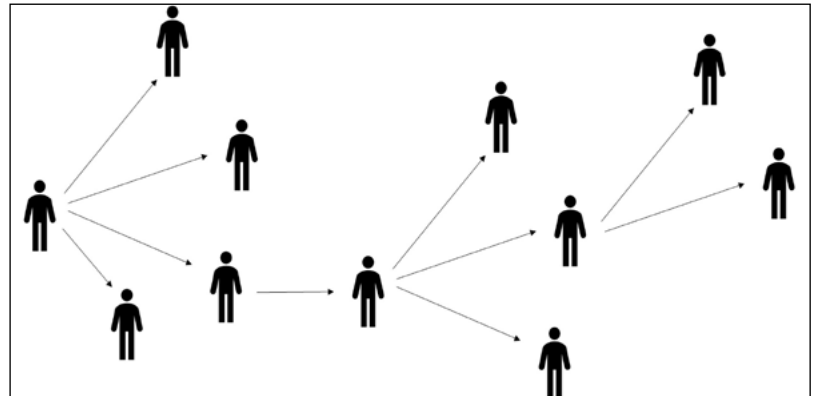
Os pesquisadores sociolinguístas caracterizam o tipo de amostragem utilizado nas pesquisas sociolinguísticas no Brasil como *semialeatória*, pelo fato de os informantes serem selecionados e contatados a partir do método “amigo de amigo” apresentado por Milroy (2003, p. 4). A autora revisa alguns estudos variacionistas que empregaram o conceito de *redes sociais* e começa observando que o efeito das relações interpessoais sobre as escolhas na língua há muito foi explorado na sociolinguística, assim, Milroy apresenta a pesquisa de Gauchat (1905 *apud* MILROY, 2003, p. 3) sobre a variação linguística em Charney, Suíça.

Segundo a autora, essa metodologia¹³ “foi usada em Belfast, onde a pesquisadora se apresentou aos contatos iniciais como uma ‘amiga de um amigo’ - ou seja, um contato de rede de segunda ordem das pessoas participantes do estudo” (MILROY, 2003, p. 3).

Esse método consiste em buscar, a partir de redes sociais dos pesquisadores, a indicação de pessoas que se enquadrem em um dos 18 perfis acima apresentados. Além disso, é observando como critério de realização da entrevista, que a relação entre documentador e informante não seja próxima. A partir desses novos contatos, os documentadores pedirão a indicação de novos possíveis voluntários pelas pessoas já entrevistadas, a fim de ter acesso a um maior número de indivíduos que se encaixem no perfil da pesquisa. Um exemplo dessa rede de contatos está a Figura 1 baseada em Milroy (2003).

13 No original: [...] was used in Belfast whereby the researcher introduced herself to initial contacts as a “friend of a friend” – i.e. a second order network contact of the people participating in the study.

Figura 1 - Exemplo de redes sociais



Fonte: elaborado pelas autoras com base em Milroy (2003).

A Figura 1 apresenta uma estrutura de rede social pessoal múltipla de alta densidade, mostrando zonas de primeira, segunda e terceira ordem de contatos.

Essa metodologia vem sendo utilizada na sociolinguística brasileira, desde os primeiros bancos de dados constituídos, pois as características sócio-históricas das cidades e de seus indivíduos deixam os pesquisadores de mãos atadas para amostras aleatórias, já que não se encontrou, ainda, uma forma de buscar igualmente pessoas para uma pesquisa. Por exemplo, buscar pessoas por lista telefônica selecionaria pessoas com poder aquisitivo maior que outras, já que, no Brasil, o acesso a meios de comunicação foi, e ainda é, restrito a poucos.

Além disso, dificilmente as pessoas se dispõem a ceder parte de seu tempo a desconhecidos – por diversos motivos, obviamente –, dessa maneira, a intermediação de uma pessoa conhecida não só facilita o contato com os futuros possíveis informantes, como estabelece um certo grau de confiança entre documentador e informante, o que gera uma maior naturalidade da fala na entrevista.

Os procedimentos de coleta da fala fortalezense foram baseados, também, no tipo de inquérito que seria gravado. No geral, o procedimento adotado logo na procura pelos informantes é *conhecido na estatística como amostra por conveniência*, como Freitag (2018, p. 681) nos explica:

O tipo de amostragem que tem sido utilizado em estudos sociolinguísticos de orientação variacionista, de fato, não é probabilística aleatória estratificada, e, sim, de cotas por conveniência e julgamento, na medida em que os falantes são selecionados pelo critério de disponibilidade e voluntariedade em aceitar os termos da coleta, especialmente as amostras que são chanceadas por Comitê de Ética em Pesquisa [...].

A autora nos mostra que embora a conveniência possibilite a uma melhor operacionalização da coleta, confere à *análise um menor poder explanatório, pelo fato de não atender a um critério estatístico, o de aleatoriedade, não podendo ser generalizador* de uma população. Esses tipos de amostras poderiam, em tese, facilitar generalizações sobre as línguas faladas em determinados lugares pesquisados, mas não podem generalizar seus resultados, por não garantirem estatisticamente a representatividade da população. Por esse motivo – amostra por conveniência – há limitações de replicabilidade, visto que *há um viés de seleção* dos participantes.

De qualquer forma, essa metodologia vem sendo validada e é amplamente utilizada na Sociolinguística Variacionista, pois nossos resultados acompanham uma descrição detalhada da metodologia de obtenção do corpus e amostra, o que permite ao leitor o juízo de credibilidade da análise, como recomendam os manuais de estatística sobre os estudos com amostragem por conveniência.

Entrevistas do Projeto PORCUFORT Fase I

As entrevistas foram realizadas pelas alunas Curso de Letras da UECE Aluiza Aves de Araújo, Ana Cristina Martins Leite, Cristiane Ferreira de Sousa e Kátia Cilene David da Silva que eram, àquela época, graduandas do Curso de Letras da UECE e participaram do Projeto com bolsas cedidas pelo CNPq.

As alunas realizaram as gravações dos informantes localizados pelo Prof. Lemos, coordenador do projeto, assim como, procuravam, dentre suas redes sociais, pessoas que se encaixassem no perfil mencionado. Os materiais usados eram 2 gravadores *Panasonic* modelo RQ 309 DS, Fotografia 1, e fitas cassete de 60 minutos de duração.

Fotografia 1 – Gravador *Panasonic* usado nas gravações do PORCUFORT Fase I¹⁴



Fonte: arquivo pessoal, 2021.

14 Este gravador, usado nas entrevistas do PORCUFORT Fase 1, foi uma doação do saudoso professor Genésio Fontenele Pacheco ao então Coordenador do Projeto, o Prof. Dr. José Lemos Monteiro.

Os gravadores foram cedidos ao Prof. Lemos por um amigo pessoal para que se desse início às gravações do projeto. As fitas cassete para as gravações eram custeadas pelo próprio professor. Hoje, essas fitas se encontram sob a tutela da Prof.^a Dr.^a Aluiza Araújo, ex-bolsista.

TRANSCRIÇÕES DO PROJETO PORCUFORT FASE I

As normas de transcrição dos inquéritos do PORCUFORT Fase I seguem os mesmos parâmetros adotados por Castilho e Pretti (1986). Essas mesmas orientações foram adotadas para a realização das transcrições das entrevistas do Projeto NURC. Sobre tais normas, vejamos, o Quadro 2.

Quadro 2 – Normas do NURC para transcrição de entrevistas adotadas pelo PORCUFORT

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Dos níveis de renda () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comê/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Comentários descritivos do Transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar casa essa notação -- demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	na casa de sua irmã [sexta-feira? fazem LÁ [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião. “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barreira entre nós”...
<ol style="list-style-type: none"> 1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc). 2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?). 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa). 6. Não se anota o cadenciamento da frase. 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa). 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa. 		

Fonte: Castilho e Pretti (1986, p. 15-16).

As transcrições foram também realizadas pelas bolsistas do Projeto, inicialmente transcritas à mão e digitadas nos computadores da Biblioteca do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará – UFC, por solicitação do Prof. Lemos, já que, na época, não havia Laboratório de Informática na UECE.

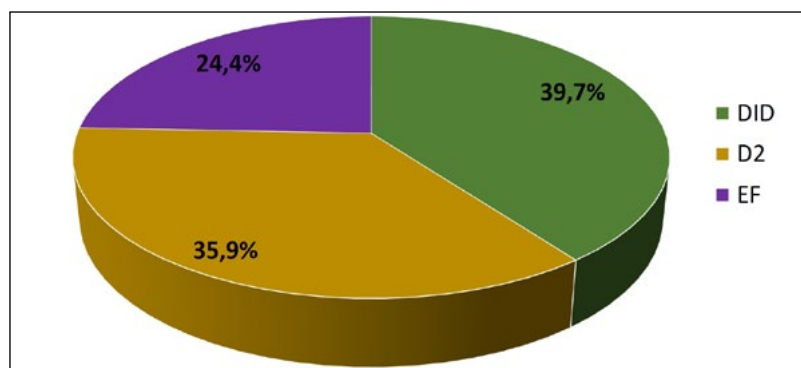
ESTÁGIO ATUAL DO PROJETO PORCUFORT FASE I

Em conformidade com o que já apresentamos, o Projeto PORCUFORT Fase I constitui-se de 64 inquéritos estratificados por: três tipos de inquéritos, sendo 31 do tipo DID, compreendendo 48,4% das gravações; 14 entrevistas do tipo D2, compondo 21,9% dos áudios e EF, com 19 inquéritos, o que nos dá um percentual de 29,7% do número total das entrevistas do projeto em sua Fase I.

O *corpus* possui um total de 73 informantes. Desse total, 31 informantes fazem parte do tipo de inquérito DID, correspondendo a 39,7% dos entrevistados; 28 pessoas integram as conversas do D2, representando 35,9%, e por fim, os informantes que formam os inquéritos do tipo EF que são 19, correspondendo a 24,4% das entrevistas totais.

O Gráfico 2 apresenta a distribuição de informantes por inquérito.

Gráfico 2 – Estratificação dos informantes
PORCUFORT Fase I por tipo de registro



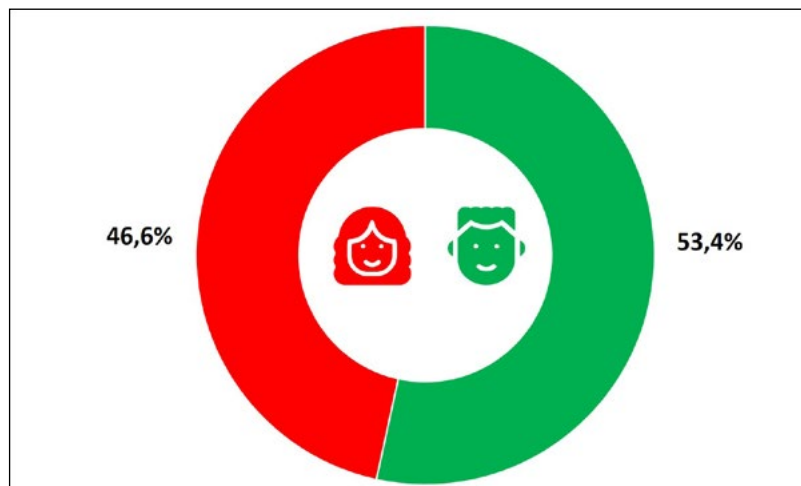
Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Importante ressaltar, aqui, que os registros do EF são os que estão em menor quantidade na amostra, como apresentado no Gráfico 2, o que nos aponta a já mencionada dificuldade de localizar, à época das gravações, pessoas com o perfil social desejado: graduados, fortalezenses, filhos de fortalezenses. Essa dificuldade se refletirá, como veremos mais à frente, entre os sexos. Sobre esse ponto, na continuidade das discussões acerca da estratificação social dos informantes do PORCUFORT Fase I, faz-se necessário um esclarecimento quanto à compreensão da variável sexo durante a elaboração do bando de dados.

À época das gravações do PORCUFORT, não havia no Brasil, a discussão sobre gêneros que vemos hoje, tendo a compreensão, então que havia apenas dois sexos biológicos: o masculino e o feminino, como foi feito no Projeto NURC décadas anteriores. Contudo, sociolinguistas americanos já repensavam a noção de gênero como uma categoria social (HOLMES; MEYERHOFF, 2003). Portanto, o PORCUFORT também foi estratificado em dois sexos biológicos: homens e mulheres.

Das 73 pessoas que foram gravadas, podemos visualizar, no Gráfico 3, a estratificação das gravações por sexo do informante: 39 são homens, correspondendo a 53,4% das pessoas que constituem o banco de dados, e 34 são mulheres, o que equivale a 46,5% dos falantes, ou seja, no *corpus* do PORCUFORT Fase I, pouco mais da metade dos informantes compreende o sexo masculino.

Gráfico 3 – Estratificação dos informantes PORCUFORT Fase I por sexo



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Ainda conforme o Gráfico 3, vemos que mulheres graduadas são mais raras que homens. Isso, condiz com a afirmação de Matos e Dantas (2004, p. 31), quando nos dizem que:

Corroborando para a manutenção histórica da melhor escolaridade das mulheres, observe-se a razão de sexo na matrícula dos ensino médio e superior, que revelam uma feminização do ensino [...] Em Fortaleza, que reúne a maior oferta dessas modalidades de ensino, entre os setores público e privado, haveria 94,21 homens a cada 100 mulheres matriculadas no ensino superior, e 79,56 no ensino médio, em 2000.

Nada é sem motivos. Os resultados apresentados pelas estudiosas, em uma data dez anos superior àquela em que foram entrevistados os informantes do PORCUFORT Fase I, mostram que os números deveriam ser mais surpreendentes e mais: refletem a luta feminina em busca da igualdade social, pois:

[...] uma das grandes contradições desse processo emerge no fato das mulheres possuírem um elevado nível de educação e o mercado de trabalho preferir pessoas mais habilitadas, não sendo condição suficiente para uma compensação monetária à altura da qualificação das trabalhadoras, relativamente mais qualificadas que seus pares” (MATOS; DANTAS, 2004, p. 30).

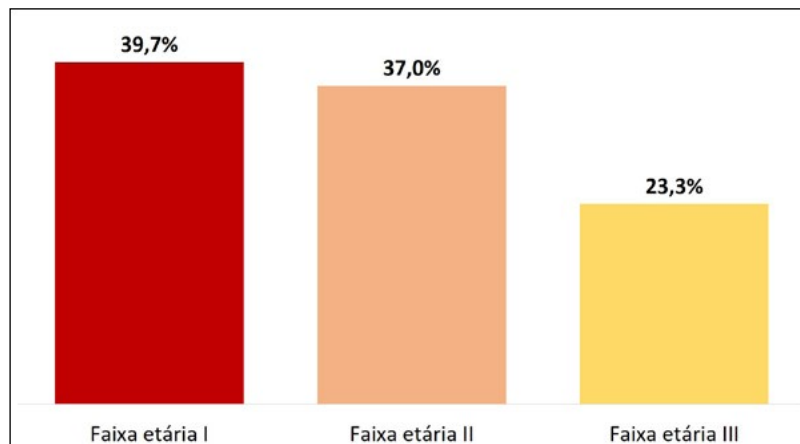
Para termos uma visão desses fatos, no estado do Ceará, mais precisamente no ano 2000, “a média de anos de estudos das mulheres atingia 6, 7 anos, enquanto os homens estavam aquém desta performance, com apenas 4,6 anos.” (MATOS; DANTAS, 2004, p. 30-31).

Além do sexo, um outro tipo de estratificação social muito importante para a constituição de bancos de dados de fala, na Sociolinguística variacionista, é aquela correspondente à idade dos indivíduos. Por meio dessa variável extralinguística, podemos analisar, em tempo aparente, a possibilidade de uma mudança linguística em curso (LABOV, 2006, 2008).

No Projeto PORCUFORT Fase I, há três faixas etárias, como já mencionado, que abrangem os jovens, os adultos e os mais idosos. As gravações estão separadas da seguinte forma: faixa etária I, que é composta por indivíduos que tinham entre 22 e 35 anos de idade na data de gravação do inquérito; a faixa II, que se constitui de informantes com idade entre 36 e 55 anos, e a faixa III, que contém aqueles falantes com idade de 56 anos em diante.

Na Fase I do banco de dados, a faixa etária I é a que contém mais informantes, com 29 deles, correspondendo a 39,7% das gravações; a faixa etária II, com 27 informantes e 37% da amostra e, por último, mas não menos importante, a faixa etária III constituída por 17 informantes, correspondendo a 23,3% dos inquéritos. Esses dados são ilustrados no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Estratificação dos informantes do PORCUFORT Fase I por faixa etária



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Ressaltamos, após observarmos o Gráfico 4 que, na Fase I do PORCUFORT, isto é, na década de 1990, foi deveras difícil encontrar pessoas com ensino superior completo, fortalezenses, filhos também de fortalezenses com nível superior completo. Isso se refletiu no banco de dados, onde, na célula EFF3 (ver Quadro 1) não há nenhuma mulher. Ou seja, encontrar uma mulher nesse perfil, com idade igual ou superior a 56 anos foi mais difícil que encontrar homens na mesma faixa etária e perfil.

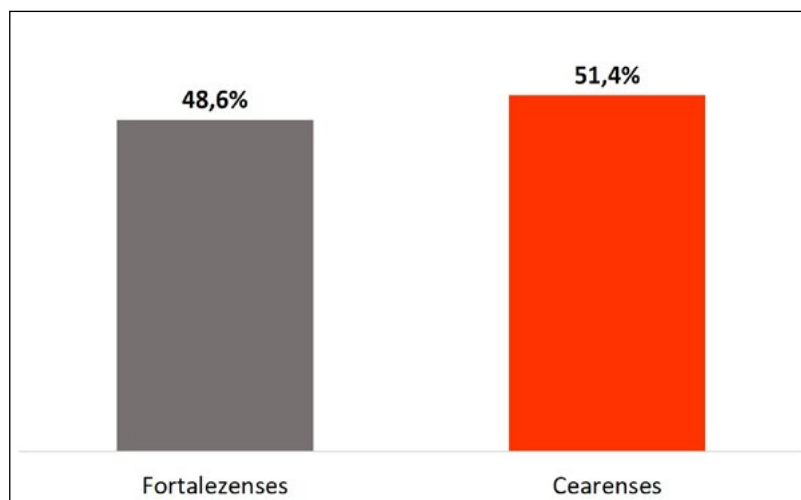
De acordo com o que já discutimos, o PORCUFORT Fase I foi, inicialmente, pensado para comportar 90 informantes (5 por célula), o que era suficiente em termos estatísticos, haja vista a população de graduados residentes em Fortaleza-CE, na década de 1990, ser de 66.722 habitantes. Ou seja, 3,77% da população total da época (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1991). Desse dados numéricos, quase 4% do total de habitantes da cidade, o número de pessoas com o perfil procurado afunilaria ainda mais esse

quantitativo, em decorrência das outras características sociais necessárias para formação do *corpus*. Ou seja, haveria em Fortaleza, bem menos pessoas que essas sessenta e seis mil com o perfil desejado pelo projeto.

Um dos critérios que gerou várias exclusões dos possíveis informantes do Projeto foi o critério que exigia do informante possuir pais também fortalezenses. Com o passar do tempo, sem encontrar pessoas nesse estrito perfil, para, assim, concluir a constituição do banco de dados, o coordenador do projeto resolveu abrir um pouco mais esse critério e passou-se a aceitar informantes com pais cearenses que tivessem vindo para Fortaleza ainda crianças.

Com base na modificação desse critério, vejamos, no Gráfico 5, a frequência de origem dos pais de nossos informantes.

Gráfico 5 – Frequência de origem de pais dos informantes do PORCUFORT Fase I

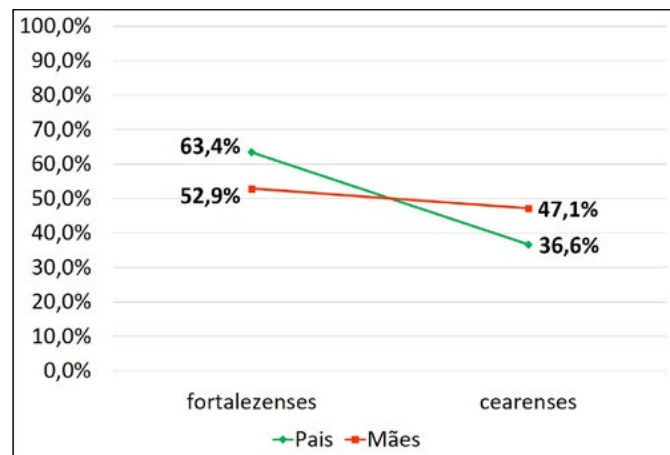


Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Como apontado no Gráfico 5, menos da metade dos informantes possuem ambos os pais fortalezenses (48,6%), o que corresponde a pais de, exatamente, 34 participantes. Dessa forma, há 36 (51,4%) informantes que têm pai ou mãe, ou ambos, naturais de outro município do Ceará. Ressaltamos que tivemos 2 informantes que não souberam responder quanto à naturalidade de ambos os pais, e 1 outro informante não soube responder sobre a naturalidade de sua mãe.

Cruzando os dados, chegamos ao Gráfico 6 que nos apresenta, separadamente, as frequências de pais e mães enquanto naturalidade fortalezense ou cearense. Podemos ver que, dos pais dos informantes, 63,4% (45 pais) eram fortalezenses, enquanto 36,6% (26 pais) eram naturais de outros municípios do estado. Com relação às mães, 52,9% (37 mães) eram fortalezenses, enquanto 47,1% (33 mães) eram cearenses. Esses dados esclarecem que, embora as frequências do Gráfico 6 apresentem um percentual menor que a metade de ambos os pais nascidos em Fortaleza, o contato com a comunidade de fala não foi alterado.

Gráfico 6 – Frequência de origem de pais e mães dos informantes do PORCUFORT Fase I



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

O motivo de se buscar um perfil de falantes natos é de verificar se esse falante já estava na comunidade de fala desde o momento de aquisição da língua materna até a adolescência, quando são estabilizados seus padrões linguísticos, pois os estudos sociolinguísticos têm se baseado na hipótese do *período crítico* de Lenneberg (1967), na qual os indivíduos não mudam muito sua língua após a adolescência. Além disso, há também uma série de estudos que têm investigado mais detidamente o pressuposto de que a fala adulta se estabiliza por volta da puberdade e reflete padrões linguísticos passados. É dessa maneira que os estudos de tempo aparente têm analisado a perspectiva da mudança linguística através da gradação etária.

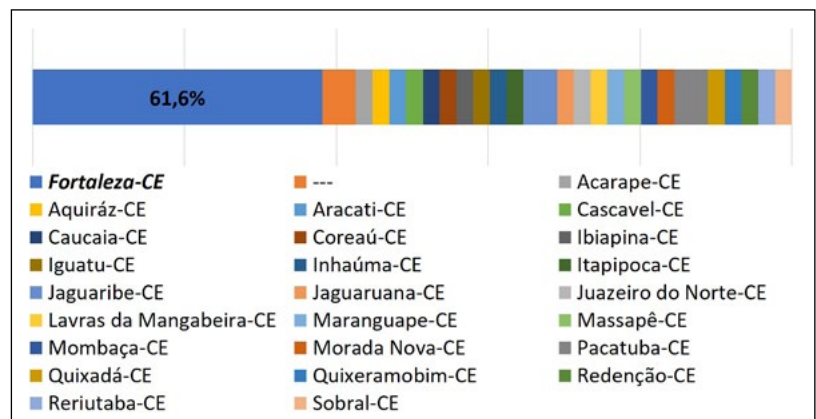
Contudo, há outras pesquisas que vão ao encontro a essa hipótese de Lenneberg. A exemplo disso, os estudo em tempo real de tipo painel: de Sankoff e Blondeau (2007, p. 583-584), com o francês de Montreal, Canadá; a pesquisa de Paiva e Duarte (2003, p. 28), no Rio de Janeiro; e de Oushiro (2016, p. 67) com paulistanos. Essas pesquisas verificaram várias irregularidades no comportamento linguístico dos falantes: enquanto alguns indivíduos demonstram estabilidade do sistema linguístico, outros apresentaram mudanças significativas entre o período de tempo das amostras.

Dessa maneira, mesmo havendo fortes evidências contra a hipótese do *período crítico* de Lenneberg (1967) sobre a estabilização da língua após a aquisição, ainda não sabemos quais fatores podem levar à adesão ou não de novos padrões da língua por parte de falantes adultos e quais novos padrões linguísticos são acrescentados à língua.

Na sequência, vejamos a complementação do que apresentamos anteriormente, trazendo os municípios naturais dos pais dos informantes. Para melhor esclarecimento, nos Gráficos 7 e 8, temos discriminada a quantidade de informantes que não sabiam a naturalidade de seus pais (02 informantes) representada, nos gráficos, por três traços (---).

O Gráfico 7 apresenta 27 municípios cearenses onde nasceram os pais dos informantes, antes de mudarem-se para a capital do estado. Destacamos no gráfico a cidade de Fortaleza, com 61,6% de pais de informantes (equivalente a 45 pessoas). Os demais municípios possuem menos de 8% de frequência (uma ou três pessoas cada), o que nos fez decidir apresentar apenas a maior frequência.

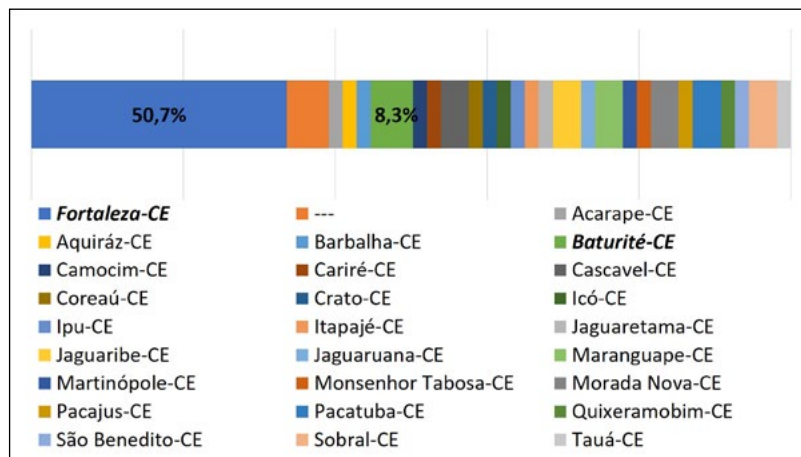
Gráfico 7 – Origem dos pais dos informantes do PORCUFORT Fase I



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Semelhante ao anterior, o Gráfico 8 traz para o(a) leitor(a) 26 municípios do estado que correspondem às localidades de nascimento das mães dos informantes. Novamente, a quantidade de informantes que não sabiam a naturalidade de suas mães (03 informantes) foi representada por três traços (---).

Gráfico 8 – Origem das mães dos informantes do PORCUFORT Fase I



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Novamente, pontuamos o destaque apenas para a cidade de Fortaleza, no Gráfico 8, com 50,7% de mães de informantes (equivalente a 37 pessoas). Após Fortaleza, o município de Baturité é o segundo a ser origem dessas mães cearenses com 8,3% (equivalente a 3 mães). Os demais municípios possuem menos de 6% de frequência (com uma ou duas pessoas cada), o que nos fez decidir apresentar, mais uma vez, apenas a maior frequência.

Seguindo a descrição da estratificação social dos informantes do PORCUFORT Fase I, no Quadro 3, temos a atual divisão dos informantes desse banco de dados segundo o sexo, a faixa etária e o tipo de registro.

Quadro 3 – Estratificação dos informantes do PORCUFORT Fase I

Faixa Etária	Sexo					
	Masculino			Feminino		
	Tipo de Registro					
	DID	D2	EF	DID	D2	EF
I (22-35)	6	4	3	4	8	4
II (36-55)	6	4	5	5	4	3
III (56 em diante)	6	3	2	3	3	0
Total	18	11	10	12	15	07
	39			34		
	73					

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Já, no Quadro 4, apresentamos a estratificação dos informantes do PORCUFORT Fase I com as faixas etárias alteradas para acomodar, pelo menos um informante, na célula EFF3, que ficou vazia. Dessa maneira, os informantes podem ser alocados nas seguintes faixas etárias: a Faixa I: de 22 a 35 anos de idade, a Faixa II: de 36 a 50 anos e a Faixa III: acima de 51 anos de idade.

Quadro 4 – Distribuição dos inquéritos do PORCUFORT Fase I estratificados por sexo, faixa etária e tipo de registro

F. etária	Sexo					
	Masculino			Feminino		
	Registro					
	DID	D2	EF	DID	D2	EF
I (22-35)	01, 21, 27, 50, 150, 29	11, 34, 47, 28,	17, 36, 54	06, 31 (131), 106, 20	02, 02, 07, 16 (116), 28, 30, 48, 26	25, 35, 38, 138
II (36-55)	05, 08, 10, 37, 46, 42	34, 45, 45, 30	03, 19, 52, 53, 152	09, 12, 32, 41, 43	07, 16 (116), 33, 26	18, 55, 56 (156)
III (56 em diante)	15, 22, 40, 44, 49, 51	11, 47, 48	14(114), 214	13, 23, 24	39, 39, 33	---

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Lembrando que cada número desses representa um inquérito, ou seja, uma gravação específica. Há, ainda, algumas observações sobre o *corpus*:

- a. A fita cassete do DID 05 foi desgravada¹⁵, havendo apenas a transcrição;
- b. Os D2 16 e 116 são considerados um mesmo inquérito, pois trazem os mesmos informantes falando em momentos distintos;
- c. Os EF 14 e 114 são considerados um mesmo inquérito, pois trazem o mesmo informante falando em momentos distintos;
- d. Os EF 56 e 156 são considerados um mesmo inquérito, pois trazem a mesma informante falando em momentos distintos;
- e. O DID 31 e 131 são considerados um mesmo inquérito, pois trazem a mesma informante falando em momentos distintos.

¹⁵ Infelizmente, a fita cassete foi desgravada, por imperícia no uso do gravador, antes de ser entregue aos cuidados da Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo.

Importante ressaltar, aqui, que 21 dos informantes do PORCUFORT Fase I são graduados em Letras, o que corresponde a 28,7% dos graduados, e 52 pessoas são formadas nas diversas outras graduações, correspondendo a 71,3% dos graduados. Dessa maneira, nos é notório outra particularidade do *corpus*: a dificuldade de os documentadores, na década de 1990, encontrarem muitas pessoas fortalezenses graduadas, sendo que o espaço onde mais se encontravam pessoas, com esse perfil, era nas universidades (UECE e UFC) e através delas. Assim, filtrando ainda mais os informantes do projeto, vemos que, dos 34 professores que temos no *corpus*, 16 são professores formados em Letras, o que equivale a 47% dos professores do PORCUFORT Fase I.

Para o(a) leitor(a) que pretenda analisar mais detidamente o PORCUFORT Fase I, no Quadro 5 colocamos em destaque o sexo e a faixa etária de cada inquérito juntos, dentro dos registros.

Quadro 5 – Detalhamento das idades dos informantes PORCUFORT Fase I

Número do inquérito	Sexo	Idade/Tipo de relação entre os informantes
D2		
02	Mulheres	23 e 24 anos – amigas
07	Mulheres	26 e 47 anos – amigas
11	Homens	33 e 70 anos – filho e pai
16	<i>Mulheres</i>	37 e 30 anos – amigas
116	<i>Mulheres</i>	37 e 30 anos – amigas
26	Mulheres	33 e 36 anos – cunhadas
28	Homem e Mulher	35 e 30 anos – amigos
30	Homem e Mulher	40 e 31 anos – amigos
33	Mulheres	69 e 54 anos – amigas
34	Homens	41 e 25 anos – amigos
39	Mulheres	66 e 62 anos – irmãs
45	Homens	52 e 50 anos – amigos
47	Homens	27 e 64 anos – amigos
48	Mulher e Homem	32 e 71 anos – amigos

DID		
01	Homem	27 anos
05 ¹⁶	Homem	54 anos
06	Mulher	25 anos
08	Homem	40 anos
09	Mulher	38 anos
10	Homem	45 anos
12	Mulher	41 anos
13	Mulher	58 anos
15	Homem	58 anos
20	Mulher	31 anos
21	Homem	25 anos
22	Homem	67 anos
23	Mulher	61 anos
24	Mulher	61 anos
27	Homem	30 anos
29	Homem	28 anos
31	Mulher	25 anos
32	Mulher	51 anos
37	Homem	54 anos
40	Homem	56 anos
41	Mulher	54 anos
44	Homem	70 anos
42	Homem	42 anos
43	Mulher	55 anos
46	Homem	48 anos
49	Homem	57 anos
50	Homem	29 anos
51	Homem	63 anos
106	Mulher	25 anos
131	Mulher	25 anos
150	Homem	34 anos

16 Inquérito desgravado, ou seja, sem áudio, contudo, há ainda a transcrição do mesmo.

EF		
03	Homem	55 anos
14	<i>Homem</i>	62 anos
114	<i>Homem</i>	62 anos
214	Homem	56 anos
17	Homem	33 anos
18	Mulher	42 anos
19	Homem	41 anos
25	Mulher	32 anos
35	Mulher	30 anos
36	Homem	24 anos
38	Mulher	33 anos
138	Mulher	28 anos
52	Homem	39 anos
152	Homem	41 anos
53	Homem	53 anos
54	Homem	28 anos
55	Mulher	45 anos
56	<i>Mulher</i>	54 anos
156	<i>Mulher</i>	54 anos

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Esse quadro pode facilitar a vida do(a) pesquisador(a) sociolinguista quando da necessidade de selecionar inquiridos para estudo, através dos critérios de sexo e faixa etária.

Os arquivos relacionados aos inquiridos do banco de dados são nomeados com uma sintaxe que visa facilitar o manuseio dos mesmos. Os arquivos de áudio, assim como os arquivos das transcrições e as fichas dos informantes são nomeadas da seguinte maneira: nome do banco de dados e número da fase (Fase I); número do inquirido; ano de gravação; tipo de registro; sexo e faixa etária do informante.

Grafado em letras minúsculas, com auxílio do caractere de *underscore/underline* (`_`) fazendo a separação desses blocos de informações.

Dessa maneira, os arquivos relacionados ao Inquérito 1 do banco de dados, por exemplo, é nomeado da seguinte forma: **porcufort1_inq.03_1994_did_m2**, por tratar-se de um inquérito do *PORCUFORT Fase I, o inquérito nº 03* na ordem de gravação do banco de dados, gravado no ano de 1994, tipo de registro *DID*, e informante *masculino da faixa etária II*.

Sendo assim, os arquivos DID e EF seguem esse mesmo padrão. Já os arquivos D2 por possuírem dois informantes por áudio/gravação, são nomeados da seguinte forma: **porcufort1_inq.48_1995_d2_m3f1**, ou seja, há o acréscimo de mais dois caracteres relacionados ao segundo informante. Assim, a sintaxe acima se trata de um inquérito do *PORCUFORT Fase I, o inquérito nº 48* na ordem de gravação, gravado no ano de 1995, do tipo de registro *D2*, e sendo o primeiro informante *masculino da faixa etária III* e o segundo informante, *feminino da faixa etária I*.

Os arquivos relacionados ao áudio e à transcrição dos D2 possuem a sintaxe descrita no parágrafo anterior. No entanto, as fichas dos informantes possuem ainda mais um caractere numérico indicando o seu informante, sendo: **porcufort1_inq.48_1995_d2_m3f1.1**, a ficha do informante 1 e **porcufort1_inq.48_1995_d2_m3f1.2**, a ficha do informante 2. Lembrando que o informante 1, nos D2, será, sempre, aquele indivíduo que inicia sua fala na gravação, seguido do informante 2, que é, sempre, o indivíduo que fala em segundo na gravação.

Podemos visualizar a lista dos inquéritos no quadro a seguir:

Quadro 6 — Nomes referentes aos arquivos do corpus do PORCUFORT Fase I

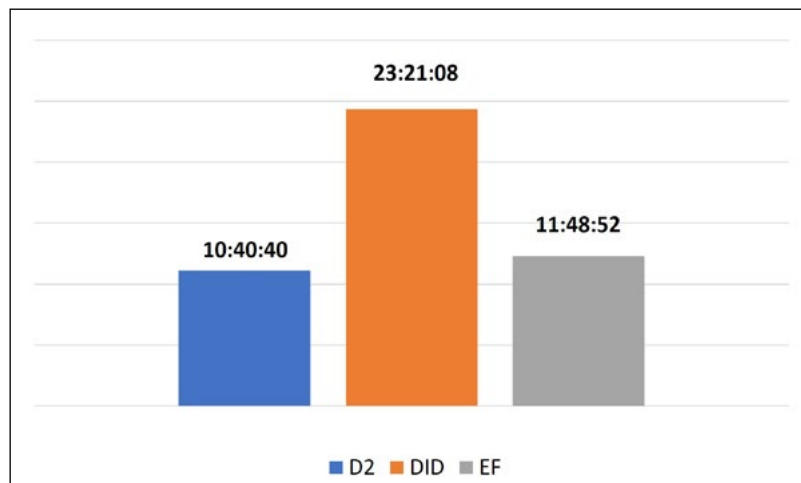
Número do Inquérito	Nome do arquivo de áudio e de transcrição	Nome dos arquivos das fichas dos informantes
01	porcufort1_inq.01_1993_did_m1	porcufort1_inq.01_1993_did_m1
02	porcufort1_inq.02_1993_d2_f1f1	porcufort1_inq.02_1993_d2_f1f1.1
		porcufort1_inq.02_1993_d2_f1f1.2
03	porcufort1_inq.03_1993_ef_m2	porcufort1_inq.03_1993_ef_m2
05	porcufort1_inq.05_1994_did_m2	porcufort1_inq.05_1994_did_m2
06	porcufort1_inq.06_1993_did_f1	porcufort1_inq.06_1993_did_f1
07	porcufort1_inq.07_1993_d2_f1f2	porcufort1_inq.07_1993_d2_f1f2.1
		porcufort1_inq.07_1993_d2_f1f2.2
08	porcufort1_inq.08_1994_did_m2	porcufort1_inq.08_1994_did_m2
09	porcufort1_inq.09_1994_did_f2	porcufort1_inq.09_1994_did_f2
10	porcufort1_inq.10_1994_did_m2	porcufort1_inq.10_1994_did_m2
11	porcufort1_inq.11_1994_d2_m1m3	porcufort1_inq.11_1994_d2_m1m3.1
		porcufort1_inq.11_1994_d2_m1m3.2
12	porcufort1_inq.12_1994_did_f2	porcufort1_inq.12_1994_did_f2
13	porcufort1_inq.13_1994_did_f3	porcufort1_inq.13_1994_did_f3
14	porcufort1_inq.14_1994_ef_m3	porcufort1_inq.14_1994_ef_m3
15	porcufort1_inq.15_1993_did_m3	porcufort1_inq.15_1993_did_m3
16	porcufort1_inq.16_1994_d2_f2f1	porcufort1_inq.16_1994_d2_f2f1.1
		porcufort1_inq.16_1994_d2_f2f1.2
17	porcufort1_inq.17_1994_ef_m1	porcufort1_inq.17_1994_ef_m1
18	porcufort1_inq.18_1994_ef_f2	porcufort1_inq.18_1994_ef_f2
19	porcufort1_inq.19_1994_ef_m2	porcufort1_inq.19_1994_ef_m2
20	porcufort1_inq.20_1994_did_f1	porcufort1_inq.20_1994_did_f1
21	porcufort1_inq.21_1994_did_m1	porcufort1_inq.21_1994_did_m1
22	porcufort1_inq.22_1994_did_m3	porcufort1_inq.22_1994_did_m3
23	porcufort1_inq.23_1994_did_f3	porcufort1_inq.23_1994_did_f3
24	porcufort1_inq.24_1994_did_f3	porcufort1_inq.24_1994_did_f3
25	porcufort1_inq.25_1994_ef_f1	porcufort1_inq.25_1994_ef_f1

Número do Inquérito	Nome do arquivo de áudio e de transcrição	Nome dos arquivos das fichas dos informantes
26	porcufort1_inq.26_1994_d2_f2f1	porcufort1_inq.26_1994_d2_f2f1.1
		porcufort1_inq.26_1994_d2_f2f1.2
27	porcufort1_inq.27_1994_did_m1	porcufort1_inq.27_1994_did_m1
28	porcufort1_inq.28_1994_d2_m1f1	porcufort1_inq.28_1994_d2_m1f1.1
		porcufort1_inq.28_1994_d2_m1f1.2
29	porcufort1_inq.29_1994_did_m1	porcufort1_inq.29_1994_did_m1
30	porcufort1_inq.30_1994_d2_m2f1	porcufort1_inq.30_1994_d2_m2f1.1
		porcufort1_inq.30_1994_d2_m2f1.2
31	porcufort1_inq.31_1994_did_f1	porcufort1_inq.31_1994_did_f1
32	porcufort1_inq.32_1994_did_f2	porcufort1_inq.32_1994_did_f2
33	porcufort1_inq.33_1994_d2_f3f2	porcufort1_inq.33_1994_d2_f3f2.1
		porcufort1_inq.33_1994_d2_f3f2.2
34	porcufort1_inq.34_1994_d2_m2m1	porcufort1_inq.34_1994_d2_m2m1.1
		porcufort1_inq.34_1994_d2_m2m1.2
35	porcufort1_inq.35_1994_ef_f1	porcufort1_inq.35_1994_ef_f1
36	porcufort1_inq.36_1994_ef_m1	porcufort1_inq.36_1994_ef_m1
37	porcufort1_inq.37_1995_did_m2	porcufort1_inq.37_1995_did_m2
38	porcufort1_inq.38_1994_ef_f1	porcufort1_inq.38_1994_ef_f1
39	porcufort1_inq.39_1994_d2_f3f3	porcufort1_inq.39_1994_d2_f3f3.1
		porcufort1_inq.39_1994_d2_f3f3.2
40	porcufort1_inq.40_1994_did_m3	porcufort1_inq.40_1994_did_m3
41	porcufort1_inq.41_1995_did_f2	porcufort1_inq.41_1995_did_f2
42	porcufort1_inq.42_1995_did_m2	porcufort1_inq.42_1995_did_m2
43	porcufort1_inq.43_1995_did_f2	porcufort1_inq.43_1995_did_f2
44	porcufort1_inq.44_1995_did_m3	porcufort1_inq.44_1995_did_m3
45	porcufort1_inq.45_1995_d2_m2m2	porcufort1_inq.45_1995_d2_m2m2.1
		porcufort1_inq.45_1995_d2_m2m2.2
46	porcufort1_inq.46_1995_did_m2	porcufort1_inq.46_1995_did_m2
47	porcufort1_inq.47_1995_d2_m1m3	porcufort1_inq.47_1995_d2_m1m3.1
		porcufort1_inq.47_1995_d2_m1m3.2

Número do Inquérito	Nome do arquivo de áudio e de transcrição	Nome dos arquivos das fichas dos informantes
48	porcufort1_inq.48_1995_d2_m3f1	porcufort1_inq.48_1995_d2_m3f1.1
		porcufort1_inq.48_1995_d2_m3f1.2
49	porcufort1_inq.49_1995_did_m3	porcufort1_inq.49_1995_did_m3
50	porcufort1_inq.50_1995_did_m1	porcufort1_inq.50_1995_did_m1
51	porcufort1_inq.51_1995_did_m3	porcufort1_inq.51_1995_did_m3
52	porcufort1_inq.52_1995_ef_m2	porcufort1_inq.52_1995_ef_m2
53	porcufort1_inq.53_1995_ef_m2	porcufort1_inq.53_1995_ef_m2
54	porcufort1_inq.54_1995_ef_m1	porcufort1_inq.54_1995_ef_m1
55	porcufort1_inq.55_1995_ef_f2	porcufort1_inq.55_1995_ef_f2
56	porcufort1_inq.56_1995_ef_f2	porcufort1_inq.56_1995_ef_f2
106	porcufort1_inq.106_1994_did_f1	porcufort1_inq.106_1994_did_f1
138	porcufort1_inq.138_1994_ef_f1	porcufort1_inq.138_1994_ef_f1
150	porcufort1_inq.150_1995_did_m1	porcufort1_inq.150_1995_did_m1
152	porcufort1_inq.152_ef_m2	porcufort1_inq.152_ef_m2
214	porcufort1_inq.214_1994_ef_m3	porcufort1_inq.214_1994_ef_m3

Outra informação que se faz necessária compartilhar está no Gráfico 9. Nele, visualizamos a totalidade de horas gravadas em entrevistas do PORCUFORT Fase I.

Gráfico 9 – Totais de horas por tipo de registro do PORCUFORT Fase I



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Fazendo uma correlação entre a quantidade de inquéritos (64) divididos em seus três tipos de registro (14 D2, 31 DID e 19 EF), constatamos a relação entre quantidade de gravações e o tempo total que elas somam.

Antes de realizar qualquer entrevista, o documentador, primeiramente, preenchia uma ficha do informante, com a finalidade de verificar se, de fato, o informante atendia aos requisitos pré-estabelecidos – critérios por nós já explorados – o que facilitava bastante o trabalho do documentador, no momento de realizar a entrevista. Vejamos, no Quadro 7 mais detalhes dos inquéritos do PORCUFORT Fase I, quanto às seguintes características: profissão, sexo, idade e bairro de residência dos informantes.

Quadro 7 – Metadados do PORCUFORT Fase I

Inq.	Data de gravação	Formação acadêmica	Graduação Pública/particular	Especialização	Mestrado	Doutorado	Profissão	Sexo
1	06/10/1993	Bacharelado em Medicina	Pública	-	-	-	Médico	Masculino
2	06/10/1993	Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo	Pública	-	-	-	Arquiteta (Inf. 01)	Feminino
		Bacharelado em Comunicação Social	Pública	-	-	-	Professora (Inf. 02)	Feminino
3	28/10/1993	Licenciatura em Letras	Pública	-	-	1	Professor Universitário	Masculino
5	07/02/1994	Licenciatura em Letras	Pública	1	-	-	Professor/Diretor Escolar	Masculino
6	02/12/1993	Licenciatura em Filosofia	Pública	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
7	21/12/1993	Bacharelado em Psicologia	-	-	-	-	Psicóloga	Feminino
		Licenciatura em Pedagogia	-	-	-	-	Pedagoga	Feminino
8	04/01/1994	Licenciatura em Letras	Pública	2	-	-	Professor Universitário	Masculino
9	11/02/1994	Licenciatura em Letras	Pública	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
10	24/01/1994	Bacharelado em Administração de Empresas	Particular	-	1	-	Professor Universitário	Masculino
11	08/01/1994	Bacharelado em Veterinária	Pública	-	-	-	Comerciante/Veterinário	Masculino
		Bacharelado em Direito	-	-	-	-	Advogado	Masculino
12	21/02/1994	Licenciatura em Filosofia	-	1	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
13	08/03/1994	Licenciatura em Pedagogia e Bacharelado em Direito	-	-	-	-	Aposentada/Funcionária Pública Federal	Feminino
14	08/04/1994	Licenciatura em Letras	Pública	1	-	-	Professor Universitário	Masculino
15	15/11/1993	Bacharelado em Administração Pública	Privada	1	1	-	Administrador	Masculino
16	18/04/1994	Licenciatura em Letras	Pública	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
		Licenciatura em Letras	Pública	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
17	19/04/1994	Licenciatura em Filosofia	-	1	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
18	04/05/1994	Bacharelado em Ciências Sociais	Pública	2	1	-	Professora Universitária	Feminino
19	19/05/1994	Bacharelado em Medicina	Pública	-	1	1	Médico Psiquiatra	Masculino
20	23/05/1994	Bacharelado em Teologia	Particular	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
21	25/05/1994	Bacharelado em Terapia Ocupacional	-	1	-	-	Terapeuta Ocupacional	Masculino
22	21/06/1994	Licenciatura em Geografia	Pública	-	-	-	Aposentado/Professor de Ensino Básico e Diretor	Masculino
23	22/06/1994	Licenciatura em Pedagogia	-	-	-	-	Aposentada/Professora de Ensino Básico	Feminino

Inq.	Data de gravação	Formação acadêmica	Graduação Pública/particular	Especialização	Mestrado	Doutorado	Profissão	Sexo
24	30/06/1994	Licenciatura em História	-	-	1	-	Professora Universitária	Feminino
25	01/07/1994	Licenciatura em Letras	Pública	1	-	-	Professora Universitária	Feminino
26	11/07/1994	Licenciatura em Letras	-	-	-	-	Secretária	Feminino
		Licenciatura em Letras	-	-	-	-	Professora	Feminino
27	19/07/1994	Bacharelado em Administração	-	-	-	-	Bancário	Masculino
28	12/07/1994	Licenciatura em Geografia	Pública	1	-	-	Professor Universitário	Masculino
		Bacharelado em Comunicação Social	-	-	-	-	Jornalista	Feminino
29	20/07/1994	Bacharelado em Administração	Particular	-	-	-	Estudante	Masculino
30	26/07/1994	Licenciatura em História	Pública	1	-	-	Técnico Operacional	Masculino
		Bacharelado em Administração	Particular	-	-	-	Técnico Operacional	Feminino
31	01/08/1994	Bacharelado em Odontologia	Pública	1	-	-	Dentista	Feminino
32	20/08/1994	Licenciatura em Estudos Sociais	Particular	-	-	-	Aposentada/Professora de Ensino Básico	Feminino
33	15/09/1994	Licenciatura em Filosofia e Bacharelado em Teologia	-	1	-	-	Aposentada/Professora Universitária	Feminino
		Licenciatura em Filosofia e Bacharelado em Teologia	-	-	-	-	Pedagoga/Professora de Ensino Básico	Feminino
34	15/10/1994	Licenciatura em Educação Física	-	1	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
		Licenciatura em Ciências	Pública	-	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
35	11/11/1994	Licenciatura em Letras	-	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
36	11/11/1994	Licenciatura em Letras	Pública	-	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
37	07/01/1995	Bacharelado em Agronomia e Economia	-	1	-	-	Engenheiro Agrônomo	Masculino
38	16/11/1994	Licenciatura em Letras	Pública	1	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
39	29/11/1994	Licenciatura em Pedagogia	Pública	1	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
		Licenciatura em Letras Anglo-Germânicas	Particular	-	-	-	Funcionária Pública Federal	Feminino
40	23/12/1994	Bacharelado em Direito	Pública	-	-	-	Advogado	Masculino
41	04/01/1995	Bacharelado em Economia	Pública	1	-	-	Economista	Feminino
42	04/01/1995	Bacharelado em Engenharia Civil	Pública	-	-	-	Engenheiro Civil	Masculino
43	05/01/1995	Bacharelado em Serviço Social	-	1	-	-	Professora/Diretora de Cursos Livres	Feminino
44	10/01/1995	Licenciatura em Economia, Mercado, Organização e Norma	-	1	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
45	12/01/1995	Bacharelado em Engenharia Elétrica	-	-	-	-	Engenheiro Elétrico	Masculino
		Bacharelado em Engenharia Química	-	-	-	-	Engenheiro Químico	Masculino

Inq.	Data de gravação	Formação acadêmica	Graduação Pública/particular	Especialização	Mestrado	Doutorado	Profissão	Sexo
46	16/01/1995	Bacharelado em Engenharia Química	Pública	1	-	-	Engenheiro Químico/ Coordenador administrativo	Masculino
47	23/01/1995	Licenciatura em Letras	-	-	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
		Licenciatura em Letras Anglo-Germânicas e Bacharelado em Direito	-	1	-	-	Professor Universitário/Advogado	Masculino
48	31/01/1995	Licenciatura em Letras Anglo-Germânicas	-	-	-	-	Aposentado/Professor de Ensino Básico	Masculino
		Licenciatura em Geografia	-	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
49	06/02/1995	Bacharelado em Engenharia Civil	-	1	-	-	Engenheiro Civil	Masculino
50	06/02/1995	Bacharelado em Medicina	-	-	-	-	Médico	Masculino
51	08/02/1995	Licenciatura em Ciências Econômicas, em Administração Pública, em Filosofia	-	-	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
52	03/02/1995	Licenciatura em Geografia	Pública	1	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
53	06/02/1995	Licenciatura em História; Bacharelado em Direito	-	1	-	-	Professor Universitário	Masculino
54	11/04/1995	Bacharelado em Engenharia Mecânica	Particular	-	1	-	Professor Universitário/Engenheiro Mecânico	Masculino
55	24/04/1995	Bacharelado em Estatística	-	-	1	-	Professora Universitária/Estatística	Feminino
56	18/05/1995	Licenciatura em Letras	-	1	-	-	Professora Universitária	Feminino
106	13/07/1994	Bacharelado em Turismo	Particular	-	-	-	Comerciante	Feminino
114	18/04/1994	Licenciatura em Letras	Pública	1	-	-	Professor Universitário	Masculino
116	06/06/1994	Licenciatura em Letras	-	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
		Licenciatura em Letras	-	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
131	03/08/1994	Bacharelado em Odontologia	Pública	1	-	-	Dentista	Feminino
138	07/12/1994	Licenciatura em Letras	-	1	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
150	27/04/1995	Bacharelado em Direito e Bacharelado em Administração	Pública e Particular	1	-	-	Advogado	Masculino
152	---	Bacharelado em Engenharia Civil	-	1	-	-	Professor de Ensino Técnico/Engenheiro Civil	Masculino
156	24/05/1995	Licenciatura em Letras	-	1	-	-	Professora Universitária	Feminino
214	21/06/1994	Licenciatura em Letras e em Filosofia	-	2	-	-	Professor Universitário	Masculino

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Quadro 8 – Continuação Detalhamento dos inquéritos do PORCUFORT Fase I

Inq.	Idade	Faixa etária	Naturalidade pai	Naturalidade mãe	Bairro	Registro	Relação entre os D2	Duração do Inquérito
1	27	Faixa 1	Maranguape-CE	Maranguape-CE	Aldeota	DID	-	00:47:51
2	23	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Aldeota	D2	amigas	00:42:44
	24	Faixa 1	Fortaleza-CE	Baturité-CE	Dionísio Torres	D2		
3	55	Faixa 2	Redenção-CE	Fortaleza-CE	Dionísio Torres	EF	-	00:56:32
5	54	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Aldeota	DID	-	Desgravado
6	25	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Bela Vista	DID	-	00:30:52
7	26	Faixa 1	Fortaleza-CE	Coreaú-CE	Cajazeiras	D2	amigas	00:57:04
	47	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Centro	D2		
8	40	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Fátima	DID	-	00:45:22
9	38	Faixa 2	Reriutaba-CE	Sobral-CE	Álvaro Weyne	DID	-	00:50:34
10	45	Faixa 2	Fortaleza-CE	Camocim-CE	Fátima	DID	-	00:55:18
11	33	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Aldeota	D2	filho e pai	00:51:51
	70	Faixa 3	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Aldeota	D2		
12	41	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Aldeota	DID	-	00:55:57
13	58	Faixa 3	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Parquelândia	DID	-	00:49:28
14	62	Faixa 3	Aracati-CE	Fortaleza-CE	Parquelândia	EF	-	00:31:13
15	58	Faixa 3	Lavras da Mangabeira-CE	Baturité-CE	Dionísio Torres	DID	-	00:45:07
16	37	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Centro	D2	amigas	00:55:34
	30	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Lagoa Redonda	D2		
17	33	Faixa 1	Morada Nova-CE	Morada Nova-CE	Cidade dos Funcionários	EF	-	00:56:39
18	42	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Meireles	EF	-	00:50:24
19	41	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Aldeota	EF	-	00:55:36
20	31	Faixa 1	Acarape-CE	Acarape-CE	Carlito Pamplona	DID	-	00:55:47
21	25	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Centro	DID	-	00:55:59
22	67	Faixa 3	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Parquelândia	DID	-	00:55:36
23	61	Faixa 3	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Messejana	DID	-	00:55:12
24	61	Faixa 3	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Aldeota	DID	-	00:55:44

Inq.	Idade	Faixa etária	Naturalidade pai	Naturalidade mãe	Bairro	Registro	Relação entre os D2	Duração do Inquérito
25	32	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Aldeota	EF	-	00:52:55
26	36	Faixa 2	Jaguaruana-CE	Fortaleza-CE	Jardim Iracema	D2	Cunhadas	00:55:36
	33	Faixa 1	Fortaleza-CE	Itapajé-CE	Jardim Iracema	D2		
27	30	Faixa 1	Fortaleza-CE	Morada Nova-CE	Papicu	DID	-	00:55:42
28	35	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Benfica	D2	amigos	00:55:53
	30	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Aldeota	D2		
29	28	Faixa 1	Coreaú-CE	Martinópolis-CE	Aeroporto	DID	-	00:28:11
30	40	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Papicu	D2	amigos	00:57:07
	31	Faixa 1	Jaguaripe-CE	Jaguaripe-CE	Varjota	D2		
31	25	Faixa 1	Fortaleza-CE	Sobral-CE	Centro	DID	-	00:28:01
32	51	Faixa 2	Caucaia-CE	Pacatuba-CE	Quintino Cunha	DID	-	00:56:30
33	69	Faixa 3	Inhaúma-CE	Barbalha-CE	São João do Tauape	D2	amigas	00:28:44
	54	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Pio XXII	D2		
34	41	Faixa 2	Mombaça-CE	Tauá-CE	São Gerardo	D2	amigos	00:38:46
	25	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Antônio Bezerra	D2		
35	30	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Parque São José	EF	-	00:28:13
36	24	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Barra do Ceará	EF	-	00:48:46
37	54	Faixa 2	Jaguaripe-CE	Jaguaripe-CE	Aldeota	DID	-	00:56:24
38	33	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Jardim das Oliveiras	EF	-	00:18:53
39	66	Faixa 3	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Jacarecanga	D2	irmãs	00:57:21
	62	Faixa 3	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Monte Castelo	D2		
40	56	Faixa 3	Pacatuba-CE	Cascavel-CE	Parquelândia	DID	-	00:56:43
41	54	Faixa 2	Iguatu-CE	Crato-CE	Aldeota	DID	-	00:56:07
42	42	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Meireles	DID	-	00:27:54
43	53	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Meireles	DID	-	00:55:54
44	70	Faixa 3	Aquiráz-CE	Aquiráz-CE	Dionísio Torres	DID	-	00:54:59
45	52	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Meireles	D2	amigos	00:55:52
	50	Faixa 2	Massapê-CE	Fortaleza-CE	Meireles	D2		
46	48	Faixa 2	Fortaleza-CE	Cascavel-CE	Varjota	DID	-	00:56:00

Inq.	Idade	Faixa etária	Naturalidade pai	Naturalidade mãe	Bairro	Registro	Relação entre os D2	Duração do Inquérito
47	27	Faixa 1	Cascavel-CE	Jaguaruana-CE	Aldeota	D2	amigos	00:28:04
	64	Faixa 3	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Fátima	D2		
48	71	Faixa 3	Pacatuba-CE	Fortaleza-CE	Benfica	D2	amigos	00:56:04
	32	Faixa 1	---	---	Quintino Cunha	D2		
49	57	Faixa 3	Fortaleza-CE	Icó-CE	Papicu	DID	-	00:57:09
50	29	Faixa 1	Fortaleza-CE	Maranguape-CE	Papicu	DID	-	00:27:53
51	63	Faixa 3	Fortaleza-CE	Ipu-CE	Parquelândia	DID	-	00:57:02
52	39	Faixa 2	Fortaleza-CE	Cariré-CE	Piedade	EF	-	00:32:29
53	53	Faixa 2	Fortaleza-CE	Pacatuba-CE	Aldeota	EF	-	00:56:29
54	28	Faixa 1	Quixadá-CE	Jaguaretama-CE	Fátima	EF	-	00:34:52
55	45	Faixa 2	---	---	Papicu	EF	-	00:55:40
56	54	Faixa 2	Juazeiro do Norte-CE	Baturité-CE	Aldeota	EF	-	00:28:10
106	25	Faixa 1	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Parquelândia	DID	-	00:24:06
114	62	Faixa 3	Aracati-CE	Fortaleza-CE	Parquelândia	EF	-	00:00:00
116	37	Faixa 2	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Centro	D2	amigas	00:00:00
	30	Faixa 1	Fortaleza-CE	Pacajus-CE	Lagoa Redonda	D2		
131	25	Faixa 1	Fortaleza-CE	Sobral-CE	Centro	DID	-	00:15:42
138	31	Faixa 1	Quixeramobim-CE	Quixeramobim-CE	Monte Castelo	EF	-	00:28:03
150	34	Faixa 1	Sobral-CE	São Benedito-CE	São João do Tauape	DID	-	00:28:04
152	41	Faixa 2	Itapipoca-CE	Monsenhor Tabosa-CE	Cidade dos Funcionários	EF	-	00:23:27
156	54	Faixa 2	Juazeiro do Norte-CE	Baturité-CE	Aldeota	EF	-	00:28:21
214	56	Faixa 3	Ibiapina-CE	---	Messejana	EF	-	00:22:10

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Nos Quadros 7 e 8, podemos visualizar os metadados dos inquiridos da primeira fase. Essa disposição facilita a escolha do(a) estudioso(a) sobre a seleção dos informantes, considerando suas respectivas profissões, sexo e faixa etária, por exemplo. Sobre a profissão dos informantes, constatamos que as atividades exercidas pelos homens se diferenciavam, em alguns pontos, daquelas exercidas pelas mulheres, fato que nos fez analisar em separado as profissões dos informantes por sexo. Em resumo, temos, no Quadro 9, as seguintes profissões exercidas por homens e mulheres participantes do PORCUFORT Fase I:

Quadro 9 – Profissões dos informantes do PORCUFORT Fase I

Homens		Mulheres	
Administrador	1	Aposentada	4
Advogado	4	Arquiteta	1
Aposentado	2	Comerciante	1
Bancário	1	Dentista	1
Comerciante/Veterinário	1	Economista	1
Engenheiro Agrônomo	1	Estatista	1
Engenheiro Civil	3	Funcionária Pública Federal	1
Engenheiro Elétrico	1	Jornalista	1
Engenheiro Mecânico	1	Pedagoga	2
Engenheiro Químico	2	Professora	16
Estudante	1	Professora Universitária	2
Médico	3	Psicóloga	1
Professor	9	Secretária	1
Professor Universitário	7	Técnico Operacional	1
Técnico Operacional	1		
Terapeuta Ocupacional	1		
Total profissões/ocupações	16	Total profissões/ocupações	14

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Como visto, temos 16 diferentes profissões para os homens e 14 para as mulheres, sendo que levamos em consideração a diferenciação entre professor do ensino básico e professor universitário. Assim, os informantes do sexo masculino, um total de 39 indivíduos, exerciam as seguintes profissões: administrador (01); advogados (04); aposentados (02); bancário (01); comerciante veterinário (01); engenheiro agrônomo (01); engenheiro civil (03); engenheiro mecânico (01); engenheiros químicos (02); estudante (01); médicos (03); professores (09); professores universitários (07); técnico operacional (01) e terapeuta ocupacional (01).

Já os informantes do sexo feminino, um total de 34 sujeitos, exerciam, quando da coleta dos dados, as seguintes profissões: aposentadas (04); arquiteta (01); comerciante (01); dentista (01); economista (01); estatística (01); funcionária pública federal (01); jornalista (01); pedagogas (02); professoras (16); professoras universitárias (02); psicóloga (01); secretária (01) e técnica operacional (01).

As mulheres do Projeto PORCUFORT Fase I são profissionais ativas e, com exceção das aposentadas – que estão em maior número que os homens na mesma situação – exercem em geral, profissões das ciências humanas, profissões que tratam do cuidado com o outro, como pedagogas, professoras, secretárias, psicólogas – só nessas quatro profissões, temos 65% das mulheres da amostra.

Já os homens exercem profissões mais bem conceituadas e mais relacionadas às ciências exatas, como engenheiros, médicos, advogados, bancários – um total de 45% das profissões. Outro detalhe é que há mais professores universitários que professoras universitárias, enquanto os números são desproporcionais para professores do ensino básico: quase o dobro de mulheres que os homens.

Estudiosos como Amorim, Rodrigues e Cunha (2004) discutem essa relação profissão-sexo nos apresentando uma visão foucaultiana

das relações sociais no mercado de trabalho. Essa visão parece-nos explicar, pelo menos em parte, as diferenças que constatamos na amostra do Projeto PORCUFORT Fase I. Para os autores, as linhas de poder na sociedade capitalista não estão estruturadas somente nas relações de produção na sociedade, de noções de classe social ou, ainda, nas relações do Estado, mas inclusive, estão estruturadas em construções culturais e simbólicas, como as relações patriarcais, étnicas e de gênero.

Através de pesquisas relacionadas ao acesso à educação e ao gênero, os pesquisadores verificaram que, na rede federal, o número de matrículas masculinas superava o de matrículas femininas tanto no ensino fundamental como no médio, e que a questão do sexo/gênero está diretamente relacionada aos caminhos e papéis sociais atribuídos socialmente e culturalmente aos indivíduos que compõem uma dada sociedade.

Neste tocante, verificamos que a oferta nesse nível de ensino está muito ligada a formação tecnológica, tradicionalmente reservada aos homens, além disso, o conteúdo do ensino das escolas federais tende a atrair e privilegiar uma clientela mais voltada ao cultivo das Ciências da Natureza e da Matemática, aspecto predominantemente identificado com o gênero masculino da nossa cultura (AMORIM; RODRIGUES; CUNHA, 2004, p. 72).

Os autores se utilizaram de informações dos anos 2000, cedidas pela Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará, no tocante a dados relacionados às matrículas e cotidiano escolar nos sistemas de ensino municipal, estadual e federal, bem como no sistema privado. Mesmo sabendo que os informantes do PORCUFORT Fase I são anteriores a esses dados, acreditamos que esses dados refletem, de alguma maneira, algumas camadas da capital cearense dos anos 1990.

An aerial photograph of a desert landscape, likely the Rub' al Khali in Saudi Arabia. The image shows rolling sand dunes in shades of orange and red. Several palm trees are scattered across the dunes. The overall tone is warm and monochromatic, with a dark, almost black, area at the bottom of the frame.

3

PORCUFORT
Fase II

Apresentaremos, na sequência, os dados que compreendem a realização do Projeto PORCUFORT Fase II. Nesse caso, temos nova amostra do falar culto de Fortaleza, com a proposição de *corpora* em amostras de tempo real de curta duração do tipo tendência. Assim, foi composta uma amostra de linguagem falada que possibilita a realização de pesquisas em tempo aparente mais recente.

O PORCUFORT FASE II: UMA PESQUISA EM TEMPO REAL DO TIPO TENDÊNCIA

Propusemos a constituição de um novo banco de dados de fala culta da cidade de Fortaleza, com o objetivo central de construir, com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994, 2006, 2008, 2010; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), uma amostra de dados de linguagem falada e tida como culta, mais atual, para a capital cearense, já que o único banco de dados dessa variedade, disponível, era o *corpus* do PORCUFORT Fase I, construído, conforme discutimos nas partes anteriores, no início da década de 1990.

A elaboração dessa segunda fase do projeto PORCUFORT possibilitará, portanto, aos pesquisadores sociolinguistas a descrição e análise em tempo real e também em tempo aparente, de inúmeros fenômenos de variação e mudança linguística dispostos nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e semântico-discursivo da variedade culta de Fortaleza-CE, a partir de dados reais de linguagem em uso. Esses pontos certamente justificam o embasamento deste projeto nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994, 2006, 2008, 2010; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), tida, hoje, como uma das áreas de estudos linguísticos com amplo desenvolvimento no Brasil.

Na verdade, de acordo com Hora *et al.* (2009), as pesquisas realizadas no âmbito da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN evidenciam a forte influência da Sociolinguística, em suas diversas subáreas, nos vários centros de pesquisa do país. Ressaltamos que, mesmo estudos que não se denominam sociolinguísticos, têm adotado procedimentos metodológicos oriundos dessa disciplina.

Em virtude de sua inserção no quadro de estudos sociolinguísticos variacionistas, a realização do PORCUFORT Fase II possui um caráter quantitativo e empírico, pois aborda a realidade linguística, mais especificamente do falar tido como culto da capital cearense, e implica um esforço conjunto de seus integrantes, no sentido de revelar fotografias sociolinguísticas atuais da variedade linguística em foco, para a comunidade científica brasileira e, de modo mais peculiar, para a cearense. Nesse sentido, a análise de aspectos linguísticos variáveis no falar tido como culto dos fortalezenses contribui, em uma primeira instância, para fazer conhecer faces dessa multiplicidade linguística do português do PB e, numa segunda instância, abre espaço para a descrição fiel, em tempo real e em tempo aparente, de aspectos que caracterizam o falar culto da cidade de Fortaleza.

Destacamos que, antes da elaboração do PORCUFORT Fase II, não tínhamos como realizar estudos sob a noção de tempo real com base na variedade culta de Fortaleza, pois o único banco de dados ao qual tínhamos acesso foi organizado no início da última década do século passado, conforme mencionamos anteriormente. Sendo assim, somente a elaboração de uma nova fonte de dados da variedade tida como culta de Fortaleza possibilita a realização de estudos em tempo real. Isso só se fez possível agora porque temos uma geração (mais de 20 anos) como intervalo de tempo desde a construção do PORCUFORT Fase I. Esse espaço temporal é exigido pela perspectiva sociolinguística para análises em tempo real de curta duração (LABOV, 2008; PAIVA; DUARTE, 2004).

Questões como essas justificaram a realização de uma nova fase do Projeto PORCUFORT, pois, com ela, possibilitamos a realização de pesquisas sociolinguísticas em tempo real. Além disso, é evidente a importante peça que o PORCUFORT Fase I representa para a ampliação da descrição do atual PB, em sua variedade culta.

A SEGUNDA COMUNIDADE DE FALA: FORTALEZA DO FINAL DE DÉCADA DE 2010

Como não é possível compreender os processos de variação e mudança linguística fora do contexto social de uma comunidade de fala, uma vez que, para a Sociolinguística Variacionista, a língua é uma forma de comportamento social – ou seja, a língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade e, portanto, social – selecionamos a comunidade de fala fortalezense e assumimos a definição de comunidade de fala proposta por Labov.

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (LABOV, 2008, p. 150).

Para a constituição desta amostra sincrônica (PORCUFORT Fase II), que também possibilitará análises diacrônicas da fala culta fortalezense, partimos do pressuposto de que “[...] existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008, p. 176), delimitando, assim, a que tipo de comunidade de fala pertence determinado indivíduo.

Desse modo, a comunidade de fala de Fortaleza, a 5ª maior cidade em população do Brasil (perdendo apenas para São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Salvador), com 2.669.342 habitantes¹⁷, apresenta muitas peculiaridades. Seus mais de dois milhões e meio de habitantes ainda não têm, todos eles, acesso à energia elétrica (99,7% tem acesso), à educação básica (93,4%), coleta seletiva de lixo (98,75%), distribuição de água (93,31%) e esgoto (60%)¹⁸ (MEDEIROS; SILVA; IPECE-44, 2012).

Segundo o relatório das Nações Unidas *State of the World Cities 2010/2011: Bridging the Urban Divide*, Fortaleza, além de ser a 5ª cidade em população, é também a 5ª principal cidade no *ranking* de desigualdade mundial. Parte dessa má distribuição de renda reflete-se especialmente nos bairros da capital cearense, visto que a decisão dos indivíduos de onde residir está fortemente condicionada à sua capacidade de renda, disponibilização de serviços públicos como educação, saúde, transporte, segurança, comércio, assim como oportunidades de emprego, entre outros (SILVA; NASCIMENTO; FEIJÓ, 2012).

Dessa forma, há em Fortaleza, uma forte concentração espacial da renda média pessoal. Evidentemente, essa desigualdade espacial elevada pode gerar, dentre outros problemas, o aumento de conflitos sociais, culminando na elevação do nível da violência, bem como transtornos em termos de mobilidade urbana, a partir do aumento de movimento de pessoas de bairros pobres para bairros de nível de renda mais elevada em busca de emprego, renda e serviços.

O fato de Fortaleza ser a 5ª capital mais povoada e a 4ª capital, em número de aglomerados, subnormais (ocupações irregulares e

17 População estimada em 2019, baseados em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual – PNADCA do IBGE; população no censo 2010: 2.452.185. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>. Acesso em: 09 fev. 2020.

18 Segundo o IBGE, esse valor subiu para 74% em 2019. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>. Acesso em: 09 fev. 2020.

precários serviços públicos), com uma população de 369.370 habitantes (16% da população total) vivendo em condições mínimas de vida, de acordo com dados do Censo Demográfico 2010 do IBGE, agrava mais ainda a situação de desigualdade socioeconômica. Esses números revelam que o aparato público obteve uma elevada demanda no fornecimento de bens públicos, infraestrutura e serviços de qualidade.

É válido ressaltar que, apesar do avanço dos programas sociais, um dos grandes desafios do poder público é ofertar condições mínimas de vida para a população mais carente, isso nos mostra o quão fundamental é que os tomadores de decisão, tanto em nível estadual quanto municipal, zelem pela eficiência e eficácia das ações públicas e que tenham como meta a capacidade de geração de renda das famílias em situação de vulnerabilidade.

Dados do IPECE, a partir do Censo Demográfico do IBGE para o ano 2010, indicam, ainda, que, dos 119 bairros¹⁹ da capital cearense, apenas 31 possuem renda *per capita* superior a um salário mínimo, onde o bairro com a maior renda *per capita*, o Meireles, tem renda média *per capita* de R\$ 3,659.54 mensais por domicílio, enquanto o bairro com a menor renda, o Conjunto Palmeiras, tem renda média *per capita* de R\$ 239,25 mensais por domicílio (SILVA; NASCIMENTO; FEIJÓ, 2012), o equivalente a 39,1% do valor de um salário mínimo. Em resumo, no ano de 2019, 36,9% da população possui rendimento nominal mensal *per capita* de até 1/2 salário mínimo²⁰.

Posto isso, verificamos que a desigualdade da distribuição da renda para a população se reflete espacialmente nos bairros da cidade. Observando a distribuição de renda dos residentes por bairros na

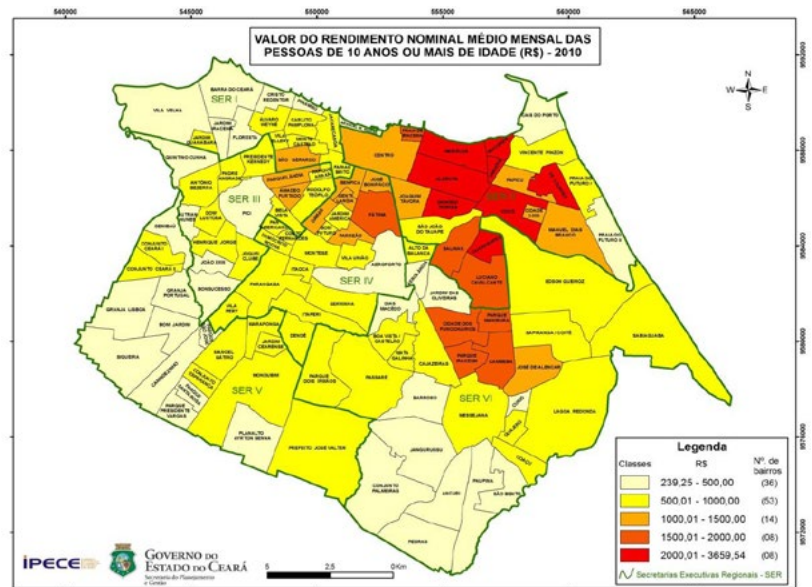
19 Lembrando ao leitor que, como já apresentado em nota anterior, entrou em vigor no final de 2019 uma nova divisão dos bairros de Fortaleza que, à época desses dados, contava com 119 bairros.

20 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>. Acesso em: 09 fev. 2020.

capital, verificamos que o bairro onde os indivíduos moram está diretamente relacionado com sua capacidade financeira (SILVA; NASCIMENTO; FEIJÓ, 2012). Vejamos o quão está ligada a questão espacial à distribuição de renda em fortaleza, no Mapa 5.

Se traçarmos uma reta de norte a sul na imagem apresentada no Mapa 5, verificamos que grande parte dos bairros situados a leste da cidade são aqueles em que há pessoas com renda *per capita* média superior a R\$ 1,000,00, de um total de 30 bairros, enquanto o lado oeste da cidade possui grande parte dos bairros com renda média *per capita* inferior a esse valor, são 89 bairros (SILVA; NASCIMENTO; FEIJÓ, 2012).

Mapa 5 – Valor do rendimento nominal médio mensal de pessoas acima de 10 anos de idade em Fortaleza-CE (2010)



Fonte: Silva, Nascimento e Feijó (2012, p. 4).

Araújo e Carleial (2003, s/p) destacam melhor essa divisão econômico-social da cidade de Fortaleza, como dois lados de uma moeda: um lado rico e o outro lado pobre.

Algumas análises técnico-científicas dividem Fortaleza, a partir de seu Centro, tendo a BR 116, como divisor de áreas, em duas cidades: uma pobre, do Oeste; e outra, rica, do Leste. Esta cartografia da Capital cearense apresenta oposições entre bairros onde moram pessoas de rendas diferentes, que podem ou não, ter acesso aos serviços e aos equipamentos sociais de boa qualidade.

Ainda segundo o IPECE, o Ceará possui 8,26% de sua população de pessoas extremamente pobres e está em 3º lugar no *ranking* de proporção de pessoas extremamente pobres entre os estados brasileiros, perdendo apenas para Maranhão e Alagoas (BARRETO; MANSO; SALES, 2014). Em Fortaleza, quanto mais populoso o bairro, menor é a renda média pessoal de seus habitantes. Essa constatação é apenas correlacional e não determinística, pois há, em questão, vários outros fatores influenciadores na distribuição espacial da renda. De qualquer modo, essa evidência nos indica que bairros populosos de baixa renda devem ser prioridade em termos de políticas públicas, municipais e estaduais, como o objetivo da melhoria de vida desta grande parcela da população fortalezense, em forma de bens públicos e infraestrutura urbana de melhor qualidade.

A partir dos dados divulgados no estudo realizado pela Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), da Presidência da República (PR) – SAE/PR, a divisão entre as classes socioeconômicas tem como parâmetros os valores de renda domiciliar *per capita* mensal, definidos em uma classificação absoluta, ou seja, são definidos em termos reais e invariantes baseados em março de 2012. Essa divisão contém três classes: a baixa, a média e a alta. A primeira é aquela constituída de pessoas que vivem em domicílios com renda *per capita* de até R\$ 290 mensais. A segunda é composta por pessoas vivendo em domicílios

com renda *per capita* entre R\$ 291 e R\$ 1,019 por mês e, por fim, a última é definida por rendimentos domiciliares *per capita* iguais ou superiores a R\$ 1,020 mensais (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

No período de 2000 a 2010, houve um crescimento das classes média e alta e uma diminuição da classe baixa. O aumento dos estratos médio e alto foi desencadeado ao mesmo tempo em que o estrato baixo diminuía, o que deixa bem clara a evidência de ascensão social nesse período. O crescimento da classe média na capital cearense desenhou um novo perfil para a população em termos de renda e padrão de consumo. Assim, em 2010, a classe baixa de Fortaleza comporta 35,7% da população, a classe média, a maior, com 44,2% e a menor delas, a classe alta, com 20,1% da população (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

Os indicadores sociais relacionados à juventude – grupo etário qualificado como jovem – apresentam questões relacionadas à inserção no mercado de trabalho e o acesso à educação desses indivíduos, os quais são colocados como os mais importantes para as políticas públicas, também por corresponderem a 29,3% da população, 718.613 pessoas, e 28,8% do total de jovens do Estado do Ceará (FEIJÓ; MEDEIROS, 2012; SILVA, 2013).

Com relação à situação educacional, o Brasil tem ainda cerca de 9,6% da população de 15 anos ou mais que não sabem ler nem escrever, o que resulta em quase dez por cento (10%) da população que não sabe escrever, ao menos, um bilhete simples (RODRIGUES; MEDEIROS; LIMA, 2012). Em termos de números, isso representa quase 14 milhões de pessoas sem nenhuma instrução escolar. Em Fortaleza, a situação chega a um total de 131.828 pessoas analfabetas, também de acordo com o Censo 2010 (RODRIGUES; MEDEIROS; LIMA, 2012). Com esses dados do índice de analfabetismo, Fortaleza ocupa a 3ª colocação entre as capitais do país com maior número absoluto de analfabetos.

Sobre a população de jovens fortalezenses, apenas 37,2% são estudantes. Em 2010, 61% não estudava, mas esses jovens já tinham concluído algum nível escolar. Mesmo assim, ainda existe um acanhado percentual de 1,9% de jovens que nunca frequentaram a escola, embora 2,1% dos jovens pesquisados tenham afirmado não saber ler nem escrever (SILVA, 2013).

Esses dados nos mostram, ainda, a necessidade de criação de soluções através de políticas públicas que busquem combater, na capital cearense, o analfabetismo em seus bairros e Secretarias Executivas Regionais (SER). A taxa de alfabetização em Fortaleza é correlacionada com a taxa de renda nos bairros da capital. Um exemplo disso é que bairros, como Meireles e Cocó, com as rendas *per capita* mais altas de Fortaleza mantêm uma taxa de alfabetização de 98,8%, enquanto o bairro Pedras, que possui renda *per capita* de R\$ 425.73, ocupando o *ranking* de 21º pior bairro em distribuição de renda (BARRETO; MANSO; SALES, 2014), tem uma taxa com 87,2% de alfabetização, significando que, neste bairro, havia 14,4% de analfabetos em 2010 (RODRIGUES; MEDEIROS; LIMA, 2012).

Dos jovens que estudavam, no ano do Censo 2010, 38,9% estavam cursando o ensino médio, sendo que quase a metade (48,8%) tinha idade entre 15 e 19 anos. Outros 28,7% frequentavam algum curso superior de graduação, onde, deste universo, 54,9% estavam na faixa de 20 a 24 anos, o que totalizava 195,093 pessoas com mais de 25 anos e ensino superior completo residentes na capital cearense²¹.

Dos cursos de pós-graduação, 1,3% dos jovens estavam fazendo Especialização, 0,4% Mestrado e 0,2% Doutorado. Segundo o IPECE, em 2016, havia 20.341 empregos formais para pessoas com mestrado e 2.179 para pessoas com doutorado.

²¹ Segundo pesquisa no site do IBGE, disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3547#resultado>. Acesso em: 09 fev. 2020.

Desses jovens, ainda havia 18,2% que cursavam o ensino fundamental e que, em sua maioria (83,7%), eram jovens de 15 a 19 anos de idade. Destes, a grande maioria (81,4%) já havia concluído, pelo menos, o ensino médio ou segundo grau. Dos que concluíram o ensino médio (ou equivalente), aproximadamente 11% havia terminado cursos de graduação ou seguido na vida escolar. Dessa forma, 70% dos jovens fortalezenses haviam interrompido os estudos após concluir o ensino médio. Aproximadamente 18% dos que não estudavam tinham concluído somente o ensino fundamental (ou equivalente) e 0,6% possuíam apenas o nível de alfabetização. Posto isso, de acordo com o Censo 2010, 24,6% dos jovens fortalezenses apenas estudam; 12,6% estudam e trabalham; 40,4% apenas trabalham e um percentual de 22,4% não estuda e, também, não trabalha (SILVA, 2013).

Quanto ao ensino de nível superior, o estado do Ceará tem apenas 14 dos seus 184 municípios com Instituições de Ensino Superior – IES. Sua capital Fortaleza concentra 33 das IES, representando um percentual de 62,3% das instituições cearenses (CAVALCANTE; MAGALHÃES, 2014). Fazendo um comparativo com os demais Estados da federação, o Ceará não se encontra numa boa posição, já que ocupa a 13ª colocação em termos de número de IES no país (53 no total e 2,24% de participação nas IES brasileiras), piorando essa posição em termos de IES nos municípios cearenses, passando para a 17ª colocação. Das IES existentes, 46 são faculdades, 1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia e 6 Universidades, deixando o Estado na 13ª colocação no total de Faculdades do país. E, ainda, das IES cearenses, 28 são privadas com fins lucrativos, 19 privadas sem fins lucrativos, 3 públicas estaduais e 3 públicas federais.

A respeito das regiões brasileiras, “a região Sul com 14,4% da população possui 16,5% das IES e a região Centro-Oeste com 7,4% da população, possui 9,9% das IES” (CAVALCANTE; MAGALHÃES, 2014, p. 3-4). Com isso, verificamos que há uma proporção entre população

e IES por região, mas não há a mesma proporcionalidade nas regiões Norte e Nordeste, como nos afirmam Cavalcante e Magalhães (2014): “a região Nordeste, com 27,8% da população residente no país, detém apenas 18,3% do total de IES e a Região Norte, com 8,3% da população possui apenas 6,4% das IES brasileiras” (CAVALCANTE; MAGALHÃES, 2014, p. 3-4). Esses dados revelam que há uma forte concentração de IES na região Sudeste. Além disso, sabemos que há diferenças regionais na proporção do total de IES em relação ao total da população com as regiões Norte e Nordeste que acabam apresentando as menores taxas de cobertura.

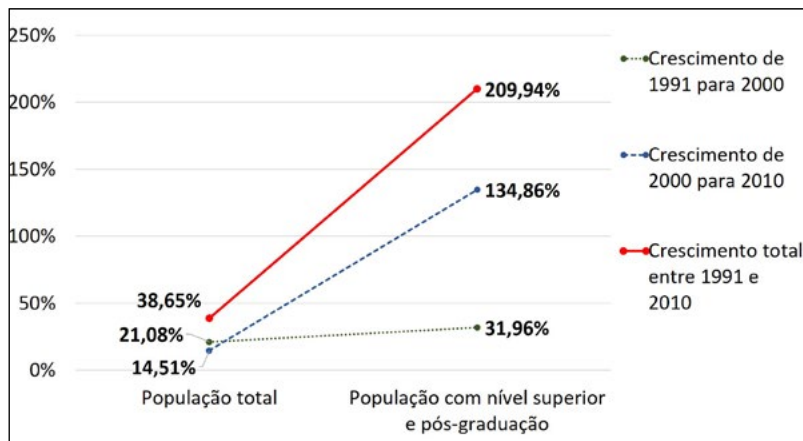
Esses dados revelam que há uma forte concentração de IES na região Sudeste. Além disso, sabemos que há diferenças regionais na proporção do total de IES em relação ao total da população com as regiões Norte e Nordeste que acabam apresentando as menores taxas de cobertura.

Além de todos esses dados que apresentamos sobre ensino superior, o Censo 2010 do IBGE nos apresenta, também, para Fortaleza-CE, um total de 206.796 pessoas com nível superior completo, mestrado e doutorado²². Dessa forma, a comunidade de fala de nosso projeto equivale, inicialmente, a 7,42% da população total do município. Essa constatação ratifica as informações supracitadas, onde, ainda temos, no estado e na capital, uma baixa quantidade de IES que venham a viabilizar a qualificação educacional da população fortalezense. De todo modo, esses dados apresentam, ainda, um crescimento em relação à década de 1990, quando foi constituída a primeira fase do PORCUFORT.

Para explicitar melhor os dados sobre a população de graduados do município de Fortaleza-CE, o Gráfico 10 traz o crescimento que ocorreu desde a década de 1990 até a década de 2010.

²² Maiores informações no *link*: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial>.

Gráfico 10 – Crescimento da população total e população de graduados em Fortaleza-CE nas décadas de 1990, 2000 e 2010.



Fonte: elaboração própria, 2021.

O Gráfico 10 nos mostra, então, que o crescimento da população geral vem aumentando de forma gradativa nas três décadas citadas. Segundo, novamente, os dados dos Censos do IBGE, a população total de fortalezenses era de 1.768.637 habitantes em 1991, 2.141.402 habitantes no ano 2000 e 2.452.185 habitantes em 2010. Lembrando que a estimativa para 2017 já apresenta um crescimento de 7,15% em sete anos.

Além do crescimento populacional total, o Gráfico 10 nos apresenta, também, o estrondoso crescimento da população graduada em Fortaleza-CE. Na década de 1990, a capital tinha 66.722 pessoas com nível superior completo e/ou com pós-graduação completa (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1991). Em 2000, esse número cresceu para 88.049 habitantes, equivalente a 31,96% e um grande aumento de 2000 para 2010, com 134,86%, sendo que a população de graduados chegou a 206.796 habitantes.

Crescimento maior, ainda, poderíamos dizer um *boom* de crescimento ocorreu na década de 1990 e nas duas décadas posteriores, na década de 2010 com um aumento total de 209,94% da população de graduados, muito superior ao crescimento populacional no mesmo período (38,65%). Destarte, dos anos 2000 até os anos atuais, a população de graduados em Fortaleza-CE mais que triplicou.

Com a ajuda do gráfico citado, é fácil visualizar que esse *boom* começou a se revelar a partir dos anos 2000, o que acreditamos ser devido às políticas públicas educacionais de ensino superior, iniciadas já na década de 1990, onde o ensino superior começa a ganhar crescimento, como apresenta Martins (2000, p. 58): “A política educacional desenvolvida a partir de 1995, através de determinadas medidas, criou condições favoráveis para a diversificação institucional do ensino superior”. Isso nos mostra que o acesso à educação vem crescendo a partir do final do século XX.

Até aqui, apresentamos diversos aspectos socioeconômicos da cidade de Fortaleza. Dessa forma, é importante a contextualização da comunidade de fala na qual, nós, sociolinguistas, podemos investigar a variedade de fala culta. Silva (1996) acredita, também, nessa necessidade, por isso, procuramos contextualizar os informantes do banco de dados para o qual construímos uma nova amostra, pois a Fortaleza dos anos 1990, época em que foi constituído o PORCUFORT Fase I, já não é mais a mesma dos anos 2010, em que construímos o PORCUFORT Fase II.

Silva (1996), em suas pesquisas sobre o português falado carioca, confirma a importância na apresentação do perfil dos informantes: “para investigar em detalhes a correlação entre o comportamento linguístico dos falantes e as suas características sociais, traçou-se um perfil social da amostra” (SILVA, 1996, p. 67). Justifica, também, que, nesse perfil, “se registram os dados de interesse para as análises sociolinguísticas [...], caracterizando os informantes em termos

das variáveis externas focalizadas”. Ou seja, conhecer as características dos indivíduos do *corpus* com o qual o pesquisador trabalha faz parte de nosso processo de pesquisa sociolinguística, devido a necessidade de fazer uma leitura dos dados numéricos a partir das peculiaridades dos falantes.

A METODOLOGIA USADA NO PORCUFORT FASE II

Realizaremos, nas subseções seguintes, uma descrição detalhada dos aspectos socioeconômicos que envolvem a comunidade de fala de Fortaleza e as características sociais dos informantes do PORCUFORT Fase II.

Os procedimentos éticos adotados no PORCUFORT Fase II

O projeto que compreende a realização do PORCUFORT Fase II foi submetido ao Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará – CEP/UECE, em obediência ao que determina a ética em pesquisas na área de Ciências Humanas (Resolução nº 510/2016).

Para a realização do PORCUFORT Fase II, levando em consideração a ética, os informantes tomaram conhecimento de que os inquéritos seriam gravados, assim como aconteceu na sua Fase I. Porém, de início, não foram informados de que a sua fala seria o objeto de estudo, já que isso poderia fazer com que eles policiassem o seu modo de falar – questão primordial na Sociolinguística Variacionista – em que tentamos, de todas as maneiras possíveis, amenizar o chamado paradoxo do observador (LABOV, 2008), buscando, assim, alcançar o vernáculo dos sujeitos entrevistados.

Nesse primeiro momento, foi esclarecido ao informante, apenas, que a pesquisa seria realizada com a finalidade histórica e cultural para registro das memórias dos fortalezenses a respeito da capital cearense, daí o interesse por parte dos pesquisadores em conhecer, de cada informante, as lembranças relacionadas a fatos pessoais e históricos, os anseios, as preocupações, os costumes locais, entre outros. Concluso o inquérito, era explicado aos entrevistados, o motivo real da investigação. Isto é, explicava-se que a pesquisa tinha não só finalidade histórica e cultural, o que não deixava de ser verdade, mas também tinha como principal objetivo estudar o falar de Fortaleza. Além disso, o informante era esclarecido de que sua identidade seria mantida em sigilo.

Essa metodologia está respaldada nas leis e resoluções do Conselho Nacional de Saúde, que nos permite fazer uma pesquisa encoberta como regulamenta o capítulo 1, Artigo 2º, inciso XV da Resolução nº 510 do CNS, de 07 de abril de 2016, publicada no DOU nº 98 do dia 24 de maio de 2016 – seção 1, páginas 44-46:

XV – pesquisa encoberta: pesquisa conduzida sem que os participantes sejam informados sobre objetivos e procedimentos do estudo, e sem que seu consentimento seja obtido previamente e durante a realização da pesquisa. A pesquisa encoberta somente se justifica em circunstâncias nas quais a informação sobre objetivos e procedimentos alteraria o comportamento alvo do estudo ou quando a utilização deste método se apresenta como única forma de condução do estudo, devendo ser explicitado ao CEP o procedimento a ser adotado pelo pesquisador com o participante, no que se refere aos riscos, comunicação ao participante e uso dos dados coletados, além do compromisso ou não com a confidencialidade. Sempre que se mostre factível, o consentimento dos participantes deverá ser buscado posteriormente; (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016, p. 44).

Importante esclarecer que, nas gravações de bancos de dados anteriores, não havia normas nem regulamentos a seguir. Esse fato nunca dificultou a constituição de bandos de dados, pois o documentador garantia ao entrevistado que a sua identidade, bem como a de

amigos e familiares mencionados nas gravações, seriam mantidas em sigilo, o que sempre foi feito pelos pesquisadores.

Posto isso, as pessoas que se voluntariaram para contribuir com a elaboração do PORCUFORT Fase II, preencheram, inicialmente, a ficha do informante (Anexo II) – para se ter certeza de seu perfil – e, após a gravação, os informantes tomaram conhecimento do verdadeiro objetivo da pesquisa, oferecendo ao falante a possibilidade de escutar todo o áudio, assim como, se preferisse, desistir de participar de nossa pesquisa, inutilizando, em sua presença, a gravação realizada. Além disso, o indivíduo assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I), permitindo a utilização de sua entrevista e de seu perfil para fins de pesquisa, que pode envolver, inclusive, publicação em periódicos especializados e livros, a partir dos dados obtidos com o PORCUFORT Fase II. Estabelecida a estratificação social dos informantes, vejamos, a seguir, como foi estabelecido o perfil dos participantes do Projeto.

Amostra e perfil dos informantes do PORCUFORT Fase II

De acordo com Guy e Zilles (2007), algumas perguntas norteiam a constituição de uma amostra, a saber: “Como definir, identificar ou delimitar os grupos sociais que constituem uma comunidade? Quais deles devem ser incluídos na amostra? Como relacionar os indivíduos necessários para ter uma amostra representativa nesse sentido estatístico?”. Embora não haja uma resposta simples e única para essas questões, pois muitas alternativas têm sido adotadas por diferentes pesquisadores para a realização do trabalho de campo na pesquisa sociolinguística, o que direciona as respostas a esses questionamentos são os objetivos propostos em cada pesquisa sociolinguística.

Os critérios de constituição de uma amostra devem ser coerentes com a pesquisa que se pretende realizar. Para a constituição de nossa amostra e com o objetivo de neutralizar a interferência de outras variedades linguísticas, os informantes obedecem a algumas características, previamente, estabelecidas. Desta maneira, procuramos garantir que, de fato, estamos lidando com dados representativos do falar culto fortalezense.

Os informantes do PORCUFORT Fase II, a exemplo do que foi adotado quando da elaboração do PORCUFORT Fase I, se enquadram nos seguintes parâmetros: (i) por se tratar de um banco de dados de fala culta, todos os informantes devem ter o nível superior completo em regime presencial; (ii) os falantes devem ser pessoas nascidas em Fortaleza; (iii) são indivíduos filhos de pais fortalezenses, ou que seus pais, sendo cearenses, tenham vindo morar na cidade até os cinco anos de idade; (iv) todos devem residir na capital cearense; (v) são pessoas que não se afastaram da capital cearense por tempo superior a três meses, ou seja, foram admitidos os indivíduos que viajaram para outras localidades apenas a passeio, pois acreditamos que um período superior a cinco anos pode interferir na variedade original dos indivíduos.

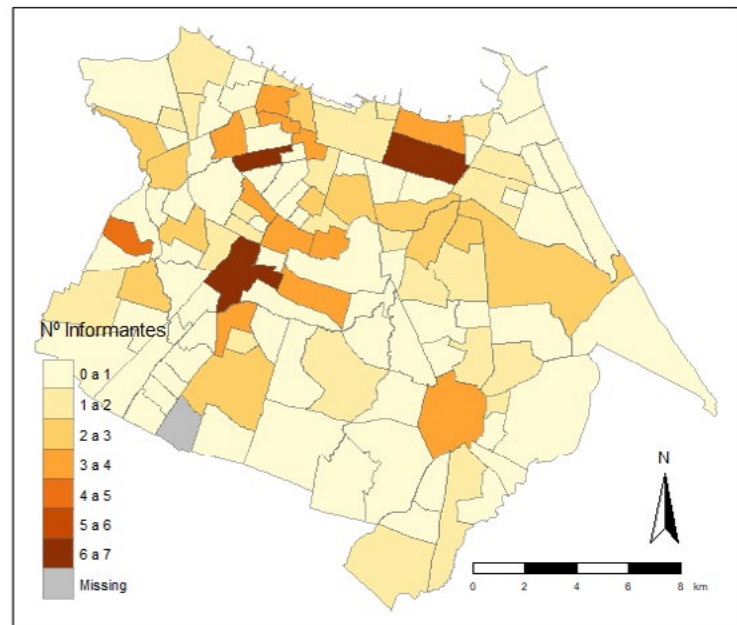
Duas observações devem ser feitas ainda com relação ao perfil dos informantes. Em primeiro lugar, não selecionamos para a amostra pessoas que tenham concluído a graduação através de universidades ou faculdades com sistema de Educação a Distância (EaD), pois acreditamos que esses indivíduos tenham pouco contato cotidiano com o falar de seus professores e demais colegas de seu campus, ou seja, com pessoas de fala tida como culta de sua comunidade de fala. Assim, seria como se a universidade não chegasse a influenciar sua fala, o que nos faz duvidar de que a fala de um informante com esse perfil educacional tenha características do falar culto.

Em segundo lugar, evitamos, ainda, graduados em Letras, por sabermos que esses indivíduos apresentam alto conhecimento da

língua e suas variedades, além de um maior monitoramento de sua fala, devido sua formação acadêmica.

Posto isso, geramos um mapa que representa a distribuição dos informantes pelos bairros da capital.

Mapa 6 - Distribuição dos informantes do PORCUFORT Fase II por bairros



Fonte: elaboração própria, 2021.

Verificando a distribuição desses informantes da Fase II, no Mapa 6, e a distribuição dos informantes da primeira fase do PORCUFORT, no Mapa 4, confirmamos o que tem sido falado sobre Fortaleza e sua população: para além de uma maior quantidade de pessoas fortalezenses com nível superior completo, verificamos que o acesso ao Ensino Superior se tornou mais acessível às camadas menos favorecidas da população, que apresenta mais pessoas do lado oeste da cidade.

Verificamos que na Fase I havia 16 informantes no bairro Aldeota, que permanece com maiores quantidades de informantes dentre os bairros, contudo, na Fase II, contempla apenas 7 deles e divide esse lugar com a Parquelândia, também em destaque na Fase I, com 7 informantes. A novidade é para o bairro Parangaba, com 6 informantes, que surge com mais informantes na segunda fase do projeto.

Acreditamos, dessa forma, que estamos diante de um quadro positivo de maior acesso ao ensino pelas camadas menos abastadas da população fortalezense nessas últimas décadas. Maiores detalhes podem ser visualizados no Gráfico 15, nas seções seguintes.

Procedimentos adotados para coleta de dados

Antes de cada gravação, foi preenchida uma ficha (ver anexo II), descrevendo as características socioeconômicas e culturais do entrevistado com o propósito de garantir que o informante atenda aos critérios exigidos. Também, o preenchimento dessa ficha permitiu que o entrevistador conhecesse um pouco mais sobre o informante, facilitando a elaboração das perguntas durante a entrevista.

O PORCUFORT Fase II é constituído, assim como o PORCUFORT Fase I, a exemplo do Projeto NURC, por três tipos de gravações ou inquéritos, como já apresentamos nas seções anteriores: DID; D2 e EF. Basicamente, esses registros se distinguem pelo grau de formalidade que os compreende. O primeiro apresenta um nível intermediário de formalidade por não haver intimidade entre informante e documentador; o segundo, o D2, é o menos formal de todos, já que, neste tipo de inquérito, os informantes, necessariamente, são familiares ou amigos; e o terceiro, o EF, apresenta o maior nível de formalidade, em razão desse tipo de inquérito ocorrer em ambientes formais e o tema apresentar certo grau de planejamento.

Como o objetivo dos pesquisadores é coletar o vernáculo, isto é, o falar espontâneo dos informantes, utilizamos o método da narrativa de experiência pessoal nos DID e D2. Segundo Tarallo (1990, p. 21), tal método consiste em dirigir perguntas aos entrevistados relacionadas a assuntos de sua vivência, tais como: infância, família, trabalho, lazer, entre outros. Consequentemente, o informante pode se envolver emocionalmente com o conteúdo narrado, despreocupando-se com a forma como fala. Por isso, nestes inquéritos, a escolha do(s) tema(s) ficava sempre a critério do(s) informante(s) e não devia(m) ser planejado(s) com antecedência. Entretanto, nas gravações do tipo EF, por se tratar do registro, na maior parte dos casos, de palestras e pregações, previamente agendadas, os assuntos abordados eram escolhidos e planejados pelo informante. Nos DID e D2 (nesse último, somente em última instância há a interferência do pesquisador), as perguntas do pesquisador eram formuladas com a intenção de se obter um largo número de dados da fala do informante, evitando respostas monossilábicas, porque o objetivo é colher uma amostra bastante próxima de uma conversa natural.

O local da entrevista sempre era determinado pelo entrevistado. Nos casos do DID e D2, alguns informantes preferiram realizar a entrevista em seu local de trabalho, em sua própria residência ou na casa de um amigo ou parente. No caso do EF, as gravações foram realizadas em auditórios, salas de aula, templos ou igrejas, por se tratar do registro de fala em público.

Nosso intento foi convocar muitos documentadores, devido à grandiosidade do Projeto, por isso, decidimos, por razões econômicas, utilizar cinco gravadores digitais que já transformam o áudio em formato digital, sem necessidade de fitas cassetes e equipamentos de digitalização, o que representa um ganho de tempo para os pesquisadores e maior segurança para o material gravado.

A duração máxima de qualquer um dos três tipos de inquéritos é de 60 minutos, já a duração mínima depende da modalidade de elocução. O tempo mínimo dos DID e os D2 dura, em média, 45 minutos e os EF, 25 minutos.

Entrevistas do Projeto PORCUFORT Fase II

A maioria dos documentadores do PORCUFORT Fase II foi composta por acadêmicos voluntários do curso de Graduação em Letras da UECE, em especial, estudantes da disciplina de Sociolinguística, ministrada pela coordenadora do projeto, nos anos de 2019-2020, bolsistas de Iniciação Científica, além de alguns discentes do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da UECE.

Todos os documentadores tiveram aulas sobre como realizar uma pesquisa sociolinguística, especificamente sobre constituição de bancos de dados sociolinguísticos, como uma maneira de capacitar todos os pesquisadores envolvidos, a fim de evitar equívocos e perda de material ou informantes. Dessa forma, os documentadores contribuíram na busca de pessoas com o perfil desejado e a gravação da entrevista nas três modalidades do projeto.

Os documentadores buscaram em suas redes de contato, pessoas que pudessem se encaixar no perfil do projeto e que concordassem em ceder parte do seu tempo com a entrevista. Esse método, como já explanamos, é conhecida na sociolinguística como método *amigo de amigo*.

Além de buscar conduzir a entrevista de modo natural, Araújo (2011) destaca que os documentadores foram instruídos, todos do mesmo modo, sobre como proceder durante as entrevistas. Tais instruções foram fornecidas com o intuito de, além de garantir uma amostra

satisfatória do vernáculo do informante, preservar a qualidade dos inquéritos. Assim, os pesquisadores incumbidos de realizar determinada entrevista estimularam o informante a falar e, também, procuraram “controlar os fatores que pudessem prejudicar a qualidade da gravação (intervenção de terceiros, ruídos externos, manuseio do gravador [...] entre outros)” (ARAÚJO, 2011, p. 841).

O material utilizado pelos documentadores foi um gravador digital, como podemos ver na Imagem 5, além das pilhas e cartões de memória necessários, a Ficha do Informante (Anexo II) e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Anexo I).

Imagem 5 – Gravadores utilizados nas gravações do PORCUFORT Fase II



Fonte: pesquisa Google, 2021.

De acordo com a Imagem 5, os gravadores utilizados pelos documentadores foram, da esquerda para a direita, o gravador digital Zoom *h4n*, Zoom *h1n Handy Recorder*, Zoom *H1 Handy Recorder* (02 unidades) e o *Tascam DR-05*, no total de 5 unidades.

Sobre a busca por possíveis informantes, destacamos que nosso primeiro passo foi procurar as pessoas com o perfil desejado nas redes sociais de cada documentador. Após encontrar o informante, verificamos, novamente, cada um dos critérios para que tivéssemos

certeza de que a pessoa selecionada, no primeiro momento, se encaixava no perfil. Depois disso, marcamos um encontro com a pessoa selecionada, a fim de realizar a gravação do inquérito. Essa necessidade de certificar-se acerca dos critérios devia-se ao rigor que uma pesquisa científica exige. Critérios que foram, novamente, verificados após as gravações, através de contato com os informantes via e-mail, telefone ou redes sociais. Esse segundo contato verificou algumas inconsistências que levaram à exclusão de várias gravações, ou pior, à exclusão de informantes, pois, apesar dos cuidados que precederam as entrevistas, algum critério teria sido violado.

Conforme sinalizamos anteriormente, o segundo passo foi a gravação da entrevista. Nesse momento, os documentadores não revelavam, ao menos não de imediato, os reais interesses das entrevistas. Outro notável ponto ao qual os entrevistadores precisaram atentar para amenizar possíveis influências de sua presença durante a entrevista foi fazer com que o entrevistado esquecesse, na medida do possível, a presença do gravador – fato que pode gerar alguma tensão no falante e fazer com que monitorem suas falas. Além disso, as perguntas direcionadas ao entrevistado foram sempre formuladas de modo claro, preciso e simples. Somados, esses pontos auxiliaram na construção de entrevistas mais descontraídas e espontâneas.

No momento das entrevistas, os falantes eram instigados a falar de fatos de suas vidas que, de algum modo, os marcaram de forma positiva e/ou negativa. Com isso, esperava-se que o falante ficasse à vontade, a ponto mesmo de esquecer que estava sendo gravado. Assinalamos que esses cuidados foram tomados com o intuito de amenizar, como já observamos, o chamado paradoxo do observador (LABOV, 2008).

Embora concordemos com Freitag (2013, p. 1), quando atenta para o fato de que “a intransponível relação assimétrica estabelecida entre o pesquisador de campo (da universidade) e o falante” pode

comprometer, de algum modo, a coleta satisfatória do vernáculo, acreditamos, mesmo paradoxalmente, que, a partir dos devidos cuidados tomados pelos documentadores do Projeto, foi possível obter um modelo de fala espontâneo por parte do informante.

Haja vista que todas as perguntas feitas pelo documentador durante as entrevistas não foram formuladas previamente, sempre que possível, os documentadores valorizaram e exploraram, quando identificaram, temas que tocam os entrevistados. Tais temas estão, na grande maioria das vezes, relacionados a fatos de suas vidas, como acontecimentos passados que despertam seus sentimentos.

Quanto aos tipos de registro, no registro DID, a entrevista foi conduzida por um documentador orientado a procurar temas de narrativas de experiências pessoais, como lembranças de infância, vida familiar, dentre outros, com o objetivo de deixar o informante bastante confortável e, se possível, esquecer da situação da entrevista, de monitoramento, deixando de prestar atenção à própria fala (LABOV, 2008). Também, nesse tipo de registro, o local da gravação foi escolhido pelo informante que, geralmente, teve preferência por sua residência ou seu local de trabalho, conforme já assinalamos.

Já, no D2, os entrevistados mantiveram um certo grau de intimidade, posto que os falantes eram amigos de longa data ou mesmo familiares e, além disso, o documentador não interferiu na conversa, salvo uma situação em que os indivíduos se mostraram mais à vontade com o documentador presente. Essas entrevistas apresentam tema livre e os participantes deveriam ficar à vontade para falar sobre o que desejassem. De igual maneira, os inquéritos do tipo D2 foram realizados em locais escolhidos pelos informantes, visando o maior conforto, informalidade ou praticidade. A disputa pelo turno da fala e a sobreposição de vozes é muito característico desse registro, ponto que, de um modo ou de outro, caracteriza uma conversa espontânea.

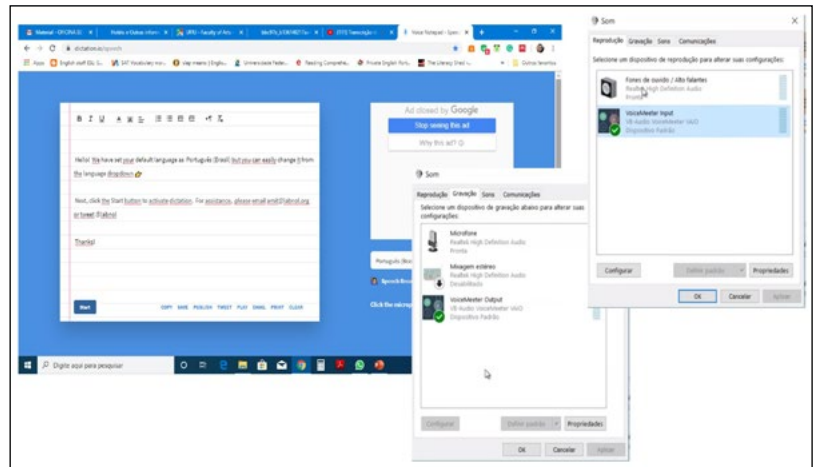
Os inquiridos do tipo EF compreendem a realização de aulas, palestras e pregações em que os informantes mantêm um nível muito elevado de monitoramento da própria fala por estarem falando em público e por planejarem seus discursos. Neste tipo de gravação, o informante também escolheu o local da gravação. Dessa forma, o EF é o tipo de registro mais formal, se comparado ao DID e D2. Estas três modalidades de elocução nos proporcionam analisar as escolhas que os informantes fazem das variantes linguísticas em distintas situações de fala.

Transcrições do Projeto PORCUFORT Fase II

Embora a realização do Projeto PORCUFORT Fase II focalize a variedades culta falada em Fortaleza, os registros orais precisam ser transcritos porque há uma multiplicidade de fenômenos linguísticos que exigem do pesquisador uma consulta a um amplo contexto linguístico e isso requer bastante tempo dos pesquisadores. Por razões como essas, ter um banco de dados homogeneamente transcrito facilita enormemente o estudo destes fenômenos.

Para essa tarefa de difícil execução, foi proposto aos voluntários transcritores que usassem um *software* gratuito que auxilia na transcrição, a saber, o *Voicemetter* versão 1.0.5.6 (Imagem 6). Contudo, o programa não era capaz de captar neologismos ou regionalismos, além de identificar erroneamente a fala do informante que falasse mais rápido ou que o áudio estivesse mais baixo, o que apresentou um trabalho a mais e fez com que quase todos os transcritores preferissem fazer essa atividade, manualmente, ouvindo o áudio da entrevista e digitando a fala.

Imagem 6 – Interface do programa Voicemetter versão 1.0.5.6 e preparação do computador



Fonte: Elaborada pelas autoras, 2021.

As normas de transcrição do Projeto PORCUFORT Fase II foram, praticamente, as mesmas adotadas por Castilho e Pretti (1986) que também foram adotadas no PORCUFORT Fase I. As transcrições do Fase II foram, portanto, realizadas não só por bolsistas de Iniciação Científica, mas, na sua grande maioria, por universitários voluntários do curso de graduação em Letras, principalmente pelos alunos da disciplina de Sociolinguística, ministrada pela coordenadora do Projeto.

Os inquéritos que compõem o *corpus* do PORCUFORT Fase II foram transcritos e revistos, após o armazenamento do material sonoro em computador e feitas cópias em diversas mídias para garantir a sua segurança, utilizando-se uma escrita comum, com algumas características que tentam respeitar a natureza da oralidade. As observações mais importantes a este respeito são as seguintes:

- Não foram utilizados sinais de pausa, típicos da escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, ponto de exclamação, dois pontos e vírgula;
- As reticências marcam qualquer tipo de pausa, suspensão ou interrupção;
- As iniciais maiúsculas foram usadas exclusivamente para nomes próprios ou siglas;
- Foram grafadas apenas a inicial maiúscula do nome das pessoas comuns citadas nos inquéritos;
- A incompreensão de palavras ou segmentos fonológicos foram marcadas por meio de parênteses;
- Quando houve dúvida em relação ao segmento ouvido na gravação, a transcrição foi posta entre parênteses;
- O truncamento de palavras foi assinalado por uma barra oblíqua;
- A entonação enfática foi marcada mediante o emprego de maiúsculas;
- O prolongamento de vogal ou consoante foi marcado pelo emprego repetido do sinal de dois pontos;
- Nos casos de silabação, usou-se o hífen;
- Os trechos lidos aparecem entre aspas;
- Os comentários descritivos do transcritor aparecem dentro de parênteses duplos em maiúsculas;
- O emprego da chave indica que houve superposição ou simultaneidade de vozes.

As entrevistas foram transcritas à medida que foram realizadas as gravações. Preferencialmente, as transcrições foram feitas pelo próprio documentador do inquérito, o que certamente demandou menos tempo do transcritor, contudo, a grande parte das transcrições foram realizadas por um outro voluntário do Projeto.

As transcrições do PORCUFORT Fase II possibilitam o rápido acesso dos pesquisadores a um conjunto de dados, suficientemente representativo do falar culto dos fortalezenses, isso permite a realização de estudos sincrônicos e diacrônicos. De igual modo, a repercussão da realização de um trabalho desta natureza implica o interesse de estudiosos de universidades por todo o país e pelos países lusófonos. Por essas razões, defendemos, desde o início, a necessidade de transcrever o *corpus* do PORCUFORT Fase II.

ESTÁGIO ATUAL DO PROJETO PORCUFORT FASE II

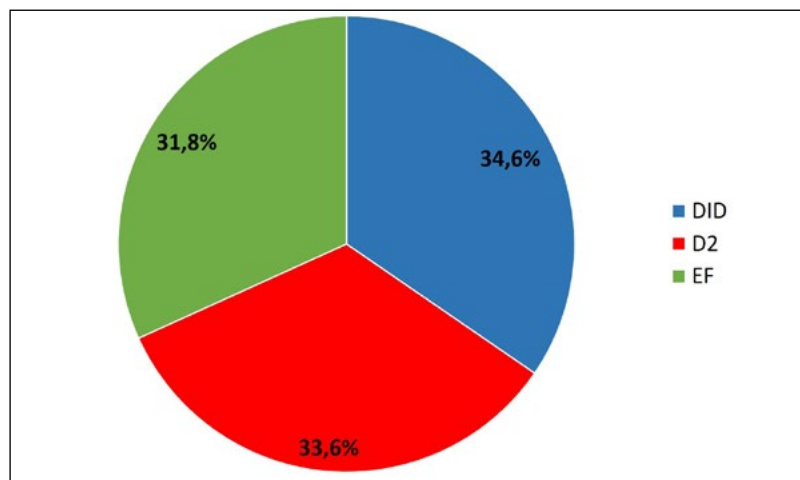
Nesta seção, buscamos apresentar, ao leitor ou ao pesquisador interessado em conhecer o *corpus* do Projeto PORCUFORT Fase II, alguns dados relacionados ao Projeto em si, como as características dos informantes.

Como na Fase I, o *corpus* da Fase II é estratificado por: sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa I – 22 a 35 anos, faixa II – 36 a 55 anos e faixa III – a partir dos 56 anos) e tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador: DID, Diálogo entre Dois Documentadores: D2 e Elocução Formal: EF).

Inicialmente, composto de 89 gravações, totalizando 107 informantes, o Fase II é composto por três tipos de inquéritos, sendo as gravações distribuídas da seguinte forma: 37 gravações do tipo DID,

18 do tipo D2 e 34 do tipo EF. A quantidade de informantes difere da de inquéritos, porque as entrevistas D2 são compostas por 2 informantes, enquanto que os DID e EF apresentam apenas por 1 informante, o que nos apresenta 37 (34,6%) informantes no DID, 36 (33,6%) informantes no D2 e 34 (31,8%) nos EF, como ilustra bem o Gráfico 11.

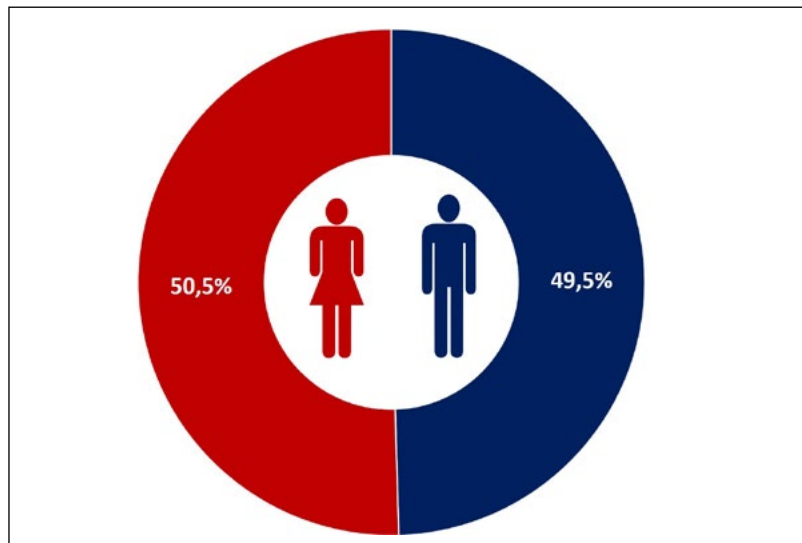
Gráfico 11 – Estratificação dos informantes PORCUFORT Fase II por Tipo de registro



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Quanto à estratificação dos indivíduos por sexo, procuramos deixar a amostra o mais balanceada possível, o que nos resultou nos seguintes números: 53 (49,5%) indivíduos do sexo masculino e 54 (50,5%) indivíduos do sexo feminino. Para ilustrar a estratificação, vejamos o Gráfico 12.

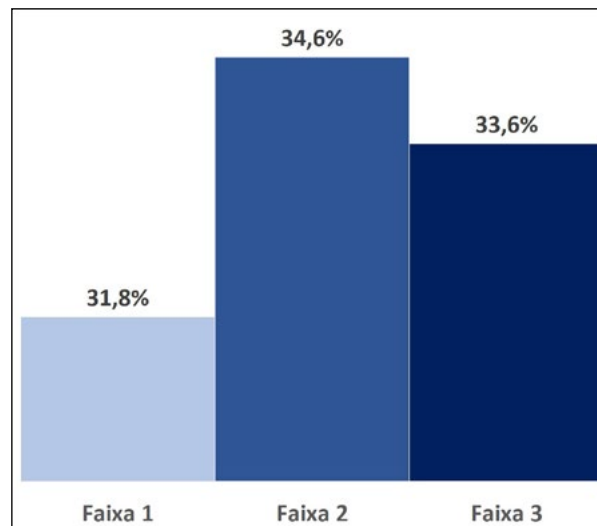
Gráfico 12 – Estratificação dos informantes PORCUFORT Fase II por sexo



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Outro tipo de estratificação social presente nos *corpora* do PORCUFORT é a faixa etária. Como já dissemos anteriormente, as três faixas etárias ajudam a verificar especialmente as mudanças em tempo aparente. São elas: a faixa 1 que se compõe de indivíduos com idade entre 22 e 35 anos, com 34 (31,8%) informantes; a faixa 2 composta por pessoas com idade que vai de 36 a 55 anos, com 37 (34,6%) informantes; e a faixa 3 que agrupa falantes com idade a partir dos 56 anos, contendo 36 (33,6%) informantes. O Gráfico 13 ilustra os indivíduos do *corpus* nas faixas etárias descritas.

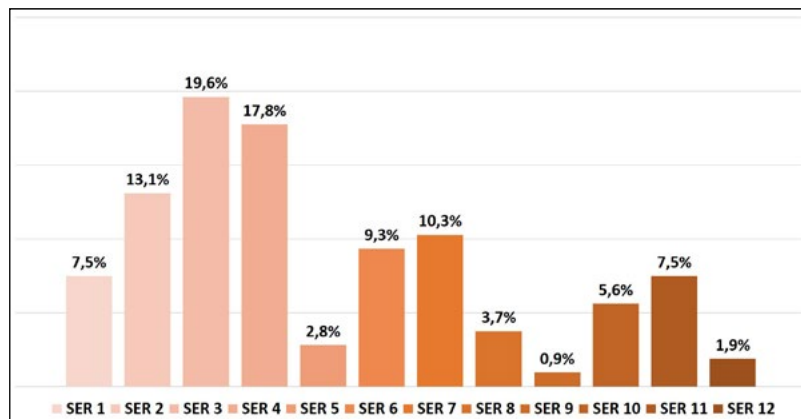
Gráfico 13 – Estratificação dos informantes PORCUFORT Fase II por faixa etária



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Seguindo com a apresentação das características sociais dos informantes, acreditamos importante destacar a distribuição geográfica desses informantes do *corpus* da Fase II, segundo as Secretarias Executivas Regionais – SER. A divisão desses fortalezenses se dá da seguinte maneira: 08 (7,5%) informantes na SER 1, equivalente ao Centro, 14 (13,1%) fortalezenses residentes nos bairros da SER 2, 21 (19,6%) informantes da SER 3, 19 (17,8%) residentes na SER 4, mais 03 (2,8%) que moram em bairros da SER 5, 10 (9,3%) pessoas na SER 6, 11 (10,3%) informantes na SER do 7, 04 (3,7%) na SER do 8, apenas 01 (0,9%) informante na SER 9, 06 (5,6%) informantes na SER 10, 08 (7,5%) informantes na SER 11 e 02 (1,9%) informantes que residem em bairros da SER 12. Vejamos essa distribuição ilustrada através do Gráfico 14.

Gráfico 14 – Classificação dos informantes PORCUFORT Fase II por SER de residência



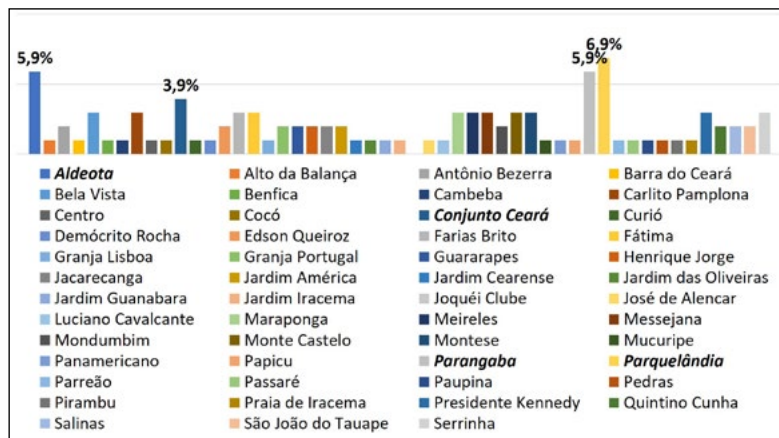
Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

A importância desses dados é verificada por, como já comentamos em seções anteriores, a divisão socioeconômica dos fortalezenses é diretamente ligada aos bairros de residência dos mesmos. Os bairros que possuem maior renda per capita estão situados a leste da cidade, compreendendo as regionais 2, 4, 6 e 7, e, do lado oeste, estão os bairros que compreendem as regionais 1, 3, 5, 8, 9, 10, 11 e 12, pois, como vemos, nesta divisão Regional do Centro fica ao meio da cidade, como apresentado nos Mapas 3 e 4. Dessa forma, de acordo com o Gráfico 14, 32% dos informantes da Fase II são residentes em bairros a leste da cidade, o que representa serem pessoas com renda familiar média *per capita* maior que a maior parte da população fortalezense.

O Gráfico 15 nos mostra a distribuição dos informantes por bairros²³.

²³ Em alguns gráficos, destacamos em negrito e itálico apenas os maiores percentuais para maior visibilidade.

Gráfico 15 – Distribuição dos informantes PORCUFORT Fase II por Bairros de residência



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Curioso verificarmos que quase 6% dos informantes residem na Aldeota, um dos 08 bairros com a maior renda *per capita* da capital cearense, que, segundo Silva, Nascimento e Feijó (2012, p. 5), “entre os 10 [bairros] mais ricos, nove estão localizados na SER II, são eles: Meireles, Guararapes, Cocó, De Lourdes, Aldeota, Mucuripe, Dionísio Torres, Varjota e Praia de Iracema.”.

Mesmo sendo sabedores dessa má distribuição de renda, um fato é muito interessante e bastante visível através da ilustração do Gráfico 8 que é a variedade de pessoas com nível superior completo e todas as regiões da cidade. Em totais, os 107 fortalezenses estão distribuídos em 53 dos 121 bairros da capital. Diferentemente do que acontece na Fase I do PORCUFORT onde 58,9% dos informantes (ver Gráfico 1) do *corpus* residem em apenas 7 bairros: Aldeota, Parque-lândia, Meireles, Papicu, Centro, Fátima e Dionísio Torres. Cinco deles, hoje, permanecem entre os bairros mais ricos de Fortaleza.

De acordo com inúmeras pesquisas sociolinguísticas e, em destaque, com Labov (2006), a estratificação social é um dos fatores muito influente para a variação e mudança linguística, especialmente, quando lembramos de mudanças vindas de baixo e mudanças vindas de cima, adicionado a isso, Labov (2006) mostrou com a pesquisa sobre a pronúncia do /r/ em Nova York, que as pessoas ligadas as mais altas classes sociais procuravam a variedade padrão da língua.

[...] a classe média alta desenvolve o uso de (r-1) cedo na vida – como uma expressão variável de formalidade relativa a ser encontrada em níveis estilísticos. Para os outros grupos na cidade de Nova York, não existe base sólida para (r-1) no estilo vernacular da fala casual; para eles, (r-1) é uma forma que requer alguma atenção ao modo de falar, se for usada (LABOV, 2008, p. 85).

É a essa importância, dentre várias outras, que destacamos, com exaustão, questões sociais nesse *corpus*. Uma dessas questões é, inclusive, parte dos critérios para seleção dos informantes.

Um desses critérios é o que versa sobre os pais dos informantes serem também fortalezenses natos, fato que reduziu bastante nossa possibilidade de encontrar pessoas para colaborar com o Projeto, pois, como apresentamos em seções anteriores, houve uma grande migração de populações de outros estados e do interior do Ceará para Fortaleza no século XX.

Esse mesmo critério foi utilizado na primeira fase do projeto. Nela, para que fosse possível a conclusão das gravações, esse critério foi aberto para que se aceitasse pais cearenses, mas que tivessem vindo morar em Fortaleza ainda crianças, o que facilitou a conclusão da amostra. Com essa decisão, a amostra da primeira fase passou a ter mais da metade de pais cearenses (51,4%) que pais fortalezenses (48,6%).

Nessa segunda fase, o percentual de pais de informantes naturais da capital pulou para 80,4% (86 pessoas) e o de pais cearenses caiu para 19,6% (21 pessoas), como ilustra o Gráfico 16.

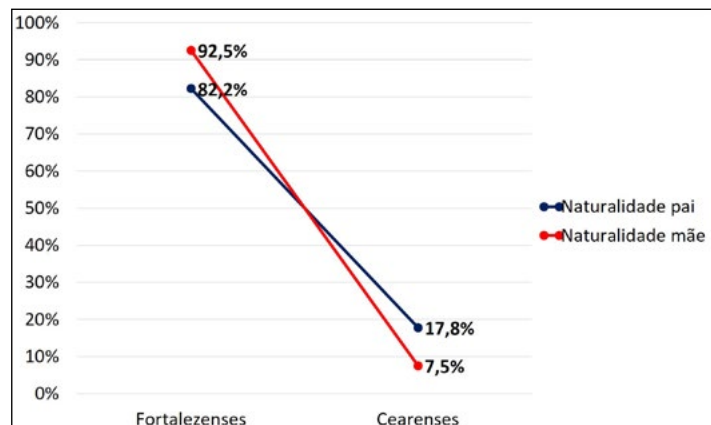
Gráfico 16 – Frequência de origem dos pais dos informantes do PORCUFORT Fase II



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Vejam os percentuais em separado, nos quais verificamos mais mães que pais naturais da capital cearense, o que também difere do obtido no *corpus* da Fase I, pois nesse eram os pais com maior percentual de naturalidade fortalezense, com 63,4% e as mães, com 52,9%. Para comparar, o Gráfico 17 apresenta os dados da Fase II.

Gráfico 17 – Frequência de origem de pais e mães dos informantes do PORCUFORT Fase II



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

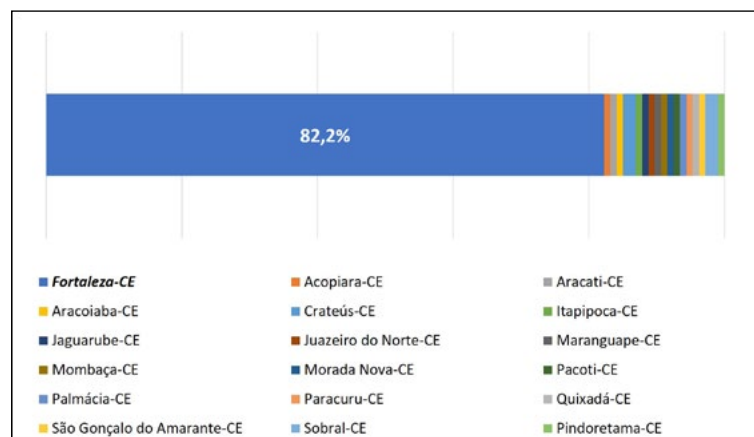
Com o objetivo de os pesquisadores conseguirem verificar a origem dos pais e mães dos informantes, separadamente, construímos o Gráfico 18 e 19.

No Gráfico 18, os pais fortalezenses somam um percentual de 82,2% (88 pais) dos indivíduos da amostra, enquanto que o percentual restante representa 1% a 2% com 01 ou 02 pais por localidade do interior; já as mães, representam 92,5% da amostra (99 mães). Traçando um paralelo com a amostra anterior, podemos ver uma inversão: na Fase I verificamos que o maior percentual de imigrantes do interior era dos pais dos informantes, já na Fase II, o maior percentual é das mães imigrantes do interior, ou seja, em nossa amostra, há mais mulheres vindas do interior com menos de 5 anos de idade do que homens.

Outra observação é que na década de 1990, a amostra possuía homens de 24 localidades diferentes, enquanto que, na década de 2020, temos apenas 17 localidades do interior do estado.

Vejamos, no Gráfico 18, as localidades de onde são naturais esses pais.

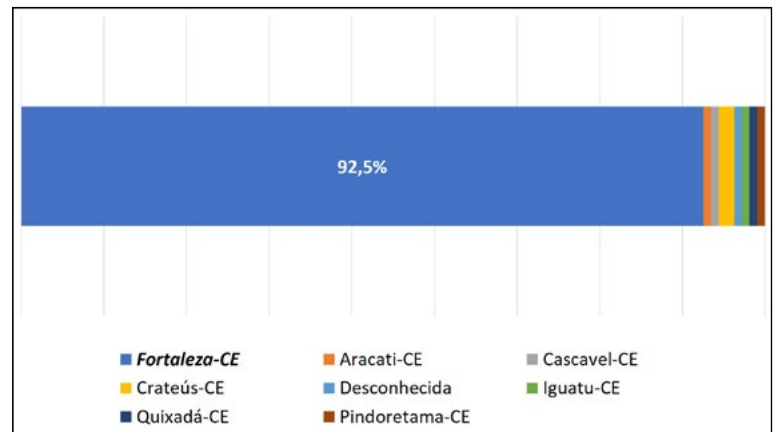
Gráfico 18 – Origem dos pais dos informantes do PORCUFORT Fase II



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

No Gráfico 19, na sequência, temos as frequências referentes, especificamente, às mães dos informantes que, diferentemente dos pais, apresentam um percentual maior de fortalezenses, sendo 92,5% equivalente a 99 mulheres. O percentual restante equivale de 1% a 2% de mulheres, naturais de 06 localidades distintas do interior do estado, divergindo consideravelmente com a amostra anterior que possuía mães de 25 localidades diferentes. Para visualizarmos melhor essas localidades, observemos o Gráfico 19.

Gráfico 19 – Origem das mães dos informantes do PORCUFORT Fase II



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Ao analisarmos os Gráficos 16, 17, 18 e 19, podemos inferir que o processo de êxodo rural²⁴ de pessoas do interior cearense para a capital resultou em uma amostra com muito mais informantes com ambos os pais fortalezenses, pois, da década de 1990 para cá, a população de pais que vieram do interior, produziu uma nova e maior geração populacional: de fortalezenses filhos de ambos os pais fortalezenses.

²⁴ Segundo Lacerda (2005, p. 6), êxodo rural é "[...] denominado migração campo-cidade, que é movimento horizontal da população."

Contudo, não temos como mensurar a quantidade exata de migrantes. No entanto, a literatura sobre essa temática na capital cearense nos afirma esse fenômeno social, como exemplifica as palavras de Araújo (2002).

Fortaleza, como principal *locus* do capital privado e público, lugar preferido, no território estadual para destino das migrações rurais e posteriormente urbanas, abrindo uma lacuna imensa entre seu contingente populacional e o das demais cidades. [...].

No século XX, entre 1920 a 1940, o saldo migratório mostrou-se positivo, constituindo-se evento inédito para o Estado, tendo a imigração de retorno dos cearenses que foram para Amazônia como fato explicativo. [...].

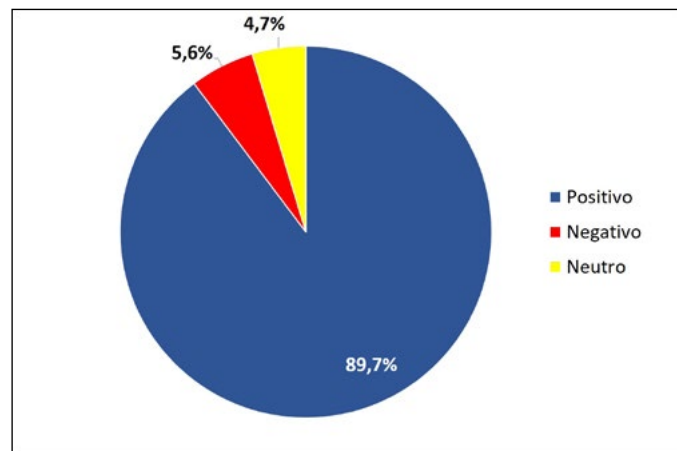
Em 1950, Fortaleza possuía uma população urbana em torno de 238 mil habitantes, superando Juazeiro do Norte em quase cinco vezes. Na década seguinte, a capital duplicou sua população urbana (515 mil habitantes), enquanto Juazeiro apenas aproximara-se de 10 por cento dos que moravam em Fortaleza. Em 1970, havia apenas quatro maiores cidades no Ceará, além de Fortaleza: Iguatu e Crato, entre 30 a 50 mil habitantes e Juazeiro do Norte e Sobral, na faixa de mais de 50 mil habitantes, todas incomparáveis a Fortaleza, que tinha uma população residente em áreas urbanas de 828 mil pessoas, quase a metade da população urbana do estado. De um lado, a realidade cearense era praticamente rural, pois sua taxa de urbanização atingira em 1970 cerca de 41 por cento; do outro, Fortaleza completava 96 por cento de urbanização (ARAÚJO, 2002, p. s/p).

Após apresentarmos as características de pais e mães dos informantes do PORCUFORT Fase II, destacamos, ainda, uma pergunta que foi elaborada para que fosse verificado qual o sentimento de pertença do informante sobre sua comunidade de fala, no caso, Fortaleza-CE. Para isso, a Ficha do Informante contém a seguinte pergunta na seção de hábitos e preferências: *Você gosta de morar em Fortaleza?* (Ver APÊNDICE II).

Das muitas respostas dentre os simples *sim* e *não*, que consideramos como sentimentos *positivos* e *negativos*, respectivamente, alguns informantes nos deram respostas as quais consideramos como *neutras*. Dentre elas, respostas como: “*Na medida do possível*”; “*Sim, mas gostaria de ter um interior (lugar) pra chamar de meu*”; “*Em parte, cidade violenta*”; e, “*Mais ou menos*”.

Das respostas *negativas*, além do clássico e enfático *não*, duas chamam nossa atenção: “*Já gostei mais*”; e “*Não. Quero morar no interior do Ceará, tenho planos de mudança*”. Respostas que nos dão a compreensão de que houve um desgosto com a cidade natal. Embora haja reações negativas, analisando as frequências das respostas a essa pergunta, temos apresentado, no Gráfico 20, os seguintes resultados: 89,7% dos informantes (96 pessoas) gostam de morar em Fortaleza, enquanto que 5,6% não gostam (6 informantes) e outros 4,7% (5 indivíduos) se apresentam como neutros.

Gráfico 20 – Sentimento pela comunidade expresso pelos informantes do PORCUFORT Fase II



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Ao inquirir os informantes sobre o que acham de morar em Fortaleza, propomo-nos a observar se há alguma ligação entre variação linguística e atitudes junto à comunidade de fala ou, ainda, questões sociais exteriores àquelas categorias sociais básicas como sexo, faixa etária, etc., como foi observado na pesquisa de Labov em Martha's Vineyard (LABOV, 2008).

Mesmo realizando essa consulta, acreditamos que diferentemente da pesquisa inicial de Labov, os indivíduos que fazem parte desse banco de dados são, em sua grande maioria nativos que gostam da terra natal e que aqueles que apresentam sentimentos negativos ou neutros são pessoas que não possuem aversão tão marcada linguisticamente.

Seguindo com nossa descrição sobre as características dos falantes tidos como cultos de Fortaleza, na década de 2010, realizamos, ainda, o levantamento das faculdades ou universidades nas quais os informantes concluíram suas graduações e, havendo, pós-graduações.

A necessidade desse levantamento se dá por questões sociais e linguísticas. Por questões sociais, sabemos que, diferentemente da amostra da Fase I do PORCUFORT — onde havia muito menos universidades ou faculdades privadas na capital cearense, além de que, nas universidades existentes à época, tanto públicas quanto particulares, havia pouca oferta de cursos — a Fase II sinaliza um crescimento no acesso ao ensino superior e uma maior variedade de instituições, o que faz, portanto, a segunda fase do PORCUFORT ser constituída por mais indivíduos, e indivíduos que não possuem, necessariamente, alto poder aquisitivo, o que pode ser também corroborado pela quantidade de informantes oriundos de bairros mais periféricos da cidade, o que não foi visto na primeira fase do banco de dados.

Por questões linguísticas, o levantamento nos informa que pessoas mais simples tiveram acesso a altos níveis de letramento, o que pode gerar o avanço de mudanças linguísticas já existentes, assim

como, o início de novas ocorrências de variação linguística na variedade fortalezense.

Segundo o site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, havia no Ceará 8 instituições de Ensino Superior em 1995, sendo 7 delas na capital, Fortaleza²⁵. Enquanto que no censo de 2018, ainda, segundo o INEP, havia 37 Instituições de Ensino Superior na capital cearense.

Dessa maneira, destacamos que desde a década de 1990, as instituições públicas sediadas em Fortaleza-CE permanecem as mesmas: a Universidade Federal do Ceará – UFC, a Universidade Estadual do Ceará – UECE e o Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica do Ceará (Cefet/CE), que se transformou, em 2008, no Instituto Federal do Ceará – IFCE. Essas instituições foram citadas pelos informantes dentre aquelas em que concluíram suas graduações e, havendo, pós-graduações.

Além das públicas já citadas, 22 instituições particulares foram citadas. O Quadro 10 apresenta todas as Instituições de Ensino Superior citadas pelos informantes.

Quadro 10 – Universidades e faculdades onde os informantes do PORCUFORT Fase II concluíram graduação e pós-graduação

Públicas
Instituto Federal do Ceará – IFCE
Universidade Estadual do Ceará – UECE
Universidade Federal do Ceará – UFC
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

²⁵ Segundo pesquisa realizada na base de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 14 fev. 2020.



Particulares

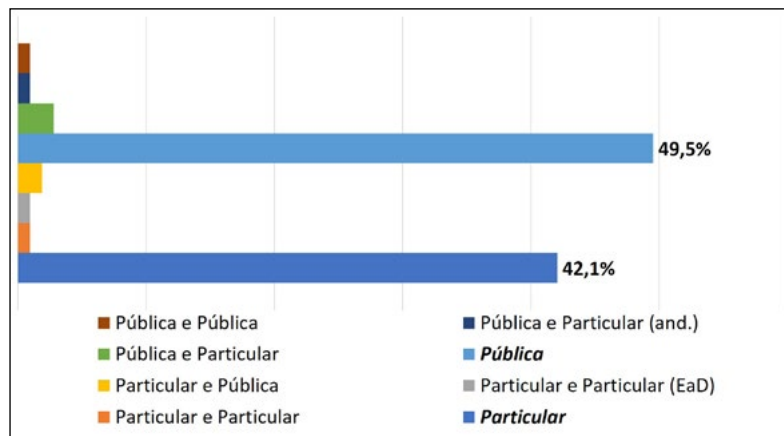
Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO
 Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO
 Centro Universitário Farias Brito – FFB UNI
 Centro Universitário UniAteneu – UniAteneu
 Centro Universitário Estácio do Ceará – Estácio FIC
 Centro Universitário Mauricio de Nassau - UNINASSAU
 Centro Universitário UniFanor Widen– UniFanor
 Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ
 Faculdade Integrada da Grande Fortaleza – FGF
 Faculdade Tecnológica de Palmas – Sentido Único
 Faculdades Cearenses – FAC
 Fundação Getúlio Vargas – FGV
 Instituto Básico de Estudos Superiores do Ceara – IBESC
 Instituto de Ciências Religiosas – ICRE
 Instituto de Pesquisa, Ensino e Gestão em Saúde - IPGS
 Instituto Parckter
 Instituto Prominas
 União Cearense das Associações de Ensino Superior - UNICE – Ensino Superior
 Universidade 7 de Setembro – UNI7
 Universidade Christus - UniChristus
 Universidade da Filadélfia
 Universidade de Fortaleza – UNIFOR
 Universidade Del Sol (Paraguay)
 Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO
 Universidade Vale do Acaraú – UVA (convênios particulares)

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Realizando um levantamento, pudemos verificar que 9 informantes fizeram mais de uma graduação (8,6% dos informantes). Além disso, 58 informantes, ou seja, 53,2% do total de graduados fizeram sua graduação – ou primeira graduação –, em uma universidade pública, restando assim, 46,8% de graduados (51 pessoas) em instituições particulares.

O Gráfico 21 apresenta maiores detalhes sobre o tipo de instituição onde os informantes realizaram a(s) graduação(ões).

Gráfico 21 – Origem das instituições de ensino superior cursadas pelos informantes do PORCUFORT Fase II



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Como dito, o Gráfico 21 se constitui do percentual de informantes que fizeram graduação em universidades públicas e/ou particulares, sendo que 49,5% desses informantes (exatamente 53) realizaram apenas uma graduação e essa foi em universidade pública, já 42,1% (45 pessoas) fizeram uma graduação e em universidade particular. Se somarmos todos os informantes que estudaram apenas em universidades públicas, o somatório cresce para 49,5% (53 informantes).

Como apresentado anteriormente, na década de 1990, havia muito menos Instituições de Ensino Superior do que podemos ver nesta década. O acesso e crescimento do Ensino Superior favorece o crescimento científico e tecnológico e melhora diversos índices sociais como IDH, por exemplo.

Corroborando nossos dados, a Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior (Secitece) realizou em 2020 um estudo sobre a realidade do Ensino Superior no estado do Ceará e seus resultados

são similares aos nossos. Segundo a Secitece²⁶, o número de graduados saltou de 352.253 mil em 2008 para 784 mil no ano de 2019, apresentando um crescimento de 122,6% no número de cearenses com ensino superior.

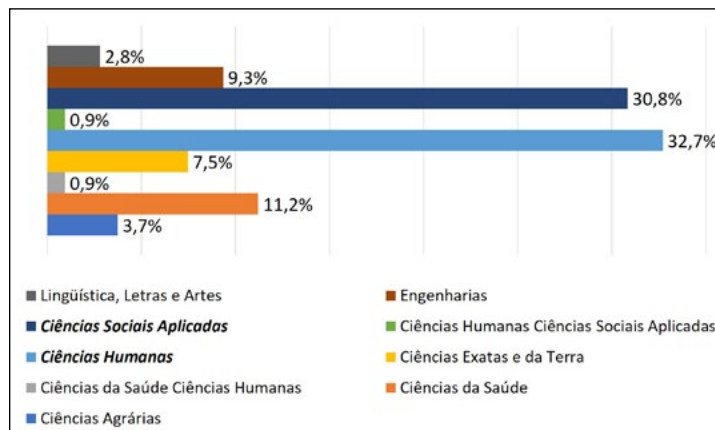
Para ajudar nesse salto, a oferta de matrícula no período subiu de 35.252 para 97.360, destacando que, nesse íterim, também, o ensino superior foi descentralizado da capital, chegando ao interior através dos *campi* das universidades públicas existentes, além do crescimento das universidades/faculdades particulares, como afirma Cândido B. C. Neto, coordenador de Educação Superior da Secitece, “Este salto foi motivado, principalmente, pela interiorização do Ensino Superior Público, com o surgimento de novos *Campi* da UFC e a expansão dos já existentes (UFC e IFCE), além da criação da UFCA, da Unilab e ainda pela expansão permanente dos *Campi* das universidades estaduais (UECE, URCA e UVA).” (SECITECE, s/p).

Somando-se a esses fatos, a modalidade de educação à distância também cresceu, chegando a um percentual de 600%, passando de 9.646 mil para 70.738 mil alunos de graduação e especialização. Ainda no mesmo estudo, verificou-se, também, um grande crescimento na oferta de pós-graduação para os cearenses que passou de 3.756 mil alunos, em 2008, para 7.987 mil alunos em 2019.

No Gráfico 22, selecionamos as áreas de conhecimento das graduações dos informantes da Fase II do PORCUFORT. No gráfico, destacamos três áreas do conhecimento que apresentam maiores frequências: Ciências Sociais Aplicadas, com 31,4% de frequência, Ciências Humanas, com 32,4% e Ciências da Saúde com 11,4% de informantes graduados nessa área.

²⁶ Cresce número de cearenses com nível superior. Retirado do site da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior (Secitece). Disponível em: <https://www.sct.ce.gov.br/2021/03/24/cresce-numero-de-cearenses-com-nivel-superior/>. Acesso em: 29 mar. 2021.

Gráfico 22 – Áreas de conhecimento das graduações dos informantes do PORCUFORT Fase II



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

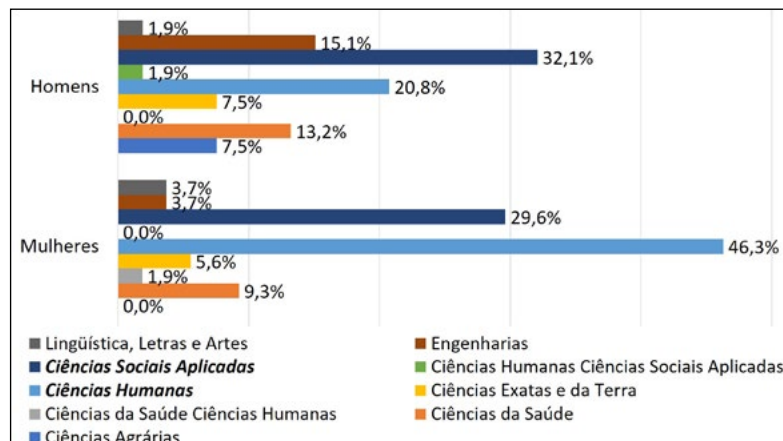
Destacamos que realizamos essa divisão apresentada no Gráfico 22 de acordo com a Tabela de Áreas do Conhecimento²⁷ do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, dividindo o conhecimento em X grandes áreas: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas; Linguística, Letras e Artes e Outros.

Sabemos, ainda, que há determinadas profissões ou áreas do conhecimento que historicamente e socialmente são atribuídas a um ou outro sexo, fato que já mencionamos quando descrevemos o *corpus* da década de 1990. Nessa década atual, não foi muito diferente.

Preparamos o Gráfico 23 para que o leitor e/ou pesquisador vejam a divisão entre o sexo dos informantes e a área do conhecimento de suas graduações.

27 Disponível em: <http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.

Gráfico 23 – Graduações dos informantes do PORCUFORT Fase II por sexo



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Nesse Gráfico, é notório que, enquanto nas Ciências Humanas, as mulheres obtiveram mais frequência (46,3%) que os homens (20,8%), em contrapartida, nas Engenharias, os homens lideram com 15,1% e as mulheres com 3,7%, seguido de Ciência da Saúde com 13,2% de formação dos homens e 9,3% das mulheres do banco de dados.

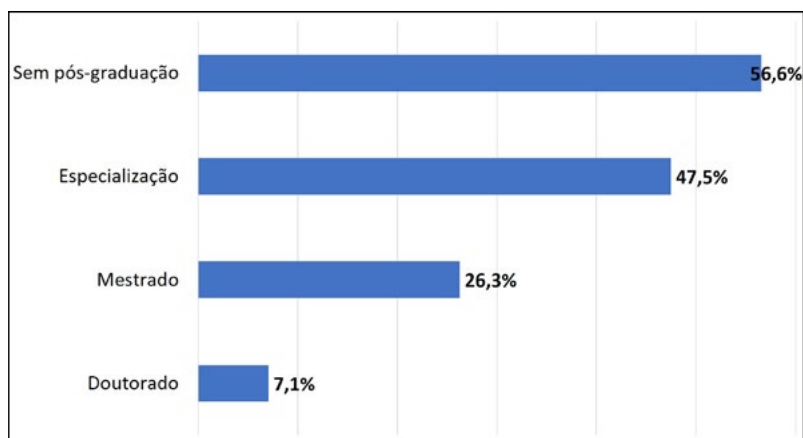
Como articulamos anteriormente, a necessidade desse levantamento sobre o tipo de universidades e quais áreas do conhecimento se deram as graduações dos informantes, se dá por questões sociais e linguísticas. Por questões linguísticas, sabemos que um indivíduo que conclui uma graduação esteve, no mínimo, durante 16 anos em bancos escolares e que tal intervalo de tempo influencia diretamente em sua produção oral e escrita.

Como a sociolinguística variacionista se interessa especialmente pela fala de pessoas de uma determinada comunidade de fala, um dos tipos de informação que coletamos dos informantes da segunda fase do PORCUFORT foi a respeito da graduação e da pós-graduação

de cada informante. Dessa forma, a pessoa que fez apenas sua graduação até o momento da entrevista, esteve no mínimo 16 anos em sala de aula, mas aquele que passou mais um dois ou quatro anos de sua vida em aperfeiçoamentos *lato sensu* e *strictu sensu* pode chegar a mais de 20 anos de sua vida dedicados aos estudos. É com base nesse aspecto que decidimos por levar em consideração mais essa característica como uma variável social da comunidade de fala.

Posto isso, vejamos no Gráfico 24 a frequência das *lato sensu* e *strictu sensu* dos informantes de nosso *corpus*.

Gráfico 24 – Pós-graduações dos informantes do PORCUFORT Fase II



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Os dados obtidos para a elaboração do Gráfico 24 tiveram como base as fichas dos informantes, quando os mesmos declaravam quais, quantos cursos e as respectivas faculdades ou universidades onde haviam cursado cada um deles. Para esta análise, também levamos em consideração aqueles cursos em andamento.

Dessa forma, 56,6% (56 indivíduos) de nossos informantes, a grande maioria, não possui qualquer curso de pós-graduação. Dos demais

51 informantes (43,4%) com alguma pós-graduação, 47,5% possuem especialização (47 pessoas), 26,3% possuem nível de mestrado (26 pessoas) e apenas 6,5% de nossos informantes possuem nível de doutorado (respectivamente, 7 pessoas). Salientamos que, para a elaboração do gráfico, os dados não contabilizam 100%, pois alguns informantes possuem: apenas o nível de especialização; outros, apenas o nível de mestrado; outros, ainda, possuem especialização e mestrado; há indivíduos somente com os níveis de mestrado e doutorado; e há aqueles que possuem especialização, mestrado e doutorado.

Embora haja uma grande possibilidade de os indivíduos continuarem seus estudos na pós-graduação, alguns fatores são preponderantes nesse processo. É consenso na atual sociedade brasileira, como um todo, que muitas pessoas não conseguem concluir seus estudos primários devido a necessidades de conseguirem sustentar-se ou sustentarem familiares. Essa realidade também se encontra no ensino superior, e com muito mais força. Segundo o censo de 2010 do IBGE, havia 13.463.757 pessoas com nível superior no Brasil, o que representa 7% da população total.

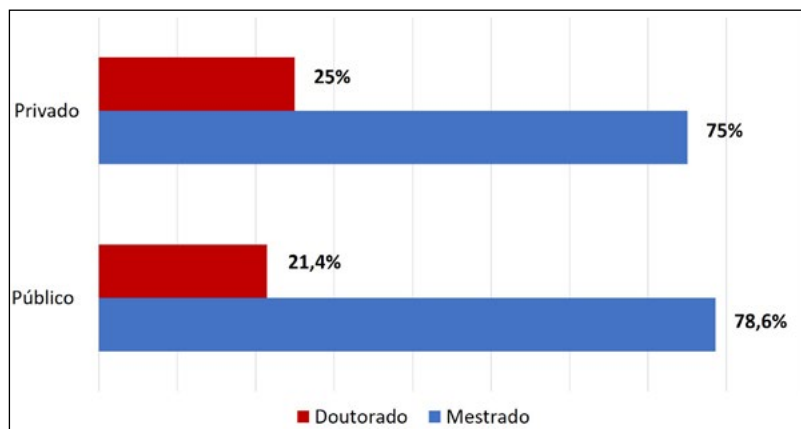
Na atual conjuntura educacional do país, mais pessoas têm acesso ao Ensino Superior, como já defendido aqui algumas vezes. Esse acesso se dá também para além da graduação, ou seja, na pós-graduação das diversas áreas do conhecimento. Os informantes do *corpus* da Fase I do PORCUFORT tinham em sua grande maioria apenas a graduação, devido, como vimos, às poucas instituições existentes em Fortaleza na época, além da falta de pós-graduações, por ser, inclusive, cursos de difícil acesso no Nordeste do Brasil.

Em Fortaleza temos, de acordo com dados do último censo da Pós-graduação realizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes²⁸, 161 cursos de pós-graduação

²⁸ Dados disponíveis no site de Dados Abertos da Capes. Disponível em: <https://dadosabertos.capes.gov.br/dataset/cursos-da-pos-graduacao-stricto-sensu-do-brasil-de-2013-a-2015>. Acesso em: 15 fev. 2020.

strictu sensu, sendo 106 cursos de mestrado e 55 de doutorado dentre instituições públicas e privadas.

Gráfico 25 – Número de cursos de pós-graduação *strictu sensu* por tipo de universidade em Fortaleza (dados da CAPES censo 2016)

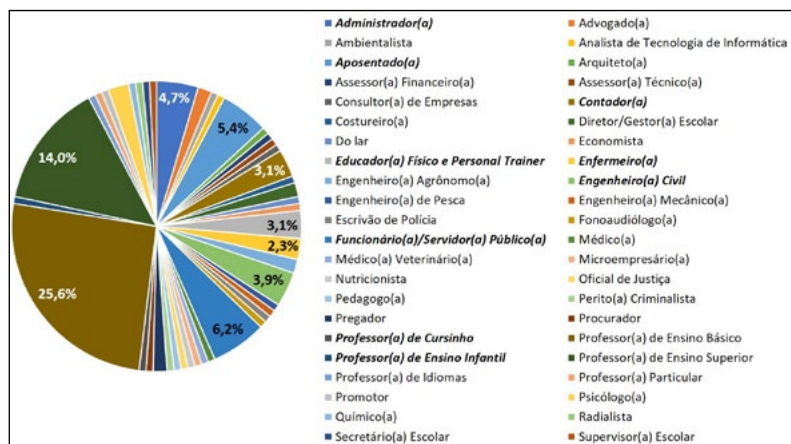


Fonte: elaboração própria com dados da CAPES, 2021.

O Gráfico 25 nos apresenta o número de cursos de pós-graduação *strictu sensu* na cidade de Fortaleza, onde sua grande parte, 142 cursos, vem de 3 universidades públicas, a saber: UFC, UECE e IFCE, este último, apenas com cursos de mestrado. Quanto às instituições privadas, temos na capital cearense 19 cursos de pós-graduação *strictu sensu*, sendo de mestrado em apenas três instituições, a saber: UNIFOR, UNI7 e UNICHRISTUS, e os de doutorado apenas da UNIFOR. Quanto às profissões, o Gráfico 26 nos traz cada uma citada pelos informantes. Destacamos que alguns informantes disseram possuir mais de uma profissão, o que nos fez acrescentar também ao rol das mesmas, assim sendo, obtivemos um total de 42 profissões/ocupações distintas, além dos aposentados.

Vejamos mais detalhadamente as frequências relacionadas as profissões dos informantes no Gráfico 26.

Gráfico 26 – Profissões dos informantes do PORCUFORT Fase II



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

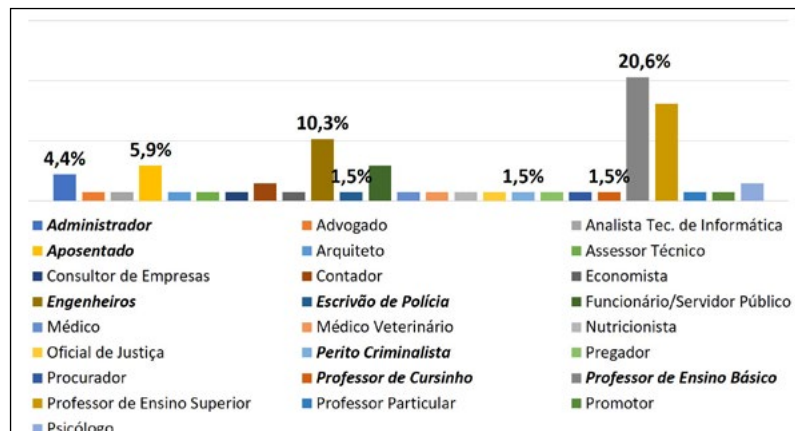
Destacamos as profissões mais frequentes dos informantes: administrador(a); contador(a); engenheiros(as); funcionários(as)/servidores(as) públicos(as); *personal*(s) *trainer*(s)/ educadores(as) físico(a); professores(as) de ensino básico; professores(as) de ensino superior; e psicólogos(as). Cada uma dessas com mais de um informante, sendo que o *corpus* possui 25,6% de professores de ensino básico e 14% de professores de ensino superior. Há duas categorias que somadas juntam maiores percentuais: professores, somatizam 42,6% do *corpus* (55 indivíduos) e os engenheiros, com 9 informantes (7%).

Essa grande quantidade de professores no banco de dados, se dá, principalmente, pelo tipo de inquérito Elocução Formal, que analisa a fala altamente monitorada em momentos de fala em público, como é o caso de professores. Desse tipo de inquérito, apenas um informante não exerce a profissão de professor.

Colocamos os informantes aposentados como uma categoria a mais, por ser uma das mais frequentes, levando em consideração, especialmente, aquelas pessoas da terceira faixa etária. São 7 indivíduos no *corpus*, ocupando um valor 5,4% das ocupações.

Fazendo uma análise das profissões por sexo, resolvemos, ainda, analisar separadamente as profissões dos homens e das mulheres de nosso *corpus*. Vejamos no Gráfico 27 essas distinções.

Gráfico 27 – Profissões dos informantes do sexo masculino do PORCUFORT Fase II

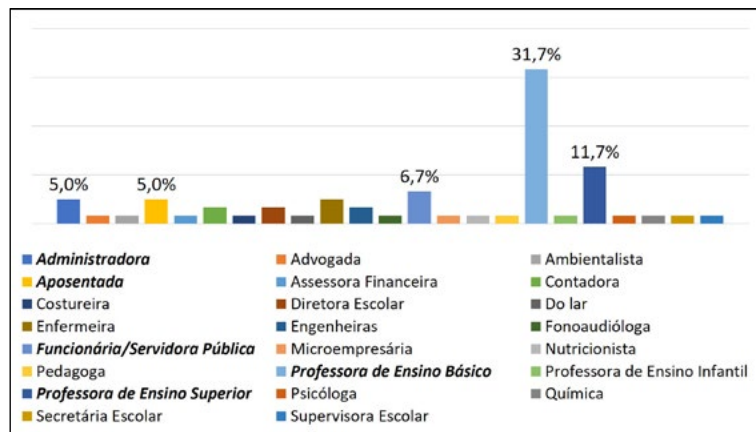


Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Como podemos visualizar no Gráfico 27, as profissões com maiores frequências são, além dos aposentados (5,9%), os engenheiros (10,3%), os funcionários públicos (5,9%), educadores físicos/ *personal trainer* (5,9%), os professores de ensino básico (20,6%) e professores de ensino superior (16,2%). As demais profissões somam frequências de 1% a 4%.

Já em relação às mulheres, o Gráfico 28 nos ilustra suas profissões mais frequentes.

Gráfico 28 – Profissões dos informantes do sexo feminino do PORCUFORT Fase II



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Observando atentamente o Gráfico 28, as profissões das mulheres com maiores frequências são, além das aposentadas (5%), as administradoras (5%), as enfermeiras (5%), as funcionárias públicas (6,7%), as professoras de ensino básico (31,7%) e as professoras de ensino superior (11,7%). As demais profissões somam frequências de 1% a 3%.

Fazendo um comparativo entre os Gráfico 27 e 28, vemos que os aposentados apresentam quase o mesmo percentual e, é válido destacar, que essas pessoas estão localizadas na faixa etária III, que comporta pessoas com 56 anos em diante. Além disso, as duas profissões mais presentes em nossos informantes são os professores que somam, nos homens, 39,7% desses e nas mulheres, 45% dessas.

Válido ressaltar que durante nossas pesquisas sobre os professores de ensino superior no Brasil, diversos dados comprovam que há mais homens que mulheres enquanto professores universitários, pois, segundo o ministério da Educação, “Tanto na rede privada quanto na

rede pública, os docentes mais frequentes são homens” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017, p. 6). Isso é visível em nosso *corpus*, quando destacamos dos 14% de professores universitários (Cf. Gráfico 26) de todo o *corpus*, são, destes, 8,7% de professores universitários e 5,6% de professoras universitárias, correspondendo cada um respectivamente a 11 homens e 7 mulheres.

Com relação ao detalhamento das profissões dos informantes do *corpus*, vejamos o Quadro 11, cada tipo de profissão dividida por sexo e suas respectivas quantidades.

Quadro 11 – Profissões dos informantes do PORCUFORT Fase II

Homens		Mulheres	
Administrador	3	Administradora	3
Advogado	1	Advogada	1
Analista Tec. de Informática	1	Ambientalista	1
Aposentado	4	Aposentada	3
Arquiteto	1	Assessora Financeira	1
Assessor Técnico	1	Contadora	2
Consultor de Empresas	1	Costureira	1
Contador	2	Diretora Escolar	2
Economista	1	Do lar	1
Engenheiros	7	Enfermeira	3
Escrivão de Polícia	1	Engenheiras	2
Funcionário/Servidor Público	4	Fonoaudióloga	1
Médico	1	Funcionária/Servidora Pública	4
Médico Veterinário	1	Microempresária	1
Nutricionista	1	Nutricionista	1
Oficial de Justiça	1	Pedagoga	1
Perito Criminalista	1	Professora de Ensino Básico	19
Personal Trainer/Ed. Físico	4	Professora de Ensino Infantil	1

Homens		Mulheres	
Pregador	1	Professora de Ensino Superior	7
Procurador	1	Psicóloga	1
Professor de Cursinho	1	Química	1
Professor de Ensino Básico	14	Secretária Escolar	1
Professor de Ensino Superior	11	Supervisora Escolar	1
Professor Particular	1		
Promotor	1		
Psicólogo	2		
Radialista	1		
Total profissões/ocupações	27	Total profissões/ocupações	23

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Em resumo, as profissões dos informantes do sexo masculino do PORCUFOR Fase II são: 3 administradores, 1 advogado, 1 analista de tecnologia de informática, 4 aposentados, 1 arquiteto, 1 assessor técnico, 1 consultor de empresas, 2 contadores, 1 economista, 7 engenheiros (agrônomo, de pesca, civil e mecânico), 1 escrivão de polícia, 4 funcionários/servidores públicos, 1 nutricionista, 1 médico, 1 médico veterinário, 1 oficial de justiça, 1 perito criminalista, 4 *personal trainer*/educador físico/professor de academia, 1 pregador, 1 procurador, 16 professores de ensino básico (professor de cursinho, particular e básico), 11 professores de ensino superior, 1 promotor, 2 psicólogos, e 1 radialista.

Já as profissões e quantidades das mulheres do Fase II são: 3 administradoras, 1 advogada, 1 ambientalista, 3 aposentadas, 1 assessora financeira, 2 contadoras, 1 costureira, 2 diretoras/gestoras escolares, 1 do lar/dona de casa, 3 enfermeiras, 2 engenheiras (civil), 1 fonoaudióloga, 4 funcionárias/servidoras públicas, 1 microempresária, 1 nutricionista, 1 pedagoga, 20 professoras de ensino básico (sendo 1 professora de ensino infantil), 7 professoras de ensino superior, 1 psicóloga, 1 química, 1 secretária escolar, 1 supervisora escolar.

Embora a taxa de desemprego no Ceará durante os anos de 2018 e primeiro trimestre de 2020 tenha variado entre 13% e 10% (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021, s/p), os informantes que constituem o banco de dados da segunda fase do PORCUFORT se apresentaram quase todos ocupados. Apenas 1 informante se declarou desempregado, no momento da entrevista: uma mulher que preferiu colocar sua ocupação como *do lar*. Ainda em relação a esse ponto, um outro informante do sexo masculino que não tinha emprego em sua área de atuação, estava ocupado temporariamente como *professor particular*.

Após uma descrição bastante detalhista acerca de diversas questões sociais dos indivíduos que constituem o *corpus* do PORCUFORT Fase II, apresentaremos as classificações dos inquéritos para facilitar a busca do pesquisador por gravações e seus perfis selecionados.

O Quadro 12 apresenta ao leitor a estratificação dos informantes por células sociais.

Quadro 12 – Estratificação dos informantes do PORCUFORT Fase II

Faixa etária	Gênero					
	Masculino			Feminino		
	Registro					
	DID	D2	EF	DID	D2	EF
I (22-35)	6	4	6	6	6	6
II (36-55)	6	6	6	6	7	6
III (56 em diante)	7	6	6	6	7	4
Total	19	16	18	18	20	16
	53			54		
	107					

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Vejam, a partir do Quadro 12, que o pesquisador pode se utilizar dessas quantidades de informantes que estão alocados nas células sociais do Projeto. Dessa forma, na célula social DIDM1, há 06 homens, ou seja, 06 Diálogos entre Informante e Documentador, cujos informantes são masculinos da faixa etária I.

As células D2, Diálogo entre Dois Informantes, são um pouco diferentes. Na célula D2M1, por exemplo, temos 04 informantes, masculinos da faixa etária I, mas não são quatro inquiridos distintos, pois os D2, diferentemente dos DID e EF, não representam o número de informantes com o número de inquiridos, pois, nesse exemplo, podemos contar três inquiridos diferentes ou apenas dois. O que temos são os informantes.

Para melhor orientação, também nos utilizamos de um outro quadro que destaca quais os inquiridos que podem ser selecionados pelo pesquisador, dispostos do Quadro 13.

Quadro 13 – Distribuição de informantes por inquéritos do PORCUFORT Fase II gravados por sexo, faixa etária e tipo de registro

Faixa etária	Sexo					
	Masculino			Feminino		
	Tipo de Registro					
	DID	D2	EF	DID	D2	EF
I (22-35)	03, 14, 19, 22, 23, 35.	08.1, 77.2, 83.1, 85.1,	06, 20, 27, 30, 36, 41,	01, 04, 07, 12, 26, 70.	02.1, 02.2, 05.2, 08.2, 51.1, 57.2.	18, 31, 40, 44, 46, 47.
II (36-55)	16, 37, 48, 58, 59, 75.	05.1, 11.2, 57.1, 76.1, 76.2, 83.2.	15, 21, 42, 54, 66, 74.	25, 28, 32, 38, 45, 52.	10.2, 11.1, 55.1, 55.2, 56.1, 65.2.	17, 39, 68, 78, 79, 82.
III (56 em diante)	13, 50, 60, 61, 71, 72, 73.	10.1, 56.2, 62.1, 62.2, 77.1, 80.2.	33, 67, 69, 81, 84, 87.	24, 29, 34, 43, 49, 64.	09.1, 09.2, 51.2, 80.1, 85.2, 86.1, 86.2.	53, 63, 88, 89.

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Aqui no Quadro 13, a distribuição nas células sociais está feita através da numeração dos inquéritos. Por exemplo, a célula DIDF1 contém os seguintes inquéritos/informantes: 01, 04, 07, 12, 26 e 70. Nesses inquéritos, sabemos que se trata de uma gravação do tipo Diálogo entre Informante e Documentador – DID, feminino, de faixa etária I. Assim, essa célula contém 6 inquéritos, que corresponde a 6 falantes.

Quanto à célula D2F1, temos os informantes 02.1, 02.2, 05.2, 08.2, 51.1 e 57.2. Aqui, trata-se de Diálogo entre Dois Informantes, mulheres, de faixa etária I. Temos, então, nessa célula, 6 informantes que pertencem a 5 inquéritos distintos: 02, 05, 08, 51 e 57.

Nesses tipos de inquéritos, os D2 apresentam dois informantes por gravação, o que nos faz nomeá-los em informante 1 e informante 2, a partir de quem inicia o turno da fala. Portanto, no inquérito 02, temos os informantes 02.1 e 02.2, que estão ambos, dentro da mesma célula social (D2F1), mas no inquérito D2 05, por conseguinte, temos o informante 05.1 que está na célula social D2M2 (D2, homem da faixa II) e a informante 05.2 que está na célula D2F1 (D2, mulher, faixa I).

Observemos no Quadro 14, o detalhamento dos informantes, sexo e faixa etária dentro dos inquéritos.

Quadro 14 – Detalhamento das idades dos informantes PORCUFORT Fase II

Número do inquérito	Sexo	Idade/ Tipo de relação
D2		
02	Mulheres	26 e 26 anos – amigas
05	Homem e mulher	38 e 23 anos – amigos
08	Homem e mulher	27 e 30 anos – amigos
09	Mulheres	62 e 60 anos – irmãs
10	Homem e mulher	60 e 55 anos – cônjuges
11	Mulher e homem	37 e 51 anos – irmãos
51	Mulheres	31 e 67 anos – filha e mãe
55	Mulheres	46 e 49 anos – irmãs
56	Mulher e homem	50 e 63 anos – irmãos
57	Homem e mulher	36 e 35 anos – irmãos
62	Homens	60 e 59 anos – irmãos
65	Mulheres	49 e 48 anos – irmãs
76	Homens	39 e 38 anos – amigos
77	Homens	57 e 23 anos – pai e filho
80	Mulher e homem	68 e 77 anos – cunhados
83	Homens	34 e 38 anos – amigos
85	Homem e mulher	25 e 57 anos – sobrinho e tia
86	Mulheres	58 e 57 anos – irmãs

DID		
01	Mulher	35 anos
03	Homem	26 anos
04	Mulher	31 anos
07	Mulher	24 anos
12	Mulher	27 anos
13	Homem	59 anos
14	Homem	29 anos
16	Homem	38 anos
19	Homem	27 anos
22	Homem	22 anos
23	Homem	32 anos
24	Mulher	63 anos
25	Mulher	52 anos
26	Mulher	23 anos
28	Mulher	44 anos
29	Mulher	62 anos
32	Mulher	53 anos
34	Mulher	61 anos
35	Homem	25 anos
37	Homem	36 anos
38	Mulher	42 anos
43	Mulher	63 anos
45	Mulher	50 anos
48	Homem	36 anos
49	Mulher	76 anos
50	Homem	56 anos
52	Mulher	42 anos
58	Homem	41 anos
59	Homem	48 anos
60	Homem	63 anos
61	Homem	63 anos

64	Mulher	65 anos
70	Mulher	25 anos
71	Homem	72 anos
72	Homem	63 anos
74	Homem	80 anos
75	Homem	42 anos
EF		
06	Homem	30 anos
15	Homem	43 anos
17	Mulher	46 anos
18	Mulher	33 anos
20	Homem	28 anos
21	Homem	39 anos
27	Homem	24 anos
30	Homem	33 anos
31	Mulher	30 anos
33	Homem	58 anos
36	Homem	35 anos
39	Mulher	36 anos
40	Mulher	34 anos
41	Homem	34 anos
42	Homem	44 anos
44	Mulher	32 anos
46	Mulher	33 anos
47	Mulher	33 anos
53	Mulher	61 anos
54	Homem	36 anos
63	Mulher	61 anos
66	Homem	49 anos
67	Homem	62 anos
68	Mulher	45 anos
69	Homem	58 anos

74	Homem	36 anos
78	Mulher	43 anos
79	Mulher	36 anos
81	Homem	58 anos
82	Mulher	44 anos
84	Homem	57 anos
87	Homem	63 anos
88	Mulher	56 anos
89	Mulher	59 anos

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

O Quadro 14 apresenta um tipo de detalhamento que facilita o pesquisador refazer as faixas etárias da pesquisa dentro dos tipos de inquérito.

Outro ponto que podemos apresentar ao leitor está relacionado ao quantitativo de horas de fala gravadas nas entrevistas. Como já mencionamos, cada tipo de registro (DID, D2 e EF) compõe um tipo de gênero oral distinto que possui características próprias. Por exemplo, os inquéritos D2 são, em sua maioria, gravações que têm a duração entre 45 minutos e 85 minutos, onde há uma conversa entre irmãos, pais e filhos, tia e sobrinho e amigos. A média dos inquéritos D2 é de 59 minutos.

O tipo DID contém gravações mais monitoradas que os diálogos, mas, ao mesmo tempo, uma entrega do informante às narrativas pessoais. Nesse tipo de inquérito temos a entrevista sociolinguística propriamente dita. Os DID vão de 40 minutos a 88 minutos com média de 61 minutos.

Por último, o mais formal dos três tipos de registro, o EF compõe-se de aulas em escolas públicas estaduais de Ensino Médio, aulas em cursos de graduação, uma palestra e uma pregação. O tempo desses inquéritos vai de 33 minutos²⁹ a 86 minutos com média de 57 minutos.

²⁹ Principalmente as gravações de aulas do Ensino Médio, pois a hora aula dura 45 minutos, onde o professor leva algum tempo para iniciar a aula propriamente dita.

Os arquivos relacionados aos inquéritos do banco de dados são nomeados com uma sintaxe que visa facilitar o manuseio dos mesmos. Os arquivos de áudio, assim como os arquivos das transcrições e as fichas dos informantes são nomeadas da seguinte maneira: nome do banco de dados e número da fase (Fase II); número do inquérito; ano de gravação; tipo de registro; sexo e faixa etária do informante. Grafado em letras minúsculas, com auxílio do caractere de *underscore/underline* () fazendo a separação desses blocos de informações.

Dessa maneira, os arquivos relacionados ao Inquérito 1 do banco de dados é nomeado da seguinte forma: **porcufort2_inq.06_2018_ef1**, por tratar-se de um inquérito do *PORCUFORT Fase II*, o *inquérito nº 06* na ordem de gravação do banco de dados, gravado no ano de *2018*, tipo de registro *EF*, e informante *masculino da faixa etária I*.

Sendo assim, os arquivos DID e EF seguem esse mesmo padrão. Já os arquivos D2 por possuírem dois informantes por áudio/gravação, são nomeados da seguinte forma: **porcufort2_inq.10_2018_d2_m3f2**, ou seja, há o acréscimo de mais dois caracteres relacionados ao segundo informante. Assim, a sintaxe acima se trata de um inquérito do *PORCUFORT Fase II*, o *inquérito nº 10* na ordem de gravação, também gravado no ano de *2018*, do tipo de registro *D2*, e sendo o primeiro informante *masculino da faixa etária III* e, o segundo informante, *feminino da faixa etária II*.

Os arquivos relacionados ao áudio e à transcrição dos D2 possuem a sintaxe descrita no parágrafo anterior. No entanto, as fichas dos informantes possuem ainda mais um caractere numérico indicando o seu informante, sendo: **porcufort2_inq.10_2018_d2_m3f2.1**, a ficha do informante 1 e **porcufort2_inq.10_2018_d2_m3f2.2** a ficha do informante 2. Lembrando, novamente, que o *informante 1*, nos D2, será, sempre, aquele indivíduo que inicia sua fala na gravação, seguido do *informante 2*, que é, sempre, o indivíduo que fala em segundo lugar na gravação.

Podemos visualizar a lista dos inquéritos no quadro seguir:

Quadro 15 — Nomes referentes aos arquivos do corpus do PORCUFORT Fase I

Número do Inquérito	Nome do arquivo de áudio e de transcrição	Nome dos arquivos das fichas dos informantes
1	porcufort2_inq.01_2018_did_f1	porcufort2_inq.01_2018_did_f1
2	porcufort2_inq.02_2018_d2_f1f1	porcufort2_inq.02_2018_d2_f1f1.1
		porcufort2_inq.02_2018_d2_f1f1.2
3	porcufort2_inq.03_2018_did_m1	porcufort2_inq.03_2018_did_m1
4	porcufort2_inq.04_2018_did_f1	porcufort2_inq.04_2018_did_f1
5	porcufort2_inq.05_2018_d2_m2f1	porcufort2_inq.05_2018_d2_m2f1.1
		porcufort2_inq.05_2018_d2_m2f1.2
6	porcufort2_inq.06_2018_ef_m1	porcufort2_inq.06_2018_ef_m1
7	porcufort2_inq.07_2018_did_f1	porcufort2_inq.07_2018_did_f1
8	porcufort2_inq.08_2018_d2_m1f1	porcufort2_inq.08_2018_d2_m1f1.1
		porcufort2_inq.08_2018_d2_m1f1.2
9	porcufort2_inq.09_2018_d2_f3f3	porcufort2_inq.09_2018_d2_f3f3.1
		porcufort2_inq.09_2018_d2_f3f3.2
10	porcufort2_inq.10_2018_d2_m3f2	porcufort2_inq.10_2018_d2_m3f2.1
		porcufort2_inq.10_2018_d2_m3f2.2
11	porcufort2_inq.11_2018_d2_f2m2	porcufort2_inq.11_2018_d2_f2m2.1
		porcufort2_inq.11_2018_d2_f2m2.2
12	porcufort2_inq.12_2018_did_f1	porcufort2_inq.12_2018_did_f1
13	porcufort2_inq.13_2018_did_m3	porcufort2_inq.13_2018_did_m3
14	porcufort2_inq.14_2018_did_m1	porcufort2_inq.14_2018_did_m1
15	porcufort2_inq.15_2018_ef_m2	porcufort2_inq.15_2018_ef_m2
16	porcufort2_inq.16_2018_did_m2	porcufort2_inq.16_2018_did_m2
17	porcufort2_inq.17_2018_ef_f2	porcufort2_inq.17_2018_ef_f2
18	porcufort2_inq.18_2018_ef_f1	porcufort2_inq.18_2018_ef_f1
19	porcufort2_inq.19_2018_did_m1	porcufort2_inq.19_2018_did_m1
20	porcufort2_inq.20_2018_ef_m1	porcufort2_inq.20_2018_ef_m1
21	porcufort2_inq.21_2018_ef_m2	porcufort2_inq.21_2018_ef_m2
22	porcufort2_inq.22_2018_did_m1	porcufort2_inq.22_2018_did_m1

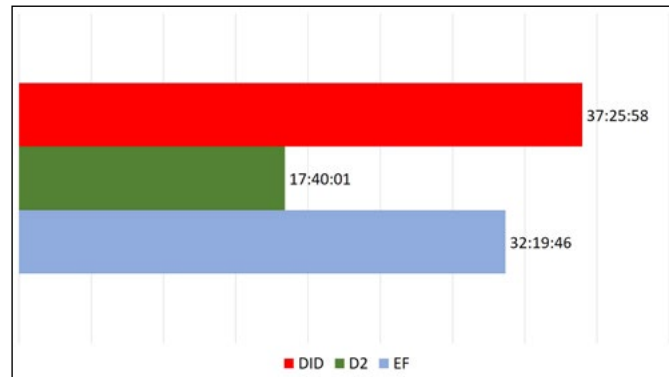
Número do Inquérito	Nome do arquivo de áudio e de transcrição	Nome dos arquivos das fichas dos informantes
23	porcufort2_inq.23_2018_did_m1	porcufort2_inq.23_2018_did_m1
24	porcufort2_inq.24_2018_did_f3	porcufort2_inq.24_2018_did_f3
25	porcufort2_inq.25_2018_did_f2	porcufort2_inq.25_2018_did_f2
26	porcufort2_inq.26_2018_did_f1	porcufort2_inq.26_2018_did_f1
27	porcufort2_inq.27_2018_ef_m1	porcufort2_inq.27_2018_ef_m1
28	porcufort2_inq.28_2018_did_f2	porcufort2_inq.28_2018_did_f2
29	porcufort2_inq.29_2018_did_f3	porcufort2_inq.29_2018_did_f3
30	porcufort2_inq.30_2018_ef_m1	porcufort2_inq.30_2018_ef_m1
31	porcufort2_inq.31_2018_ef_f1	porcufort2_inq.31_2018_ef_f1
32	porcufort2_inq.32_2018_did_f2	porcufort2_inq.32_2018_did_f2
33	porcufort2_inq.33_2019_ef_m3	porcufort2_inq.33_2019_ef_m3
34	porcufort2_inq.34_2019_did_f3	porcufort2_inq.34_2019_did_f3
35	porcufort2_inq.35_2019_did_m1	porcufort2_inq.35_2019_did_m1
36	porcufort2_inq.36_2019_ef_m1	porcufort2_inq.36_2019_ef_m1
37	porcufort2_inq.37_2019_did_m2	porcufort2_inq.37_2019_did_m2
38	porcufort2_inq.38_2019_did_f2	porcufort2_inq.38_2019_did_f2
39	porcufort2_inq.39_2019_ef_f2	porcufort2_inq.39_2019_ef_f2
40	porcufort2_inq.40_2019_ef_f1	porcufort2_inq.40_2019_ef_f1
41	porcufort2_inq.41_2019_ef_m1	porcufort2_inq.41_2019_ef_m1
42	porcufort2_inq.42_2019_ef_m2	porcufort2_inq.42_2019_ef_m2
43	porcufort2_inq.43_2019_did_f3	porcufort2_inq.43_2019_did_f3
44	porcufort2_inq.44_2019_ef_f1	porcufort2_inq.44_2019_ef_f1
45	porcufort2_inq.45_2019_did_f2	porcufort2_inq.45_2019_did_f2
46	porcufort2_inq.46_2019_ef_f1	porcufort2_inq.46_2019_ef_f1
47	porcufort2_inq.47_2019_ef_f1	porcufort2_inq.47_2019_ef_f1
48	porcufort2_inq.48_2019_did_m2	porcufort2_inq.48_2019_did_m2
49	porcufort2_inq.49_2019_did_f3	porcufort2_inq.49_2019_did_f3
50	porcufort2_inq.50_2019_did_m3	porcufort2_inq.50_2019_did_m3
51	porcufort2_inq.51_2019_d2_f1f3	porcufort2_inq.51_2019_d2_f1f3.1
		porcufort2_inq.51_2019_d2_f1f3.2

Número do Inquérito	Nome do arquivo de áudio e de transcrição	Nome dos arquivos das fichas dos informantes
52	porcufort2_inq.52_2019_did_f2	porcufort2_inq.52_2019_did_f2
53	porcufort2_inq.53_2019_ef_f3	porcufort2_inq.53_2019_ef_f3
54	porcufort2_inq.54_2019_ef_m2	porcufort2_inq.54_2019_ef_m2
55	porcufort2_inq.55_2019_d2_f2f2	porcufort2_inq.55_2019_d2_f2f2.1
		porcufort2_inq.55_2019_d2_f2f2.2
56	porcufort2_inq.56_2019_d2_f2m3	porcufort2_inq.56_2019_d2_f2m3.1
		porcufort2_inq.56_2019_d2_f2m3.2
57	porcufort2_inq.57_2019_d2_m2f1	porcufort2_inq.57_2019_d2_m2f1.1
		porcufort2_inq.57_2019_d2_m2f1.2
58	porcufort2_inq.58_2019_did_m2	porcufort2_inq.58_2019_did_m2
59	porcufort2_inq.59_2019_did_m2	porcufort2_inq.59_2019_did_m2
60	porcufort2_inq.60_2019_did_m3	porcufort2_inq.60_2019_did_m3
61	porcufort2_inq.61_2019_did_m3	porcufort2_inq.61_2019_did_m3
62	porcufort2_inq.62_2019_d2_m3m3	porcufort2_inq.62_2019_d2_m3m3.1
		porcufort2_inq.62_2019_d2_m3m3.2
63	porcufort2_inq.63_2019_ef_f3	porcufort2_inq.63_2019_ef_f3
64	porcufort2_inq.64_2019_did_f3	porcufort2_inq.64_2019_did_f3
65	porcufort2_inq.65_2019_d2_f2f2	porcufort2_inq.65_2019_d2_f2f2.1
		porcufort2_inq.65_2019_d2_f2f2.2
66	porcufort2_inq.66_2019_ef_m2	porcufort2_inq.66_2019_ef_m2
67	porcufort2_inq.67_2019_ef_m3	porcufort2_inq.67_2019_ef_m3
68	porcufort2_inq.68_2019_ef_f2	porcufort2_inq.68_2019_ef_f2
69	porcufort2_inq.69_2019_ef_m3	porcufort2_inq.69_2019_ef_m3
70	porcufort2_inq.70_2019_did_f1	porcufort2_inq.70_2019_did_f1
71	porcufort2_inq.71_2019_did_m3	porcufort2_inq.71_2019_did_m3
72	porcufort2_inq.72_2019_did_m3	porcufort2_inq.72_2019_did_m3
73	porcufort2_inq.73_2019_did_m3	porcufort2_inq.73_2019_did_m3
74	porcufort2_inq.74_2019_ef_m2	porcufort2_inq.74_2019_ef_m2
75	porcufort2_inq.75_2019_did_m2	porcufort2_inq.75_2019_did_m2

Número do Inquérito	Nome do arquivo de áudio e de transcrição	Nome dos arquivos das fichas dos informantes
76	porcufort2_inq.76_2019_d2_m2m2	porcufort2_inq.76_2019_d2_m2m2.1
		porcufort2_inq.76_2019_d2_m2m2.2
77	porcufort2_inq.77_2019_d2_m3m1	porcufort2_inq.77_2019_d2_m3m1.1
		porcufort2_inq.77_2019_d2_m3m1.2
78	porcufort2_inq.78_2019_ef_f2	porcufort2_inq.78_2019_ef_f2
79	porcufort2_inq.79_2019_ef_f2	porcufort2_inq.79_2019_ef_f2
80	porcufort2_inq.80_2019_d2_f3m3	porcufort2_inq.80_2019_d2_f3m3.1
		porcufort2_inq.80_2019_d2_f3m3.2
81	porcufort2_inq.81_2019_ef_m3	porcufort2_inq.81_2019_ef_m3
82	porcufort2_inq.82_2019_ef_f2	porcufort2_inq.82_2019_ef_f2
83	porcufort2_inq.83_2019_d2_m1m2	porcufort2_inq.83_2019_d2_m1m2.1
		porcufort2_inq.83_2019_d2_m1m2.2
84	porcufort2_inq.84_2020_ef_m3	porcufort2_inq.84_2020_ef_m3
85	porcufort2_inq.85_2020_d2_m1f3	porcufort2_inq.85_2020_d2_m1f3.1
		porcufort2_inq.85_2020_d2_m1f3.2
86	porcufort2_inq.86_2020_d2_f3f3	porcufort2_inq.86_2020_d2_f3f3.1
		porcufort2_inq.86_2020_d2_f3f3.2
87	porcufort2_inq.87_2020_ef_m3	porcufort2_inq.87_2020_ef_m3
88	porcufort2_inq.88_2022_ef_f3	porcufort2_inq.88_2022_ef_f3
89	porcufort2_inq.89_2022_ef_f3	porcufort2_inq.89_2022_ef_f3

O total de horas de gravação da Fase II do PORCUFORT é de 85 horas, 31 minutos e 46 segundos. Vejamos no Gráfico 29 a distribuição de horas entre os registros do banco de dados.

Gráfico 29 – Horas das gravações do PORCUFORT Fase II



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

O Gráfico 29 ilustra a distribuição do tempo em horas gravadas no *corpus* do PORCUFORT. Além dos totais apresentados visualizamos que o maior tempo de gravação de fala de fortalezenses graduados é a entrevista, com 42,8% (37h25min58s) do tempo total de horas gravadas, seguindo da elocução formal, com 37% (32h19min46s) das horas de fala altamente monitorada e, em terceiro, os diálogos com 20,2% (17h40min01s) das horas de fala menos monitorada.

O leitor pode se questionar porque os D2 apresentam o menor tempo de fala do *database*. O motivo dessa redução é que a quantidade de inquéritos D2 é bem menor que a quantidade dos demais registros, pois em um único inquérito, obtemos a fala de duas pessoas em um diálogo, dessa maneira, não se faz necessário uma grande quantidade de gravações, tendo em vista em uma gravação obtemos a fala de dois indivíduos.

Acreditamos que trouxemos ao leitor todas as características do banco de dados PORCUFORT Fase II, desde a sua constituição até o detalhamento de seus dados. Por fim, apresentamos os Quadros 16 e 17 que constituem a tabela geral de metadados do PORCUFORT Fase II, no qual apresentamos todas as características dos informantes.

Quadro 16 – Metadados do PORCUFORT Fase II

Inq.	Data de gravação	Formação acadêmica	Graduação pública/particular	Especialização	Mestrado	Doutorado	Profissão	Sexo
1	13/04/2018	Bacharelado em Administração	Particular	-	-	-	Administradora	Feminino
2	25/04/2018	Bacharelado em Química	Pública	-	-	-	Química	Feminino
		Licenciatura em História	Particular	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
3	28/04/2018	Bacharelado em Economia	Pública	2	-	-	Economista	Masculino
4	04/05/2018	Bacharelado em Ciências Contábeis	Particular	1	-	-	Contadora	Feminino
5	12/05/2018	Bacharelado em Administração	Particular	1	-	-	Administrador	Masculino
		Bacharelado em Engenharia Civil	Particular	and.	-	-	Engenheira Civil	Feminino
6	18/05/2018	Bacharelado em Nutrição	Pública	1	1	-	Nutricionista e Professor Ensino Superior	Masculino
7	19/05/2018	Bacharelado em Administração	Particular	1	-	-	Administradora	Feminino
8	20/05/2018	Bacharelado em Psicologia	Particular	1	-	-	Psicólogo	Masculino
		Bacharelado em Administração	Particular	-	-	-	Assessora Financeira	Feminino
9	03/06/2018	Licenciatura em Pedagogia	Particular	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
		Bacharelado em Direito	Particular	-	-	-	Funcionária/Servidora Pública Estadual TJCE	Feminino
10	03/06/2018	Bacharelado em Agronomia	Pública	1	-	-	Engenheiro Agrônomo	Masculino
		Licenciatura em Pedagogia	Particular	1	-	-	Pedagoga	Feminino
11	05/06/2018	Bacharelado em Fonoaudiologia	Particular	-	-	-	Fonoaudióloga	Feminino
		Bacharelado em Arquitetura	Pública	-	-	-	Arquiteto	Masculino
12	11/06/2018	Bacharelado em Serviço Social	Particular	-	-	-	Costureira	Feminino
13	14/06/2018	Bacharelado em Agronomia e Ciências Biológicas	Pública	-	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
14	15/06/2018	Licenciatura em História	Pública	1	1	and.	Professor de Ensino Básico	Masculino
15	11/10/2018	Bacharelado em Ciências Contábeis	Pública	-	1	-	Contador e Professor Ensino Superior	Masculino
16	14/10/2018	Licenciatura em Educação Física	Particular	-	-	-	Educador Físico e Personal Trainer	Masculino
17	18/10/2018	Bacharelado em Psicologia	Pública	2	1	1	Professora de Ensino Superior	Feminino
18	19/10/2018	Bacharelado em Direito	Particular	1	1	-	Professora de Ensino Superior/Advogada	Feminino
19	20/10/2018	Bacharelado em Administração	Particular	1	-	-	Administrador	Masculino
20	31/10/2018	Licenciatura em Filosofia	Pública	-	1	-	Professor Ensino Superior	Masculino
21	08/11/2018	Bacharelado em Ciências Sociais	Pública	-	1	1	Professor Ensino Superior	Masculino
22	08/11/2018	Licenciatura em Matemática	Pública	-	1	and.	Professor Ensino Superior	Masculino

Inq.	Data de gravação	Formação acadêmica	Gradação pública/particular	Especialização	Mestrado	Doutorado	Profissão	Sexo
23	09/11/2018	Bacharelado em Filosofia	Pública	-	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
24	10/11/2018	Licenciatura em Pedagogia	Particular	-	-	-	Professora de Ensino Infantil	Feminino
25	11/11/2018	Bacharelado em Ciências Contábeis	Particular	-	-	-	Contadora	Feminino
26	13/11/2018	Bacharelado em Ciências Ambientais	Pública	-	-	-	Ambientalista	Feminino
27	14/11/2018	Licenciatura em Ciências Sociais	Pública	-	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
28	17/11/2018	Bacharelado em Serviço Social	Pública	2 (1 em and.)	-	-	Secretária Escolar	Feminino
29	19/11/2018	Bacharelado em Pedagogia	Pública	1	-	-	Supervisora Escolar	Feminino
30	19/11/2018	Licenciatura em Filosofia	Pública	-	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
31	21/11/2018	Bacharelado em Filosofia Bacharelado em Psicologia (and.)	Pública e Particular (and.)	3 (1 em and.)	1	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
32	25/11/2018	Licenciatura em Ciências Religiosas e Licenciatura em Ciências da Natureza	Particular e Pública	3	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
33	11/02/2019	Licenciatura em Pedagogia	Particular	1	-	-	Funcionário/Servidor Público	Masculino
34	22/03/2019	Bacharelado em Serviço Social	Pública	1	-	-	Funcionária/Servidora Pública	Feminino
35	30/03/2019	Licenciatura em Educação Física	Particular	-	-	-	Professor de Academia	Masculino
36	01/04/2019	Licenciatura em Química	Pública	1	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
37	06/04/2019	Licenciatura em Educação Física	Pública	1	-	-	Personal Trainer	Masculino
38	09/04/2019	Licenciatura em Pedagogia	Particular	1	-	-	Diretora Escolar	Feminino
39	10/04/2019	Bacharelado em Direito	Particular	1	1	1	Professora de Ensino Superior	Feminino
40	13/04/2019	Licenciatura em História	Pública	-	1	-	Professora de Ensino Básico/Gestora	Feminino
41	16/04/2019	Bacharelado em Engenharia Civil	Pública	-	1	and.	Professor de Ensino Superior	Masculino
42	16/04/2019	Bacharelado em Psicologia e Administração de Empresas	Particular e Pública	-	1	-	Professor de Ensino Superior e Psicólogo	Masculino
43	17/04/2019	Licenciatura em Pedagogia	Particular	-	-	-	Aposentada	Feminino
44	17/04/2019	Bacharelado em Comunicação Social	Pública	1	1	-	Professora de Ensino Superior	Feminino
45	18/04/2019	Bacharelado em Pedagogia	Pública	-	-	-	Microempresária	Feminino
46	22/04/2019	Licenciatura em Filosofia	Pública	1	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
47	22/04/2019	Licenciatura e Bacharelado em Geografia Bacharelado em Comunicação com habilidade em Publicidade e Propaganda	Pública e Particular	1	1	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
48	24/04/2019	Licenciatura em História	Pública	-	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
49	24/04/2019	Bacharelado em Enfermagem	Particular	-	-	-	Aposentada	Feminino
50	29/04/2019	Bacharelado em Administração de Empresas	Particular	2	-	-	Consultor de Empresas	Masculino

Inq.	Data de gravação	Formação acadêmica	Graduação pública/particular	Especialização	Mestrado	Doutorado	Profissão	Sexo
51	29/04/2019	Bacharelado em Nutrição	Pública	-	1	and.	Nutricionista e Professora de Ensino Superior	Feminino
		Bacharelado em Pedagogia	Pública	1	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
52	29/04/2019	Bacharelado em Enfermagem	Particular	-	-	-	Enfermeira	Feminino
53	30/04/2019	Bacharelado em Nutrição e Economia Doméstica	Pública e Pública	-	1	-	Professora de Ensino Superior	Feminino
54	03/05/2019	Licenciatura em Pedagogia	Particular	1	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
55	04/05/2019	Licenciatura em Pedagogia	Particular	1	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
		Licenciatura em Pedagogia	Particular	1	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
56	05/05/2019	Licenciatura em Letras	Pública	-	1	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
		Bacharelado em Direito e Teologia	Particular e Particular (EaD)	-	-	-	Funcionário/Servidor Público e Radialista	Masculino
57	05/05/2019	Bacharelado em Engenharia Mecânica	Particular	-	-	-	Analista de Tecnologia de Informática	Masculino
		Bacharelado em Ciências Contábeis	Pública	-	1	-	Funcionária/Servidora Pública	Feminino
58	05/05/2019	Licenciatura em Educação Física	Particular	2	-	-	Professor de Academia	Masculino
59	06/05/2019	Bacharelado em Ciências Contábeis	Particular	-	-	-	Contador	Masculino
60	07/05/2019	Bacharelado em Engenharia Mecânica	Pública	-	-	-	Engenheiro Mecânico	Masculino
61	07/05/2019	Bacharelado em Engenharia de Pesca e Engenharia em Segurança do Trabalho	Pública	1	-	-	Engenheiro de Pesca	Masculino
62	07/05/2019	Licenciatura em Letras	Pública	-	-	-	Aposentado	Masculino
		Bacharelado em Economia Doméstica e Licenciatura em Matemática	Pública	-	-	-	Perito Criminalista	Masculino
63	08/05/2019	Licenciatura em Pedagogia com Habilitação em Biologia	Pública	1	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
64	09/05/2019	Bacharelado em Direito	Pública	-	-	-	Aposentada	Feminino
65	09/05/2019	Licenciatura em Pedagogia	Particular	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
		Bacharelado em Administração	Particular	-	-	-	Administradora	Feminino
66	09/05/2019	Bacharelado em Direito	Particular	1	-	-	Professor de Ensino Superior e Procurador	Masculino
67	14/05/2019	Licenciatura em Química	Pública	1	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
68	15/05/2019	Bacharelado em Engenharia Civil	Pública	-	1	-	Engenheira Civil e Professora de Ensino Superior	Feminino
69	16/05/2019	Bacharelado em Direito	Pública	-	-	-	Professor de Cursinho/ Escrivão de Polícia aposentado(a)	Masculino
70	30/08/2019	Bacharelado em Enfermagem	Particular	-	-	-	Do lar/Enfermeiro(a)	Feminino
71	05/09/2019	Bacharelado em Comunicação Social	Pública	-	-	-	Servidor Público	Masculino

Inq.	Data de gravação	Formação acadêmica	Graduação pública/particular	Especialização	Mestrado	Doutorado	Profissão	Sexo
72	05/09/2019	Bacharelado em Engenharia Civil	Particular	-	1	-	Engenheiro Civil	Masculino
73	08/09/2019	Bacharelado em Agronomia	Pública	-	-	-	Engenheiro Agrônomo Aposentado	Masculino
74	13/09/2019	Licenciatura em Pedagogia	Particular	1	-	-	Assessor Técnico, Professor de Ensino Superior e Pregador	Masculino
75	23/09/2019	Bacharelado em Medicina Veterinária	Pública	and.	1	1	Médico Veterinário e Professor de Ensino Superior	Masculino
76	24/09/2019	Bacharelado em Ciências Contábeis e Bacharelado em Direito	Pública e Particular	-	-	-	Servidor Público Estadual	Masculino
		Bacharelado em Direito	Particular	1	-	-	Oficial de Justiça	Masculino
77	06/10/2019	Bacharelado em Medicina	Pública	2	-	-	Médico	Masculino
		Bacharelado em Engenharia Civil	Particular	-	-	-	Engenheiro Civil e Professor Particular	Masculino
78	09/10/2019	Bacharelado em Psicologia	Particular	-	-	-	Psicóloga	Feminino
79	16/10/2019	Licenciatura em Filosofia	Pública	-	1	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
80	17/10/2019	Bacharelado em Administração	Pública	1	-	-	Servidor Público	Feminino
		Bacharelado em Direito	Pública	-	1	-	Advogado, Promotor, Professor de Ensino Superior aposentado	Masculino
81	18/10/2019	Licenciatura em Pedagogia	Particular e Particular	1	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
82	21/10/2019	Licenciatura em Geografia	Pública	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
83	21/10/2019	Licenciatura em Educação Física	Pública	2	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
		Licenciatura em Matemática	Pública	1	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
84	28/02/2020	Licenciatura e Bacharelado em Filosofia	Pública	1	-	-	Professor de Ensino Básico	Masculino
85	04/03/2020	Bacharelado em Administração	Particular	-	-	-	Administrador/desempregado	Masculino
		Licenciatura em Letras	Pública	-	-	-	Professora de Idiomas	Feminino
86	08/03/2020	Licenciatura em Pedagogia	Particular	2	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
		Licenciatura em Pedagogia	Particular	-	-	-	Professora de Ensino Básico	Feminino
87	11/03/2019	Bacharelado em Engenharia Civil	Particular	1	1	1	Professor de Ensino Básico e Engenheiro Civil	Masculino
88	19/01/2022	Bacharelado em Pedagogia e em Teologia	Pública e Particular	1	-	-	Professora de Ensino Básico e Pastora	Feminino
89	15/02/2022	Licenciatura em Química	Pública	1	1	-	Professora de Ensino Básico	Feminino

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Quadro 17 – Continuação do Detalhamento dos inquéritos do PORCUFORT Fase II

Inq.	Idade	Faixa etária	Relação (D2)	Naturalidade pai	Naturalidade mãe	Sentimento pela cidade	Bairro de Residência	Regional	Registro	Duração do Inquérito
1	35	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Edson Queiroz	SER 7	DID	1:06:41
2	26	Faixa 1	Amigas	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Barra do Ceará	SER 1	D2	1:25:03
	26	Faixa 1		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Pirambu	SER 11		
3	26	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Mondumbim	SER 10	DID	1:08:27
4	31	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Jardim das Oliveiras	SER 6	DID	0:55:14
5	38	Faixa 2	Amigos	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Conjunto Ceará	SER 7	D2	0:53:30
	23	Faixa 1		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Conjunto Ceará	SER 7		
6	30	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Meireles	SER 2	EF	1:20:40
7	24	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Quintino Cunha	SER 3	DID	0:58:53
8	27	Faixa 1	Amigos	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Granja Lisboa	SER 5	D2	1:00:59
	30	Faixa 1		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Jardim Iracema	SER 1		
9	62	Faixa 3	Irmãs	Sobral-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Serrinha	SER 8	D2	1:02:19
	60	Faixa 3		Sobral-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Serrinha	SER 8		
10	60	Faixa 3	Cônjuges	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Maraponga	SER 10	D2	1:01:30
	55	Faixa 2		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Maraponga	SER 10		
11	37	Faixa 2	Irmãos	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Parquelândia	SER 3	D2	1:02:13
	51	Faixa 2		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Parquelândia	SER 3		
12	27	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Antônio Bezerra	SER 3	DID	0:50:42
13	59	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Monte Castelo	SER 3	DID	1:14:42
14	29	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Parangaba	SER 4	DID	0:50:05
15	43	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Aldeota	SER 2	EF	0:43:16
16	38	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Jardim Cearense	SER 10	DID	1:09:53
17	46	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Jacarecanga	SER 1	EF	0:40:23
18	33	Faixa 1	-	Aracati-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Maraponga	SER 10	EF	0:44:14
19	27	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Paupina	SER 6	DID	0:57:07
20	28	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	São João do Tauape	SER 2	EF	1:07:25
21	39	Faixa 2	-	Quixadá-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Alto da Balança	SER 6	EF	0:51:30
22	22	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Presidente Kennedy	SER 3	DID	0:50:53

Inq.	Idade	Faixa etária	Relação (D2)	Naturalidade pai	Naturalidade mãe	Sentimento pela cidade	Bairro de Residência	Regional	Registro	Duração do Inquérito
23	32	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Neutro	Aldeota	SER 2	DID	0:40:03
24	63	Faixa 3	-	Pacoti-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Jardim América	SER 4	DID	1:28:20
25	52	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Parangaba	SER 4	DID	1:06:18
26	23	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Messejana	SER 6	DID	1:04:45
27	24	Faixa 1	-	Itapipoca-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Henrique Jorge	SER 11	EF	0:34:01
28	44	Faixa 2	-	Palmácia-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Parangaba	SER 4	DID	0:57:08
29	62	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Montese	SER 4	DID	0:49:30
30	33	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Demócrito Rocha	SER 11	EF	0:45:11
31	30	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Negativo	Monte Castelo	SER 3	EF	0:33:21
32	53	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Neutro	Henrique Jorge	SER 11	DID	1:24:28
33	58	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Parquelândia	SER 3	EF	1:17:12
34	61	Faixa 3	-	São Gonçalo do Amarante-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Quintino Cunha	SER 3	DID	1:02:40
35	25	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Carlito Pamplona	SER 1	DID	0:52:05
36	35	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Carlito Pamplona	SER 1	EF	0:53:30
37	36	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Meireles	SER 2	DID	1:07:00
38	42	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Granja Portugal	SER 5	DID	0:59:19
39	36	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Neutro	Curió	SER 6	EF	1:04:59
40	34	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Jacarecanga	SER 1	EF	1:19:53
41	34	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Neutro	Bela Vista	SER 11	EF	1:26:37
42	44	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Negativo	Papicu	SER 2	EF	1:02:24
43	63	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Carlito Pamplona	SER 1	DID	0:55:19
44	32	Faixa 1	-	Juazeiro do Norte-CE	Aracati-CE	Positivo	Passaré	SER 8	EF	0:51:37
45	50	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Pedras	SER 9	DID	1:01:17
46	33	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Benfica	SER 4	EF	0:44:07
47	33	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Jardim Guanabara	SER 1	EF	1:25:13
48	36	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Antônio Bezerra	SER 3	DID	1:03:39
49	76	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Mucuripe	SER 2	DID	1:03:32
50	56	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Guararapes	SER 7	DID	1:13:40

Inq.	Idade	Faixa etária	Relação (D2)	Naturalidade pai	Naturalidade mãe	Sentimento pela cidade	Bairro de Residência	Regional	Registro	Duração do Inquérito
51	31	Faixa 1	Filha e mãe	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Vila União	SER 4	D2	0:50:16
	67	Faixa 3		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Vila União	SER 4		
52	42	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Montese	SER 4	DID	0:58:40
53	61	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Cocó	SER 7	EF	0:46:01
54	36	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Granja Portugal	SER 5	EF	0:52:07
55	46	Faixa 2	Irmãs	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Vila Ellery	SER 3	D2	1:05:20
	49	Faixa 2		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Farias Brito	SER 3		
56	50	Faixa 2	Irmãos	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Salinas	SER 7	D2	0:58:37
	63	Faixa 3		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Salinas	SER 7		
57	36	Faixa 2	Irmãos	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Edson Queiroz	SER 7	D2	0:50:18
	35	Faixa 1		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Vila União	SER 4		
58	41	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Serrinha	SER 8	DID	1:03:20
59	48	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Bela Vista	SER 11	DID	1:08:59
60	63	Faixa 3	-	Acopiara-CE	Iguatu-CE	Negativo	Parreão	SER 4	DID	0:46:22
61	63	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Desconhecida	Positivo	Fátima	SER 4	DID	1:17:39
62	60	Faixa 3	Irmãos	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Farias Brito	SER 3	D2	0:48:01
	59	Faixa 3		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Farias Brito	SER 3		
63	61	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Luciano Cavalcante	SER 6	EF	0:42:01
64	65	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Parangaba	SER 4	DID	0:52:50
65	49	Faixa 2	Irmãs	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Messejana	SER 6	D2	1:02:07
	48	Faixa 2		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Messejana	SER 6		
66	49	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Cambeba	SER 6	EF	0:52:47
67	62	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	José de Alencar	SER 6	EF	0:44:56
68	45	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Aldeota	SER 2	EF	1:16:23
69	58	Faixa 3	-	Paracuru-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Presidente Kennedy	SER 3	EF	1:18:17
70	25	Faixa 1	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Mondumbim	SER 10	DID	1:05:25
71	72	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Meireles	SER 2	DID	0:46:41
72	63	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Quixadá-CE	Negativo	Aldeota	SER 2	DID	0:45:43
73	80	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Montese	SER 4	DID	0:57:13
74	36	Faixa 2	-	Mombaça-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Bela Vista	SER 11	EF	1:07:53

Inq.	Idade	Faixa etária	Relação (D2)	Naturalidade pai	Naturalidade mãe	Sentimento pela cidade	Bairro de Residência	Regional	Registro	Duração do Inquérito
75	42	Faixa 2	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Jardim América	SER 4	DID	0:51:26
76	39	Faixa 2	Amigos	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Guararapes	SER 7	D2	1:10:32
	38	Faixa 2		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Centro	SER 12		
77	57	Faixa 3	Pai e filho	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Parquelândia	SER 3	D2	0:45:12
	23	Faixa 1		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Parquelândia	SER 3		
78	43	Faixa 2	-	Aracoiaba-CE	Cascavel-CE	Positivo	Panamericano	SER 11	EF	1:08:41
79	36	Faixa 2	-	Crateús-CE	Crateús-CE	Positivo	Conjunto Ceará	SER 7	EF	0:38:37
80	68	Faixa 3	Cunhados	Crateús-CE	Crateús-CE	Positivo	Aldeota	SER 2	D2	0:57:20
	77	Faixa 3		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Aldeota	SER 2		
81	58	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Praia de Iracema	SER 12	EF	1:10:56
82	44	Faixa 2	-	Maranguape-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Jóquei Clube	SER 2	EF	0:51:30
83	34	Faixa 1	Amigos	Jaguaripe-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Monte Castelo	SER 3	D2	0:51:45
	39	Faixa 2		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	São João do Tauape	SER 2		
84	57	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Neutro	Conjunto Ceará	SER 7	EF	0:46:06
85	25	Faixa 1	Sobrinho e tia	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Negativo	Parangaba	SER 4	D2	0:51:46
	56	Faixa 3		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Parangaba	SER 4		
86	58	Faixa 3	Irmãs	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Parquelândia	SER 3	D2	1:03:13
	57	Faixa 3		Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Parquelândia	SER 3		
87	63	Faixa 3	-	Pindoretama-CE	Pindoretama-CE	Positivo	Fátima	SER 4	EF	0:43:59
88	56	Faixa 3	-	Morada Nova-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Presidente Kennedy	SER 3	EF	0:48:48
89	59	Faixa 3	-	Fortaleza-CE	Fortaleza-CE	Positivo	Fátima	SER 4	EF	1:05:11

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Por fim, finalizamos o detalhamento do PORCUFORT Fase II. A seguir, apresentamos nossas considerações finais cientes de que essa grande empreitada só foi possível graças a idealização dos professores coordenadores, dos documentadores, transcrições e revisores voluntários do curso de Letras da UECE e a inestimável e fundamental contribuição de cada informante para a sociolinguística e para a ciência brasileira.

An aerial photograph of a desert landscape, likely the Porcu Fort site. The image shows rolling sand dunes in shades of orange and red. Several palm trees are scattered across the dunes. The overall scene is captured from a high angle, showing the undulating terrain and the sparse vegetation.

4

**Sugestões
de amostras
do PORCUFORT
Fase I e Fase II
para pesquisas
em tempo aparente
e em tempo real**

Uma das etapas da pesquisa sociolinguística é a constituição da amostra de dados de fala que será utilizada pelo pesquisador. Esse momento acontece a partir de algumas decisões de pesquisa, que podem ser: após o fenômeno escolhido para ser estudado ou após a comunidade escolhida para ser estudada. Além disso, em virtude do fenômeno selecionado para estudo, o pesquisador poderá optar por selecionar amostras com 2 informantes por célula ou 4 informantes por célula, a exemplo, de fenômenos fonético-fonológicos ou sintáticos, respectivamente.

O banco de dados, em suas duas fases, possui algumas características sociais que perpassam as mais conhecidas, como sexo e faixa etária, grau de formalidade do registro, escolarização após a graduação e sentimento pela cidade. A depender das hipóteses e objetivos do pesquisador, esses dados podem ser relevantes ou mesmo base de sua amostra.

Posto isso, para auxiliar o pesquisador menos experiente, trazemos algumas sugestões de amostras para análises tanto em tempo aparente, como em tempo real baseadas na estratificação em sexo, faixa etária e tipo de registro.

Vejamos, portanto, no Quadro 18 uma primeira sugestão de duas amostras da Fase I e Fase II, de inquéritos tipo DID com 4 informantes por célula, 2 sexos e 3 faixas etárias, que somatiza um total de 47 perfis sociolinguísticos, pois a Fase I só contém 3 informantes com o perfil DIDF3.

Quadro 18 – Amostra DID tempo aparente e tempo real 4 informantes por célula

Faixa etária	Fase I		Fase II	
	SEXO			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
I (22 a 35 anos)	4	4	4	4
II (36 a 55 anos)	4	4	4	4
III (56 anos acima)	4	3	4	4
Total	12	11	12	12
	47			

Fonte: elaboração própria, 2021.

Mais detalhadamente, o Quadro 19 nos mostra quais inquéritos se enquadram nesses perfis e a idade desses informantes.

Quadro 19 – Inquéritos amostra DID tempo aparente e tempo real 4 informantes por célula

Faixa etária	Fase I		Fase II	
	SEXO			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
I (22 a 35 anos)	Inq. 01 (27 anos)	Inq. 06 (25 anos)	Inq. 03 (26 anos)	Inq. 04 (31 anos)
	Inq. 21 (25 anos)	Inq. 20 (31 anos)	Inq. 14 (29 anos)	Inq. 07 (24 anos)
	Inq. 27 (30 anos)	Inq. 31 (25 anos)	Inq. 19 (27 anos)	Inq. 12 (27 anos)
	Inq. 29 (28 anos)	Inq. 106 (25 anos)	Inq. 22 (22 anos)	Inq. 26 (23 anos)
II (36 a 55 anos)	Inq. 05 (54 anos)	Inq. 09 (38 anos)	Inq. 16 (38 anos)	Inq. 25 (52 anos)
	Inq. 10 (45 anos)	Inq. 12 (41 anos)	Inq. 37 (36 anos)	Inq. 28 (44 anos)
	Inq. 42 (42 anos)	Inq. 32 (51 anos)	Inq. 48 (36 anos)	Inq. 32 (53 anos)
	Inq. 46 (48 anos)	Inq. 43 (53 anos)	Inq. 58 (41anos)	Inq. 38 (42 anos)
III (56 anos acima)	Inq. 22 (67 anos)	Inq. 13 (58 anos)	Inq. 13 (59 anos)	Inq. 24 (63 anos)
	Inq. 37 (54 anos)	Inq. 23 (61 anos)	Inq. 50 (56 anos)	Inq. 29 (62 anos)
	Inq. 44 (70 anos)	Inq. 24 (61 anos)	Inq. 60 (63 anos)	Inq. 34 (61 anos)
	Inq. 51 (63 anos)		Inq. 61 (63 anos)	Inq. 43 (63 anos)
Total	12	11	12	12
	23		24	

Fonte: elaboração própria, 2021.

Como podemos visualizar nos Quadros 18 e 19, as amostras trazidas aqui como exemplo são constituídas por 23 informantes da Fase I e 24 informantes da Fase II. Para análises em tempo aparente, o pesquisador se utiliza de uma dessas duas amostras, e em análises em tempo real, utiliza-se das duas amostras.

Dessa maneira, o pesquisador pode, ainda, redimensionar sua amostra incluindo ou diminuindo a quantidade de informantes ou readequando as faixas etárias. É importante, assim, que fique claro ao leitor o enquadramento desses inquéritos, por exemplo: na Fase I, o Inq. 01 trata-se de um inquérito tipo DID, um informante masculino, de faixa etária I com 27 anos de idade; na Fase II, o Inq. 03 trata-se de um inquérito tipo DID, um informante masculino, de faixa etária I com 26 anos de idade.

Outra informação importante, é que as numerações dos inquéritos foram realizadas por ordem cronológica de realização das gravações em cada Fase, ou seja, o Inq. 01 da Fase I, não tem qualquer relação com o Inq. 01 da Fase II.

Além das amostras que podem ser possíveis com inquéritos do tipo DID, também trazemos uma proposta de amostras para os tipos de inquéritos D2. Nestes, é importante salientar que cada inquérito possui dois informantes que conversam entre si, pois são pessoas que possuem um alto grau de intimidade, como irmãos, cônjuges, pais e filhos, amigos de longa data, etc. O Quadro 20 nos apresenta a quantidade de perfis e inquéritos de nossa amostra de exemplo, sendo composta por 3 informantes por célula social, totalizando 36 falantes.

Quadro 20 – Amostra D2 tempo aparente e tempo real 3 informantes por célula

Faixa etária	Fase I		Fase II	
	SEXO			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
I (22 a 35 anos)	3	3	3	3
II (36 a 53 anos)	3	3	3	3
III (54 anos acima)	3	3	3	3
Total	9	9	9	9
	18		18	

Fonte: elaboração própria, 2021.

Imaginemos, duas situações: o inquérito 11 da amostra Fase I e o inquérito 02 da amostra Fase II. O inquérito D2 11 da fase I é constituído por um diálogo entre pai e filho. O que denomina quem é o informante 1 ou o 2 é a ordem de fala na gravação do inquérito, dessa forma, o falante 11.1 é um homem de 33 anos e o falante 11.2 é um outro homem, mas de 70 anos de idade, sendo o primeiro filho do segundo, ou seja, temos filho e pai.

O inquérito D2 02 da Fase II se trata de duas mulheres com idade dentro da faixa etária 1, ambas têm 26 anos de idade, e com alto grau de intimidade: são amigas de longa data. No Quadro 21, vemos que o inquérito é apresentado como 02.1 e 02.2, o que nos diz que as duas informantes estão dentro do mesmo perfil social e, coincidentemente, possuem a mesma idade; assim, a diferenciação entre elas será feita na transcrição do inquérito quando da abreviação do turno de fala: Inf. 1 e Inf. 2, ou seja, fala da informante 1 e fala da informante 2, como no excerto a seguir.

Inf. 1 — TTodo dia de manhã

Inf. 2 — todo dia de manhã

Inf. 1 — eu trabalho segunda...
é:: quinta e sexta... de sete até as doze
e meia... [entendeu? aí

Inf. 2 — e é quais turmas?

Inf. 1 — do oitavo até o terceiro ano

Inf. 2 — eita bichinha

Inf. 1 — é... mas é só uma turma de cada... é assim [dar entorno de...

Inf. 2 —

é duas aulas
em cada?

No caso de o pesquisador se utilizar apenas dos dados de fala do informante D2 02.1, ele levará em consideração apenas a fala dos parágrafos que contém o turno de fala iniciado pela abreviação Inf. 1.

O Quadro 21 nos possibilita compreender melhor essa distribuição dos informantes por célula social.

Quadro 21 – Inquéritos amostra D2 tempo aparente e tempo real 3 informantes por célula

Faixa etária	Fase I		Fase II	
	SEXO			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
I (22 a 35 anos)	11.1 (33 anos)	07.1 (26 anos)	08.1 (27 anos)	08.2 (30 anos)
	34.2 (25 anos)	16.2 (30 anos)	85.1 (25 anos)	02.1 (26 anos)
	47.1 (27 anos)	30.2 (31 anos)	83.1 (34 anos)	02.2 (26 anos)
II (36 a 55 anos)	30.1 (40 anos)	07.2 (47 anos)	05.1 (38 anos)	11.1 (37 anos)
	34.1 (41 anos)	16.1 (37 anos)	76.1 (39 anos)	57.2 (35 anos)
	45.2 (50 anos)	26.2 (33 anos)	83.2 (38 anos)	56.1 (50 anos)
III (56 anos acima)	11.2 (70 anos)	33.1 (69 anos)	10.1 (60 anos)	10.2 (55 anos)
	45.1 (52 anos)	39.1 (66 anos)	80.2 (77 anos)	80.1 (68 anos)
	47.2 (64 anos)	39.2 (62 anos)	56.2 (63 anos)	85.2 (57 anos)
Total	9	9	9	9
	18		18	

Fonte: elaboração própria, 2021.

Como falamos anteriormente, o inquérito D2 11 da Fase I é composto por dois homens que se encaixam em perfis sociais diferentes: o informante 1 está no perfil D2M1 (D2, masculino, faixa etária I) e o informante 2 está no perfil D2M3 (D2, masculino, faixa etária III); já o D2 02 possui suas duas informantes na mesma célula social: D2F1 (D2, feminino, faixa etária I).

Também podemos encontrar outra configuração social nestes tipos de inquérito, como por exemplo, o inquérito D2 85 da Fase II. Nele, o informante 85.1 trata-se de um homem, de 25 anos de idade, célula

social D2M1, enquanto que o informante 85.2 se trata de uma mulher, com 57 anos de idade, célula social D2F3, possuindo uma relação como sobrinho e tia, pois o sobrinho inicia a fala na gravação do inquérito.

Dessa maneira, ao selecionarmos os inquéritos das amostras D2, selecionamos os inquéritos da amostra pelo perfil social de cada informante, pois o perfil do inquérito não coincide com o perfil de seus informantes, como acontece nos tipos de registro DID e EF. Como podemos visualizar no Quadro 19, a célula social D2M2 da Fase I é composta de 3 homens com 3 idades distintas e oriundos de 3 inquéritos distintos: Inq. 30, Inq. 34 e Inq. 45, enquanto que a célula social D2F3 também da Fase I é composta de 3 mulheres com 3 idades distintas e oriundos de apenas 2 inquéritos: Inq. 33 e Inq. 39, pois o inquérito 39 é composto por dois informantes com a mesma característica social.

Assim, a amostra apresentada nos Quadros 20 e 21 é composta por 36 informantes, mas apenas 21 inquéritos. Vejamos os inquéritos utilizados na amostra D2 no Quadro 22:

Quadro 22 – Inquéritos D2 utilizados na amostra exemplo

Mostra	Inquéritos D2	Total
Fase I	07, 11, 16, 26, 30, 33, 34, 39, 45, 47	10 inquéritos
Fase II	02, 05, 08, 10, 11, 56, 57, 76, 80, 83, 85	11 inquéritos

Fonte: elaboração própria, 2021.

Como vemos, nos tipos de registro D2, os números dos inquéritos não representam apenas um falante específico, mas uma dupla, que pode ser composta por duas pessoas de mesmo sexo ou não, de mesma faixa etária ou não e, ainda, pode ser composta por pessoas de relações simétricas ou assimétricas, como irmãos e amigos ou como pais e filhos, tios e sobrinhos. O Quadro 22 mostra que, do exemplo apresentado, com 18 informantes da Fase I e 18 informantes da Fase II, nos utilizamos apenas de 10 gravações da Fase I e 11 gravações

da Fase II, ou seja, nesta amostra de exemplo, há inquéritos que o pesquisador se utilizaria de ambos os informantes e há inquéritos que o pesquisador se utilizaria apenas de um dos informantes.

Por último, não menos importante, também apresentamos ao leitor um exemplo de amostra dos tipos de registro EF, como podemos visualizar no Quadro 23, que nos traz uma amostra também composta por 36 informantes que corresponde ao mesmo quantitativo de inquéritos, similar ao que vimos nos inquéritos do tipo DID.

Quadro 23 – Amostra EF tempo aparente e tempo real 3 informantes por célula

Faixa etária	Fase I		Fase II	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
I (22 a 35 anos)	3	3	3	3
II (36 a 55 anos)	3	3	3	3
III (56 anos acima)	2	0	3	3
Total	8	6	9	9
	14		18	

Fonte: elaboração própria, 2021.

O Quadro 21 nos apresenta um exemplo de amostra de inquéritos EF composta por inquéritos da Fase I e Fase II, que nos possibilita, assim como as outras amostras já sugeridas, análises em tempo aparente e tempo real. Contudo, visualizamos que essa amostra é menos balanceada que as demais, pois contém uma célula vazia na Fase I, deixando a amostra com 14 informantes. Esse fato não pode ser modificado, pois, infelizmente, a amostra Fase I não possui nenhum informante com o perfil social EFF3, o que deixa qualquer amostra EF desbalanceada, porém, não deixa inviável qualquer pesquisa.

Isso posto, o Quadro 24 detalha os informantes dessa amostra de exemplo.

Quadro 24 – Inquéritos amostra EF tempo aparente e tempo real 3 informantes por célula

Faixa etária	Fase I		Fase II	
	SEXO			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
I (22 a 35 anos)	Inq. 17 (33 anos) Inq. 36 (24 anos) Inq. 54 (28 anos)	Inq. 25 (32 anos) Inq. 35 (30 anos) Inq. 38 (33 anos)	Inq. 06 (30 anos) Inq. 27 (24 anos) Inq. 30 (33 anos)	Inq. 18 (33 anos) Inq. 31 (30 anos) Inq. 40 (34 anos)
II (36 a 55 anos)	Inq. 19 (41 anos) Inq. 52 (39 anos) Inq. 03 (55 anos)	Inq. 18 (42 anos) Inq. 55 (45 anos) Inq. 56 (54 anos)	Inq. 42 (44 anos) Inq. 66 (49 anos) Inq. 74 (36 anos)	Inq. 17 (46 anos) Inq. 68 (45 anos) Inq. 82 (44 anos)
III (56 anos acima)	Inq. 14(114) (62 anos) Inq. 214 (56 anos)	---	Inq. 33 (58 anos) Inq. 67 (62 anos) Inq. 87 (63 anos)	Inq. 53 (61 anos) Inq. 63 (61 anos) Inq. 88 (56 anos)
Total	8	6	9	9
	14		18	

Fonte: elaboração própria, 2021.

Uma solução encontrada por pesquisadores, como nos estudos realizados em Viana (2018) e Almeida (2017), é a reorganização das faixas etárias, de modo que seja possível pelo menos um inquérito no perfil social EFF3. Nos estudos citados, as faixas etárias foram reorganizadas da forma que a terceira faixa etária iniciava com 50-51 anos de idade.

Esses exemplos aqui apresentados servem para guiar o pesquisador menos experiente e para ajudar os mais experientes a melhor selecionarem seus informantes. Há ainda outros inquéritos nas duas amostras que podem também ser selecionados, com base em outras características sociais, como disposto nos Quadros 7 e 8 para a Fase I e Quadros 16 e 17 para a Fase II.

Considerações Finais

Concluimos este trabalho que teve como objetivo apresentar os *corpora* de fala culta cearense até o presente momento, a saber: o Projeto Português Oral Culto de Fortaleza, o PORCUFORT Fase I e Fase II. Esses *database* foram constituídos para servirem como fonte para vários estudos linguísticos e de descrição da variedade culta fortalezense, tanto por instituições cearenses, como nacionais. Trouxemos, então, neste texto, uma investigação de cunho histórico e bibliográfico com o objetivo de trazer a público, tanto a história da constituição do PORCUFORT Fase I, e seu estágio atual, quanto todas as pesquisas realizadas até o momento, a partir dos dados oriundos desse banco de dados.

Ao final deste livro, fica-nos a alegria de sabermos o quão importante é, para os estudos sociolinguísticos e a formação de profissionais de nossa área, a constituição de *corpora* linguísticos em nosso país, que tem se mostrado um terreno fértil para as pesquisas de linguagem, haja vista sua dimensão territorial e variedades de diversas naturezas, que ainda nem foram exploradas.

Acreditamos que nosso trabalho venha a contribuir mais ainda, não somente com a linguística, com a divulgação desse banco de dados, mas para todos aqueles que desejem conhecer e estudar a variedade linguística e cultural fortalezense.

Essa publicação visa além de divulgação científica, agradecer imensamente todos os participantes da constituição desse banco de dados, que, hoje, somam 276 pessoas.

Aos 173 informantes, o nosso muito obrigado!

Obrigada, também, aos 96 voluntários em ambas as fases e aos 2 coordenadores que colocaram a mão na massa na busca de fortalezenses graduados, filhos de fortalezenses.

Referências

- ALMEIDA, B. K. M. de. **As realizações das vogais /E/ e /O/ pretônicas no falar culto de Fortaleza- CE sob a perspectiva variacionista**. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.
- AMORIM, R. F. de; RODRIGUES, F. J.; CUNHA, S. G. da. Gênero, diferenças e desigualdade na educação básica. *In*: CARLEIAL, A. N. (org.). **População, sociedade e desenvolvimento**. Fortaleza: EdUECE, 2004. p. 65–76.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ARAÚJO, A. M. M. O êxodo dos trabalhadores rurais para cidades à luz de Lefebvre. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 6, n. 119, ago. 2002. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/589>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- ARAÚJO, A. M. M.; CARLEIAL, A. N. O processo de metropolização em Fortaleza: uma interpretação pela imigração. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 5, n. 94, 2001. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/398>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- ARAÚJO, A. M. M.; CARLEIAL, A. N. Oportunidade e miséria nos bairros de Fortaleza (Ceará/Brasil). **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 7, n. 146, 2003. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/668>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- ARAÚJO, A. A. de. **A monotongação da Norma Culta de Fortaleza**. Fortaleza, 2000. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.
- ARAÚJO, A. A. de; ALVES DE ARAÚJO, A. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza Norpofor. Congresso Nacional De Linguística E Filologia. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: CiFeFil, 2011. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj>. Acesso em: 23 ago. 2021.

ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. D. S. O PROJETO DESCRIÇÃO DO PORTUGUÊS ORAL CULTO DE FORTALEZA-PORCUFORT: DAS ORIGENS AOS DIAS ATUAIS. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 8, p. 174–198, 2018. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/39#:~:text=O%20Projeto%20PORCUFORT%20est%C3%A1%20inserido,pessoas%20com%20n%C3%ADvel%20superior%20completo>). Acesso em: 30 jun. 2022.

BAGNO, M. Norma linguística e preconceito social: questões de terminologia. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, v. 5, p. 71–83, 2001. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap063.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.

BAGNO, M. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARRETO, F. A. F. D.; MANSO, C. A.; SALES, R. da S. **Caracterizando a Redução da Extrema Pobreza no Ceará - 2012 e 2013**: Uma análise comparativa com Brasil e Nordeste. Fortaleza: IPECE, 2014. Informe nº 81. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2012/12/lpece_Informe_81_02_dezembro_2014.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 510 CNS, de 24 de maio de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Brasília, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CARLEIAL, A. N.; GOSSON, A. População, desenvolvimento e políticas públicas. In: CARLEIAL, A. N. (org.). **População, sociedade e desenvolvimento**. Fortaleza: EdUECE, 2004. p. 11–26.

CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**: materiais para seu estudo. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1986. v. 1.

CAVALCANTE, A. L.; MAGALHÃES, K. A. **Análise da Distribuição Espacial das Instituições de Ensino Superior Brasileiras a partir dos Dados do Censo da Educação Superior de 2011**. Fortaleza: IPECE, 2014. Informe nº 72. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2012/12/lpece_Informe_72_05_fevereiro_2014.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

COELHO, I. L. GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CORBUCCI, P. R. O Ensino Superior Brasileiro na Década de 90. **Políticas Sociais: acompanhamento e análise**, v. 2, p. 105–109, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9801.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.

COSTA, M. C. L. Fortaleza, capital do Ceará: transformações no espaço urbano ao longo do século XIX. **Revista do Instituto do Ceará**, ano 127, p. 82, 2014. Disponível em: https://institutoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2014/03_FortalezacapitaldoCeara.pdf. Acesso em: 12 jul. 2022.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FEIJÓ, J. R.; MEDEIROS, C. N. de. Aspectos Demográficos de Fortaleza. In: MENEZES, A. S. B. de; MEDEIROS, C. N. de (org.). **Perfil Socioeconômico de Fortaleza**. Fortaleza: IPECE, 2012.

FREITAG, R. M. K. Pistas prosódicas para a segmentação da entrevista sociolinguística. Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala. **Anais [...]**. Maceió: Editora da UFMG, 2013. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/article/view/6160. Acesso em: 23 ago. 2021.

FREITAG, R. M. K. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? **Revista De Estudos Da Linguagem**, v. 26, n. 2, p. 667, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12412>. Acesso em: 30 jun. 2022.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. Different Voices, Different Views: An Introduction to Current Research in Language and Gender. In: HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. (ed.). **The handbook of language and gender**. Gloucester: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 1–18.

HORA, D. da; ALVES, E. F.; ESPÍNDOLA, L. C. (org.). **Abralin – 40 anos em cena**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 1991 - Características Gerais da população e Instrução**: resultados da Amostra - nº 11 - Ceará/ Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Contagem da População 1996**. Rio de Janeiro: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=17274&t=series-historicas>. Acesso em: 22 out. 2021.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Cognitive and cultural Factors**. Oxford: Blackwell, 2010. v. 3

LACERDA, K. C. A. **Migração e seletividade no mercado de trabalho de Fortaleza**: uma análise empírica. Fortaleza: IPECE, 2005. Texto para discussão nº 18. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2014/02/TD_18.pdf. Acesso em: 01 jul. 2022.

MARTINS, C. B. O ensino superior brasileiro nos anos 90. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 1, p. 41–60, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9801.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2022.

MATOS, A.; DANTAS, V. Trabalho, rendimento e desenvolvimento. In: CARLEIAL, A. N. (org.). **População, sociedade e desenvolvimento**. Fortaleza: EdUECE, 2004. p. 27–38.

MEDEIROS, C. N. de; SILVA, V. H. de O. **Perfil municipal de Fortaleza: Tema IX: As Condições Domiciliares dos Bairros**. Fortaleza: IPECE, 2012. Informe nº 44. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2012/12/Ipece_Informe_44_12_novembro_2012.pdf. Acesso em: 01 jul. 2022.

MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (ed.). **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Reference Online: Blackwell Publishing Ltd, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Diretoria de Estatísticas Educacionais. **Censo da Educação Superior** - Notas Estatísticas 2017. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf. Acesso em: 01 jul. 2022.

MOLLICA, M. C. de M. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2007.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

OLIVEIRA, J. L. de; FREIRE JUNIOR, J.; SALES, R.; MIRO, V. H. **Perfil Municipal de Fortaleza**: Tema X: A Dinâmica das Classes Sociais na Última Década. Fortaleza: IPECE, 2012. Informe no 45. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2012/12/Ipece_Informe_45_27_novembro_2012.pdf. Acesso em: 01 jul. 2022.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Variáveis sociais e perfil do corpus CENSO. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 51–84.

OUSHIRO, L. **A acomodação dialetal e a estabilidade de padrões sociolinguísticos na fala adulta**. 2016. 84 f. Relatório Científico (Pós-Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.1155832>. Acesso em: 01 jul. 2022.

PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. (org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 179–190.

RODRIGUES, L.; MEDEIROS, C. N. de; LIMA, L. H. de. **Perfil Municipal de Fortaleza** — Tema XI: Perfil do Analfabetismo nos Bairros. Fortaleza: IPECE, 2012. Informe nº 47. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2012/12/Ipece_Informe_38_23_agosto_2012.pdf. Acesso em: 01 jul. 2022.

SANKOFF, G.; BLONDEAU, H. Language change across the lifespan: /r/ in Montreal French. **Language**, v. 83, n. 3, p. 560–588, 2007.

SERAINE, F. **Linguagem e Cultura**: estudos e ensaios. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

SILVA, V. H. de O.; NASCIMENTO, C.; FEIJÓ, J. **Perfil Municipal de Fortaleza** — Tema VII: Distribuição Espacial da Renda Pessoal. Fortaleza: IPECE, 2012. Informe nº 42. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/Ipece_Informe_42_outubro_2012.pdf. Acesso em: 01 jul. 2022.

SILVA, V. H. M. C. **Perfil Municipal de Fortaleza**: Perfil da Juventude em Fortaleza: Aspectos Socioeconômicos a partir dos dados do Censo 2010. Fortaleza: IPECE, 2013. Informe nº 57. Disponível em: http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ipece-informe/ipece_Informe_57_22_abril_2013.pdf. Acesso em: 01 jul. 2022.

STUDART, B. de. Antonio Cardoso de Barros. **Revista do Instituto Histórico do Ceará**, v. 33, p. 294–299, 1919.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1990.

VIANA, R. B. de M. **Uma fotografia variacionista dos verbos existenciais haver/existir/ter no português oral culto de Fortaleza-CE**. 2018. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

VIEIRA JUNIOR, A. O. O Açoite da Seca: Família e Migração no Ceará (1780-1850). Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. **Anais** [...]. Ouro Preto: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2002. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/download/1138/1101>. Acesso em: 11 fev. 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Apêndice I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro (a) participante,

Estamos convidando-o (a) a participar como voluntário (a) de uma pesquisa de campo a ser realizada por meio da gravação de entrevistas sobre temas relacionados a experiências de sua vida.

A coleta será realizada com o objetivo de desenvolvermos o Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT (fase II): uma pesquisa em tempo real, cujo objetivo é constituir um banco de dados de fala de fortalezenses com nível superior completo, para a descrição e análise de fenômenos variáveis no plano fonológico, morfosintático e semântico-discursivo no português.

A entrevista coletada ficará disponível no banco de dados PORCUFORT fase II, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Estadual do Ceará sob o parecer Nº 2.493.574, para ser utilizada em pesquisas futuras sobre a língua falada. Serão resguardadas todas as informações de identificação de forma que se mantenha o anonimato.

Há riscos quanto a sua participação, tais como: vazamento de informações pessoais e constrangimento por falar de assuntos pessoais. Os benefícios de sua participação nesta pesquisa seriam os seguintes:

desenvolvimento do senso altruísta de poder contribuir para um projeto em prol dos valores culturais da comunidade e a oportunidade de conhecer melhor seu próprio modo de falar. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da sua participação, porém, se sentir desconforto emocional, dificuldade ou desinteresse poderá interromper a participação e, se houver interesse, conversar com o pesquisador.

Você poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer etapa do estudo. Para tanto, seguem os contatos do pesquisador responsável e do Comitê de Ética da UECE:

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo:
aluiza.araujo@uece.com.br/ (85) 99912.2512.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS DA UECE:
situado na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE, telefone (85)3101-9890, E-mail: cep@uece.br.

Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento, seja por motivo de constrangimento e/ou outros motivos. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Consentimento para participação

Eu, _____,
RG: _____, estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e aos possíveis riscos envolvidos na participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional a que eu venha a solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da autorização em qualquer momento, sem que a minha desistência

implique qualquer prejuízo a mim ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não trará nenhum benefício econômico. Ao mesmo tempo, libero a utilização da entrevista para fins científicos e de estudos (livros, artigos e slides), em favor dos pesquisadores, obedecendo ao que está previsto na Resolução 510/2016/CNS. Autorizo também que a interação fique disponível no banco de dados acima referido para ser utilizada em pesquisas futuras.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do (a) participante:

Assinatura do (a) documentador (a):

Assinatura do (a) pesquisador (a):

Apêndice II – Ficha do Informante

PROJETO DESCRIÇÃO DO PORTUGUÊS ORAL CULTO DE FORTALEZA – FASE II PORCUFORT FASE II

FICHA DO INFORMANTE DADOS DA ENTREVISTA

1.1 DADOS DO INQUÉRITO

- A) DATA ____ / ____ / ____
- B) TIPO () EF () D2 () DID
- C) Nº DO INQUÉRITO: _____
- D) DOCUMENTADOR(ES): _____
Fone(s): _____
E-mail: _____
- E) TEMA: _____
- F) LOCAL: _____
- G) DURAÇÃO: _____
- H) GRAU DE INTIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES:
Grande () Médio () Escasso () Nulo ()
- I) GRAU DE INTIMIDADE ENTRE LOCUTORES E DOCUMENTADORES:
Grande () Médio () Escasso () Nulo ()

1.2 DADOS DOS INFORMANTES

- A) NOME: _____
- B) SEXO/GÊNERO: Masculino () Feminino () Outros: _____
- C) NATURALIDADE:
() Fortalezense () Cearense – veio para Fortaleza com menos de ____ anos. (de 0 a 5 anos)
- D) DATA DE NASCIMENTO E IDADE: _____
- E) ENDEREÇO: _____
Bairro onde morou a maior parte de sua vida: _____
Você mora em casa/apartamento próprio ou alugado? _____
- F) TELEFONE: _____ E-MAIL: _____

- G) VIAGENS (PARA ONDE E POR QUANTO TEMPO): _____
- H) CONHECIMENTO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: _____
- I) GRAU DE UTILIZAÇÃO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: _____
- J) FORMAÇÃO ACADÊMICA (curso de graduação e pós-graduação – especialização, mestrado, doutorado – e faculdade/universidade onde cursou): _____
- K) PROFISSÃO: _____
- L) OUTRAS ATIVIDADES: _____
- M) ESTADO CIVIL:
 Solteiro Casado Divorciado Relação estável Outros
- N) CHEFE DE SUA FAMÍLIA: Você Cônjuge Pais Avós Tios Outros
- O) NATURALIDADE DOS PAIS: Pai _____ – Ce
Mãe _____ – Ce
- P) OCUPAÇÃO DOS PAIS: Pai _____
Mãe _____
- Q) ESCOLARIDADE DOS PAIS: Pai _____
Mãe _____
- R) NATURALIDADE DO CÔNJUGE: _____
- S) OCUPAÇÃO DO CÔNJUGE: _____
- T) ESCOLARIDADE DO CÔNJUGE: _____
- U) FILHOS (sexo, idade): _____
- _____
- Estudam ou trabalham? Se eles trabalham, qual a profissão? _____
- _____
- Ou estudam e trabalham? Se eles estudam, qual a escola ou universidade? _____
- _____

1.3 HÁBITOS E PREFERÊNCIAS

- A) O que você gosta de ler?

- B) Com que frequência você lê?

- C) Você gosta de escrever? Se sim, o quê e com qual frequência você escreve?

- D) Como você gosta de se divertir?

- E) Você assiste TV? O que gosta de ver na programação da TV?

- F) Você torce para algum time de futebol? Qual?

G) Você gosta de morar em Fortaleza?

1.4 DESCREVA O AMBIENTE DO INQUÉRITO

A) HOUVE INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES? De quem? Quantas vezes?

B) DURANTE A ENTREVISTA, O INFORMANTE APRESENTOU POSTURA:

a. cooperativa () b. não cooperativa () c. agressiva () d. indiferente ()

C) FORAM CARACTERÍSTICAS APRESENTADAS PELO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:

a. tímido () b. vivo () c. perspicaz () d. sarcástico () e. apressado ()

Anexo I – Fotografias dos Coordenadores do Projeto Porcufort em suas Duas Fases

Fotografia 2 – Prof.^aDr.^a Aluiza Araújo e Prof. Dr. Lemos Monteiro, Coordenadores do Projeto PORCUFORT em suas Fase I e II



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita, Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo, coordenadora do PORCUFORT Fase II e bolsista do CNPq da Fase I; Prof. Dr. José Lemos Monteiro, coordenador da Fase I, em 09 de outubro de 2019, ocasião da comemoração dos 25 anos do PORCUFORT Fase I durante o IV FELCE – Fórum de Estudos Linguísticos do Ceará, de 8 a 9 de outubro de 2019, no auditório José Albano do CH da UFC.

Fotografia 3 – Coordenadora e colaboradoras do Projeto PORCUFORT Fase II



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita: Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo, coordenadora do PORCUFORT Fase II e bolsista do CNPq da Fase I; Prof.^a Dr.^a Maria Lidiiane de Sousa Pereira e Prof.^a M.^a Raket Beserra de Macêdo Viana, em ocasião do Lançamento do Livro Fotografias Sociolinguísticas de Fortaleza-CE (1^a edição) durante evento comemorativo dos 20 anos do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 21 de novembro de 2018.

Anexo II – Fotografia das Documentadoras Voluntárias, Alunas do Curso de Letras da UECE na Fase I

Fotografia 4 – Prof.^a Aluiza Alves de Araújo, Prof.^a Cristiane Ferreira de Sousa e Prof.^a Katia Cilene David da Silva, alunas bolsistas na Fase I



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita, Prof.^a Aluiza Alves de Araújo, Prof.^a Cristiane Ferreira de Sousa e Prof.^a Katia Cilene David da Silva em ocasião de sua formatura no Curso de Letras, no dia 02 de agosto de 1996 no Ginásio Paulo Sarasate.

Fotografia 5 – Prof.^a Aluiza Alves de Araújo, Prof.^a Cristiane Ferreira de Sousa, alunas bolsistas na Fase I



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita, Prof.^a Aluiza Alves de Araújo e Prof.^a Cristiane Ferreira de Sousa, no bosque do Centro de Humanidades da UECE, em junho de 2022.

Fotografia 6 – Prof.^a Katia Cilene David da Silva e Prof.^a Aluiza Alves de Araújo alunas bolsistas na Fase I



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita, Prof.^a Katia Cilene David da Silva e Prof.^a Aluiza Alves de Araújo, em junho de 2022.

ANEXO III – Fotografias dos documentadores voluntários, alunos do curso de Letras da UECE na Fase II

Fotografia 7 – Alunos da turma de Sociolinguística em 2018 e coordenadora



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita: Vânia dos Anjos, Gabriel Lima, Olavo Vasconcelos, Daniele Coelho, Hellensson Araújo, Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo, Lorena Bezerra, Deys Lima e Ruanna Carvalho.

Fotografia 8 – Aluna voluntária e coordenadora



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita:
Ana Paula Oliveira e Prof.ª Aluiza Alves de Araújo.

Fotografia 9 – Coordenadora e aluno voluntário



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita:
Prof.ª Aluiza Alves de Araújo e Matheus Alcântara.

Fotografia 10 – Alunos da turma de Sociolinguística em 2019 e coordenadora



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita: Olavo Vasconcelos, Maria de Fátima Mendes, Mayara Freitas, Jucileno Sousa, Prof.^a Aluiza Araújo, Edna Santos, Marcelo Sousa, Guilherme Martins e Naelson Gonçalves.

Fotografia 11 – Coordenadora e aluno voluntário



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita: Prof.^a Aluiza Araújo e Miguel Teodoro.

Fotografia 12 – Coordenadora e alunos voluntários



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita:
Antoelfia Meneses, Prof.^a Aluiza Araújo e Omni Silva.

Fotografia 13 – Coordenadora e alunas voluntárias



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita:
Lilian Silva, Prof.^a Aluiza Araújo e Ruanna Carvalho.

Fotografia 14 – Aluno voluntário e coordenadora



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita:
Daniel Malaquias e Prof.^a Aluiza Araújo.

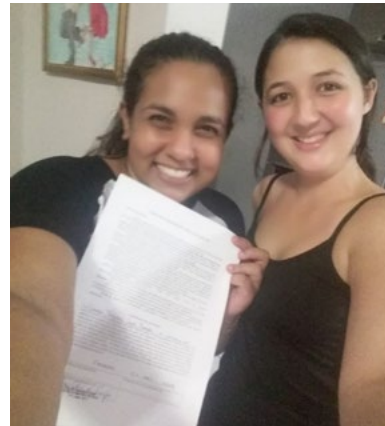
Anexo IV – Fotos com Informantes do Porcufort Fase II

Fotografia 15 – Informante durante gravação de Elocução Formal



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Informante durante gravação de inquérito do tipo Elocução Formal – EF, em 2019.

Fotografia 16 – Aluna documentadora e informante de Diálogo entre Informante e Documentador



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Documentadora Luana Bastos e informante após gravação de um inquérito do tipo Diálogo entre Informante e Documentador – DID, em 2019.

Anexo V – Fotografias dos Coordenadores do Curso de Letras da Uece Durante o Período do Projeto na Fase II

Fotografia 17 – Coordenador do Curso de Letras UECE
Letras no período de junho de 2017 a junho de 2019



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Prof. Dr. Tobias Lima Sales Coordenador do Curso de Letras no período de junho de 2017 a junho de 2019.

Fotografia 18 – Vice-coordenadora do Curso de Letras
UECE no período de junho de 2017 a junho de 2019



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Prof.ª Dr.ª Cinthya Sousa Machado, Vice-coordenadora do Curso de Letras no período de junho de 2017 a junho de 2019.

Fotografia 19 – Vice-coordenadora do Curso de Letras
UECE no período de agosto de 2019 a julho de 2021



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Prof.ª Dr.ª Lena Lúcia Espíndola Rodrigues Figueirêdo, Vice-coordenadora do Curso de Letras no período de 2019 a 2021.

Fotografia 20 – Atual Coordenadora do Curso de Letras UECE (2021-2024)



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Prof.ª Dr.ª Arminda Silva de Serpa, Coordenadora do Curso de Letras para a gestão 2021 a 2024.

Fotografia 21 – Atual Vice-coordenadora do Curso de Letras UECE (2021-2024)



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Prof.ª Dr.ª Sílvia Malena Modesto Monteiro, Vice-coordenadora do Curso de Letras para a gestão 2021 a 2024.

Anexo VI – Fotografias dos Coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – Posla – UECE Durante o Período do Projeto na Fase II

Fotografia 22 – Coordenador do Programa de Pós-Graduação em
Linguística Aplicada – PosLA/UECE na gestão 2019 a 2021



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Prof. Dr. Lucineudo Machado Irineu,
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em linguística
Aplicada – PosLA-UECE na gestão 2019 a 2021.

Fotografia 23 – Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em linguística Aplicada – PosLA/UECE no período de abril a dezembro de 2019 e atual Vice-coordenadora (2021-2023)



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Prof.ª Dr.ª Rozania Maria Alves de Moraes, Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em linguística Aplicada – PosLA/UECE durante o período de abril a dezembro de 2019 e 2021-2023.

Fotografia 24 – Secretários do Programa de Pós-Graduação em linguística Aplicada – PosLA/UECE na Fase II



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita, Jamille Azevedo da Cunha, secretária do Programa de Pós-Graduação em linguística Aplicada – PosLA-UECE desde 2015 e Francisco Ismael Araújo Rebouças também secretário do Programa de Pós-Graduação em linguística Aplicada – PosLA-UECE, desde 2018.

Fotografia 25 – Atual Coordenador do Programa de Pós-Graduação em linguística Aplicada – PosLA/UECE gestão 2021-2023



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho Coordenador do Programa de Pós-Graduação em linguística Aplicada – PosLA-UECE para a gestão 2021-2023.

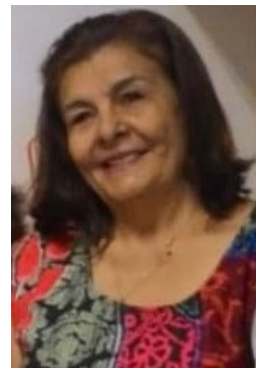
Anexo VII – Fotografias de Funcionários do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará – Uece Durante a Fase I

Fotografia 26 – Funcionário do Centro de Humanidades na Fase I, atuando na secretaria do Curso de Letras



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Seu Toinho, Antonio Duarte Monte, trabalhou no Curso de Letras, no turno noite, de 1993 a 1996, *in memoriam*.

Fotografia 27 – Funcionária do Centro de Humanidades na Fase I



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Filomena Leite Maciel, funcionária do CH na década de 1990, no turno noite.

Fotografia 28 – Funcionária do Centro de Humanidades na Fase I, atuando Coordenação e Chefia de Língua Portuguesa



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Deborah Márcia de Sá Barbosa, trabalhou na Coordenação e Chefia de Língua Portuguesa nos anos de 1993 e 1994.

Fotografia 29 – Prefeito do Centro de Humanidades durante a Fase I



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Ivan Leite Braga, Prefeito do CH no período entre 1991 até 2017.

Anexo VIII – Fotografias de Funcionários do Centro de Humanidades da UECE Durante a Fase II

Fotografia 30 – Secretária Geral e Diretora da atual
gestão do Centro de Humanidades da UECE



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita: Janete Araújo da Silva, secretária do CH e Prof.^a Dr.^a Adriana Maria Duarte Barros, diretora CH na segunda gestão (2018-2024). Exerceu Mandato como Vice-diretora do CH, tendo o Prof. Dr. Ruy como Diretor no período de 01 de outubro de 2016 a 24 de agosto de 2017. Seu primeiro mandato como Diretora do CH foi no período de 01 de setembro de 2017 até 02 de outubro de 2020. Foto realizada ainda durante o período de cuidados sanitários rígidos da pandemia de COVID-19, por isso, o uso de máscaras.

Fotografia 31 – Diretora da gestão atual do Centro de Humanidades da UECE



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Prof.ª Dr.ª Adriana Maria Duarte Barros, diretora CH na segunda gestão (2018-2024)

Fotografia 32 – Professoras e Funcionários do Centro de Humanidades da UECE



Arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita: Prof.ª Dr.ª Cinthya Sousa Machado, professora do Curso de Letras; Sandra Ferreira Santana Lima, Auxiliar de Serviços Gerais; Prof.ª Dr.ª Aluiza Alves de Araújo, professora do Curso de Letras; Ana Paula Sales Portela Lima e Yalga Alves Barbosa, secretárias do Curso de Letras, tarde e noite; Roseli Pedrosa da Silva e Sonia Sousa Dias Nascimento, Auxiliar de Serviços Gerais; Cleidson Nazareno Oliveira Bezerra, Prefeito do CH; Fernando Rocha do Nascimento, Auxiliar de Serviços Gerais; José Adriano Nascimento Nogueira, Porteiro do Estacionamento; e Francisco Antônio da Silva, Guarda Patrimonial. Foto realizada ainda durante o período de cuidados sanitários rígidos da pandemia de COVID-19, por isso, o uso de máscaras.

Fotografia 33 – Secretárias do Curso de Letras do Centro de Humanidades da UECE, turno manhã



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita: Maria Emília Holanda Lira, Secretária do Curso de Letras a partir de 1994 no Departamento de Língua Estrangeira; e Suzana Maria Aquino de Sousa Magalhães, Secretária do Curso de Letras pela manhã.

Fotografia 34 – Secretárias do Curso de Letras, turnos tarde e noite e Secretária Geral do Centro de Humanidades da UECE



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Da esquerda para a direita: Suzana Maria Aquino de Sousa Magalhães, Neyrta Kelma Aguiar de Aquino, Maria Antonia de Araujo Rocha Pinheiro e Maria Emília Holanda Lira, secretárias do Curso de Letras, dos turnos manhã, tarde e noite. Neyrta Kelma Aguiar de Aquino foi Secretária Geral do CH na década de 1990, juntamente à Secretária Madalena Queiroz Dantas.

Fotografia 35 – Secretária do Curso de Letras do Centro de Humanidades da UECE, turno manhã



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Maria Antonia de Araujo Rocha Pinheiro, secretária do Curso de Letras desde 2018, pela manhã.

Fotografia 36 – Secretária do Curso de Letras do Centro de Humanidades da UECE, turnos tarde e noite



Fonte: arquivo pessoal, 2021. Yalga Alves Barbosa, secretária do Curso de Letras, turnos tarde e noite.

Sobre as Autoras

Aluiza Alves de Araújo

Doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará – UFC e graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. É professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA da UECE. É coordenadora do Projeto de pesquisa intitulado Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT (fase II): uma pesquisa em tempo real e do Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará – LAPESCE. Lidera o grupo de Estudos e Pesquisas sociolinguísticas de Fortaleza- CE (SOCIOFOR). Tem experiência na área de Sociolinguística e Dialetoлогия.

Maria Lidiane de Sousa Pereira

Doutora e Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras - Língua Portuguesa (2014), pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atua na área de Letras com ênfase em Língua Portuguesa, Linguística e Sociolinguística Variacionista. Atualmente, é colaboradora dos Projetos Fotografias sociolinguísticas de aspectos fonológicos e morfossintáticos do falar de Fortaleza-CE e Projeto variação linguística de aspectos lexicais e morfossintáticos de Fortaleza. É membro do Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE) vinculado ao PosLA e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística de Fortaleza (SOCIOFOR).

Rakel Beserra de Macêdo Viana

Doutora e Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Graduada em Letras Português/Inglês pela mesma instituição, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - UECE/FAFIDAM (2007). Especialista em Gestão Educacional (2009), em Ensino de Língua Inglesa (2012) e em Linguística Forense (2022). Professora Mestre L da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Tem experiência no Ensino Básico com desenvolvimento de Projetos de Leitura e Escrita e no Ensino Superior em Educação à Distância. É membro do Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE) vinculado ao PosLA e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística de Fortaleza (SOCIOFOR).

Índice Remissivo

B

banco de dados 14, 15, 16, 18, 21, 26, 32, 38, 42, 43, 44, 58, 60, 61, 62, 66, 87, 88, 99, 103, 111, 126, 132, 136, 141, 152, 153, 164, 174, 181, 183

C

Ceará 9, 14, 16, 18, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 39, 42, 43, 44, 56, 60, 63, 81, 85, 93, 94, 96, 100, 120, 124, 125, 127, 128, 129, 141, 158, 161, 175, 176, 177, 180, 181, 187, 188, 204, 210
Comitê de Ética 43, 53, 100, 181, 182
Conselho Nacional de Saúde 43, 101, 176
corpus 9, 17, 32, 41, 43, 48, 53, 57, 58, 62, 68, 69, 87, 100, 112, 114, 116, 117, 119, 120, 121, 131, 133, 134, 136, 137, 139, 141, 153, 179
cult a 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 40, 44, 87, 88, 89, 99, 103, 111, 174, 176, 177
culto 20, 21, 87, 88, 103, 114, 175, 180

D

database 50, 153, 174
diálogo 153, 167
Dragão do Mar 30, 31

E

economia 26
extralinguísticas 23

F

fonético-fonológico 15, 16, 17, 87
fonológico 15, 16, 17, 87, 181
Fortaleza 8, 9, 14, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 45, 46, 49, 59, 61, 62, 63, 65, 66, 80, 81, 82, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94,

95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 111, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 134, 135, 158, 159, 160, 161, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 189, 210

fortalezenses 16, 20, 21, 30, 32, 34, 37, 39, 40, 42, 44, 45, 58, 61, 62, 63, 69, 88, 95, 96, 98, 101, 103, 104, 114, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 153, 174, 181

G

gravação 48, 49, 56, 60, 68, 77, 78, 79, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 143, 144, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 167, 170, 181, 197

H

heterogeneidade 20, 22
história 9, 14, 15, 16, 18, 26, 31, 32, 34, 174
histórico 16, 174

L

língua 16, 20, 21, 22, 23, 37, 51, 56, 64, 89, 104, 120, 176, 181
linguística 15, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 26, 40, 46, 51, 60, 64, 87, 88, 89, 120, 126, 127, 174, 176, 179, 201, 202, 203, 210

M

morfossintático 15, 16, 17, 87, 181

P

PORCUFORT 8, 9, 14, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 75, 76, 77, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 111,

112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121,
122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130,
131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139,
141, 142, 143, 144, 152, 153, 154, 158,
162, 163, 174, 175, 181, 184, 187, 188,
197, 210

preconceito 21, 176

S

semântico-discursivo 15, 16, 17, 87, 181
sociolinguística 20, 23, 24, 38, 51, 52, 88,
100, 102, 107, 132, 147, 162, 164, 176,
177, 179

Sociolinguística 17, 20, 22, 46, 53, 60, 87,
88, 89, 100, 107, 112, 180, 192, 194, 210
sociolinguísticos 14, 16, 19, 20, 21, 22, 24,
26, 47, 53, 64, 88, 107, 164, 174, 179

T

tempo real 15, 17, 23, 24, 64, 87, 88, 89,
163, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 172,
179, 181, 210

U

UECE 9, 16, 39, 43, 44, 54, 56, 69, 100,
107, 127, 130, 135, 162, 182, 188, 189,
190, 192, 198, 199, 200, 201, 202, 203,
204, 206, 207, 208, 209, 210

V

variação linguística 20, 46, 51, 126, 127,
210

www.pimentacultural.com

PORCUFORT

uma história em dois tempos